



**TÂNIA DOS SANTOS  
PINTO DA MOTA**

**CENTRO DA CIDADE: “AS NOTÍCIAS DA MINHA  
MORTE SÃO MANIFESTAMENTE EXAGERADAS”?**



**TÂNIA DOS SANTOS  
PINTO DA MOTA**

**CENTRO DA CIDADE: “AS NOTÍCIAS DA MINHA  
MORTE SÃO MANIFESTAMENTE EXAGERADAS”?**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Planeamento Regional e Urbano, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Cristina do Nascimento Rodrigues Madeira Almeida de Sousa Gomes, Professora Auxiliar do Departamento das Ciências Sociais, Políticas e do Território e coorientação do Mestre Frederico Amado Moura e Sá, Assistente Convidado do Departamento das Ciências Sociais, Políticas e do Território da Universidade de Aveiro

À minha querida mãe

## **o júri**

Presidente

Prof. Doutor Paulo António dos Santos Silva  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Vogais

Prof. Doutor José Carlos Baptista da Mota  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Maria Cristina do Nascimento Rodrigues Madeira Almeida de  
Sousa Gomes  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

## **Agradecimentos**

O primeiro grande agradecimento dirige-se à minha orientadora, Professora Doutora Maria Cristina Sousa Gomes e ao meu coorientador, Professor Doutor Frederico Moura e Sá. Agradeço pela disponibilidade, pela paciência e pelo conhecimento transmitido.

O segundo agradecimento dirige-se à minha família que tanto fizeram por mim, ao longo do meu percurso académico: pai, mãe, tios António e Fátima e Fernanda, Augusto e Wilson.

Finalmente, o último agradecimento dirige-se às minhas amigas, importantes pilares da minha vida: Marina, Cláudia, Cristiana, Rosa, Ana e Libânia. Obrigada pelos momentos de partilha das alegrias, das tristezas e da interajuda.

**palavras-chave**

Concelhos, Freguesias, Centro da cidade, Delimitação.

**Resumo**

O centro da cidade é o espaço da cidade mais prestigiado, o local da cidade onde as pessoas podem conviver, trabalhar e aceder a comércio e a serviços. Nas últimas décadas muito se tem apregoadado sobre a morte do centro tradicional, considerado o centro histórico das cidades.

Com vista a desmitificar a morte há muito anunciada dos centros históricos, inicia-se uma confrontação de perspetivas de vários autores com o intuito de perceber as razões subjacentes a essa crença. Uma das causas apontadas à morte dos centros históricos tem a ver com o envelhecimento da população residente nestes locais das cidades. Centrando a atenção na vertente demográfica, procura-se de seguida perceber a dinâmica demográfica de diversos concelhos e freguesias centrais com o intuito de perceber se a dinâmica demográfica é semelhante entre as diversas escalas de análise. De seguida definem-se critérios para delimitar o objeto de estudo “centro de cidade” e estuda-se a dinâmica demográfica do centro da cidade de Aveiro. Este será o caso de estudo que permitirá perceber se efetivamente os centros históricos encontram-se envelhecidos, como se tem vindo a divulgar nas últimas décadas e sugerem-se uma série de indicadores e recomendações que visam facilitar a delimitação do centro no espaço da cidade

**keywords**

Municipalities, City centre, Delimitation.

**abstract**

The centre is the most prestigious space in the city. It is where people can live, work and access to trade and services. In recent decades a lot has been told about the end of the traditional centre, which is considered the historical part of the city.

In order to demystify the long announced death of historic centres, it will be exposed some different point of views of several authors. This will help us to understand the underlying reasons for this belief.

It is held that one of the causes for the death of historic centres is related to the aging of those who live there. As far as the demographic aspects are concerned, a study will take place on different municipalities to realize if demographic dynamic is similar between the different features of analysis.

Afterwards, criteria will be defined to delimit the study object, "city centre", and the population dynamics of the centre of Aveiro will be analysed. This will allow us to effectively comprehend if the historic centres are indeed aged, as it has been spread in recent decades. A series of indicators and recommendations is also suggested to facilitate the delimitation of the city centre on the city space.

INDICE	
INDICE DE FIGURAS .....	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	15
1.1 O centro da cidade .....	16
1.2 A evolução do centro no contexto da cidade.....	19
1.3 A crise do centro tradicional.....	26
1.4 Síntese e discussão .....	33
CAPÍTULO II - ANÁLISE DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA DOS CONCELHOS E FREGUESIAS CENTRAIS .....	36
2.1 Metodologia.....	37
2.1.1 Objeto de estudo .....	37
2.1.1.1 Concelhos .....	37
Fonte: Elaborado a partir de Mapa de Portugal.....	37
2.1.1.2 Freguesias Centrais .....	37
2.1.2 Variáveis demográficas .....	43
2.2 Análise demográfica.....	44
2.2.1 População residente .....	44
2.2.2 População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos.....	48
2.2.3 População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos.....	51
2.2.4 População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos.....	53
2.2.5 População residente com idade igual ou superior a 65 anos .....	56
2.3 Síntese e discussão .....	58
CAPÍTULO III – O CENTRO DA CIDADE DE AVEIRO .....	63
3.1 Metodologia.....	63
3.1.1 Objeto de estudo .....	63
3.1.1.1 O centro da cidade de Aveiro .....	64
Fonte: Autora da dissertação .....	70
3.1.1.2 A cidade consolidada de Aveiro.....	71
3.2 Análise demográfica.....	76
3.2.1 População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos.....	76
3.2.2 População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos.....	79
3.2.3 População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos.....	82
3.2.4 População residente com idade igual ou superior a 65 anos .....	85
3.3 Síntese e discussão .....	88
CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO.....	89
BIBLIOGRAFIA .....	95
ANEXOS .....	99

## INDICE DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição dos movimentos nos diversos modelos da cidade .....	23
Figura 2. O contexto das últimas décadas do século XX e o seu impacto no território .....	34
Figura 3. Localização concelhos capitais de distrito em Portugal Continental.....	37
Figura 4. Delimitação centro da cidade de Aveiro .....	65
Figura 5. Localização da Cidade Alargada de Aveiro no espaço do concelho de Aveiro .....	71
Figura 6. A Cidade Consolidada de Aveiro.....	72

## INDICE DE TABELAS

Tabela 1. Conceitos de Centro Histórico.....	17
Tabela 2. Influência das novas procuras no centro histórico .....	30
Tabela 3. Características das freguesias centrais dos concelhos da Região Norte.....	40
Tabela 4. Características das freguesias centrais dos concelhos da Região Centro.....	41
Tabela 5. Características das freguesias centrais da região da Área Metropolitana de Lisboa.....	41
Tabela 6. Características das freguesias centrais dos concelhos da região do Alentejo .....	42
Tabela 7. Características das freguesias centrais da região do Algarve.....	42
Tabela 8. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente dos concelhos e das freguesias centrais com a mesma dinâmica demográfica .....	45
Tabela 9. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente dos concelhos e freguesias centrais que perderam população.....	46
Tabela 10. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente nos concelhos e freguesias centrais com a mesma dinâmica demográfica .....	48
Tabela 11. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos com diminuição da população residente e das freguesias com aumento da população residente.....	49
Tabela 12. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos com aumento da população residente e das freguesias com diminuição da população residente.....	50
Tabela 13. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos com diminuição da população residente e das freguesias com aumento e diminuição da população residente .....	52
Tabela 14. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos e freguesias centrais com aumento da população residente .....	53
Tabela 15. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos e freguesias centrais com dinâmicas demográficas contraditórias quanto à população residente .....	55
Tabela 16. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos e freguesias centrais com os menores aumentos da população residente .....	57

## INDICE DE MAPAS

Mapa 1. Percentagem dos edifícios construídos antes de 1919 .....	67
Mapa 2. Percentagem de edifícios construídos antes de 1919 em 2011 .....	68
Mapa 3. Percentagem dos edifícios principalmente não residenciais .....	69
Mapa 4. Delimitação do centro da cidade de Aveiro.....	70
Mapa 5. Localização da Cidade Consolidada de Aveiro e do centro da cidade de Aveiro no contexto do concelho de Aveiro.....	73
Mapa 6. Vista aérea da localização da Cidade Consolidada de Aveiro e do centro da cidade de Aveiro no contexto do concelho de Aveiro .....	74
Mapa 7. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos em 2001 ..	76
Mapa 8. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos em 2011 ..	77
Mapa 9. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos em 2001	79
Mapa 10. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos em 2011 .....	80
Mapa 11. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos em 2001 .....	82
Mapa 12. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos em 2011 .....	83
Mapa 13. Distribuição da população residente tem idades iguais ou superiores a 65 anos em 2001 .....	85
Mapa 14. Distribuição da população residente tem idades iguais ou superiores a 65 anos em 2011 .....	86

## **INTRODUÇÃO**

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado de Planeamento Regional e Urbano e o tema de investigação centrar-se-á no estudo dos centros das cidades em Portugal, focando a atenção no estudo particular do centro da cidade de Aveiro.

O centro da cidade é considerado o centro da vida urbana, o espaço onde tudo acontece, onde as pessoas se deslocam diariamente para realizar compras, para conviver, divertir a até mesmo recorrer aos serviços presentes neste espaço. O centro da cidade é considerado o coração de uma cidade Jacobs (2000).

O objeto de estudo “centro” da cidade é de difícil delimitação, uma vez que não existem indicadores consensuais para o delimitar. Ou seja, enquanto para Carvalho (2013), o centro da cidade corresponde à área com maior espaço dedicado às atividades terciárias, para o IHRU (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana), o centro da cidade corresponde à área mais antiga da cidade, à área de onde se inicia a expansão da cidade.

Por outro lado, a informação existente sobre “centro de cidade” é vasta e diversa o que dificulta não só a caracterização da realidade de qualquer centro de cidade, como também a adoção de políticas públicas adequadas e integradas.

Importa assim perceber um pouco do contexto subjacente à evolução do centro das cidades, para se poder explorar o “objeto” de estudo em causa. A cidade até meados do século XX era monocêntrica, ou seja, toda a vida urbana acontecia num único centro. Entretanto, nas últimas décadas do século passado, a periferia da cidade é vista como um local atrativo para pessoas, comerciantes, industriais e prestadores de serviços. A periferia torna-se um local de eleição para os diversos grupos da sociedade civil, por ser o local da cidade mais barato, mais espaçoso e com menos exigências burocráticas ao nível da construção e licenciamento (Salgueiro, 2006). Existem outros fatores indissociáveis que impulsionaram a “fuga” para a periferia. São eles a banalização do uso do automóvel, o desenvolvimento das novas tecnologias e o fenómeno da globalização. Esta “expansão” da cidade para a periferia fez com que surgisse neste espaço da cidade novos centros, que vieram suprimir as necessidades outrora colmatas pelo centro tradicional. A cidade outrora dominada por um único centro, viu surgir nas últimas décadas, um conjunto de centralidades que competem não só com o velho centro tradicional, como também competem entre si (Salgueiro, 1994).

Assim, o centro tradicional que é considerado o centro histórico (Carvalho, 2013) e que corresponde às “Zonas centrais mais antigas dos aglomerados urbanos, cuja malha urbanística e pelo menos parte significativa das edificações, remontam às fases iniciais do seu processo de crescimento urbano” (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2014), é preterido por estes novos centros de cidade, que correspondem aos locais com “concentrações de comércio, serviços, escritórios, restauração, terciário em geral” (Carvalho, 2013, p. 214). Barreto (2010) considera que os primeiros são considerados património e Carvalho (2013) considera que os segundos são espaços de lazer, de concentração de elevadas massas populacionais.

A problemática desta dissertação centra-se no centro histórico, uma vez que, em relação a esta matéria, as opiniões não são consensuais. Peixoto (2014), Sebastião (2010) e Cavém (2007) atribuem aos centros históricos um estado defunto, uma crise há muito anunciada que pode levar ao desaparecimento destes centros, bem como do património neles existentes. Porém, a esta crise amplamente divulgada, contrapõe-se o aumento da preocupação com os centros históricos e o turismo nos mesmos (Peixoto, 2003). À anunciada inadaptação dos centros ao automóvel contrapõe-se o aumento da taxa de motorização nos últimos anos para aceder a estes espaços, pois constituem locais de elevada empregabilidade (Seabra, Pinheiro, Marcelino, Santos, & Leitão, 2011). À declaração de abandono massivo dos centros tradicionais, contrapõe-se o argumento que estes espaços são únicos e deveras procurados por diversos grupos da sociedade civil, que veem nos locais mais antigos e tradicionais das cidades, espaços ideais para colmatar as suas necessidades. Após toda esta diversidade de informação, impõe-se uma questão: “Estarão os centros tradicionais mesmo mortos?”

Após enunciar-se algumas das contrariedades apontadas quanto ao estado dos centros históricos, vê-se que os centros poderão ou não estar “mortos” em várias vertentes. Na presente dissertação focar-se-á a atenção apenas na vertente demográfica e para confirmar ou refutar a questão enumerada, estudar-se-á apenas um centro da cidade, no caso o centro da cidade de Aveiro o fim de um estudo de diversas escalas territoriais. Neste estudo, serão analisados 18 concelhos, respetivas freguesias centrais e o centro da cidade de Aveiro, sob as mesmas variáveis demográficas com o objetivo de perceber se as diferentes escalas territoriais têm a mesma dinâmica demográfica.

Assim, a presente dissertação tem como objetivos:

- Perceber o contexto da mudança

Atribui-se ao centro tradicional uma crise há muito anunciada, por isso pretende-se explorar todos os fenómenos ocorridos nas últimas décadas que levaram à anunciada “morte” do centro tradicional.

- Estudar diferentes escalas territoriais

Antes de se estudar a dinâmica demográfica do centro da cidade de Aveiro, é necessário perceber a dinâmica demográfica subjacente às freguesias onde o centro está inserido, e finalmente a dinâmica demográfica do seu concelho. É preciso estudar se as dinâmicas demográficas das diferentes escalas territoriais são as mesmas.

- Definir indicadores que permitam delimitar centro da cidade

Um dos argumentos para defender a necessidade de explorar o assunto “centro de cidades” nesta dissertação, é o facto de não haverem indicadores físicos, sociais, ou económicos consensuais que permitam identificar claramente numa cidade, qual é o seu centro. Assim sendo, um dos objetivos desta dissertação é precisamente encontrar indicadores que permitem identificar o centro da cidade de Aveiro.

Para se atingir os objetivos propostos há um caminho a percorrer. De uma forma sucinta, este caminho passará numa primeira fase por justificar a importância da temática centro de cidade e explorar a diversidade de conceitos existentes. Numa segunda fase a atenção centrar-se-á na evolução do centro no contexto da cidade, focando a atenção nas últimas décadas do século XX, quando surgiram novas centralidades na periferia das cidades, que colocaram o centro tradicional da cidade num segundo plano, num local preterido. Estas fases são importantes para cumprir o primeiro objetivo, para perceber a ligação entre o surgimento das novas centralidades e a crise do centro tradicional há muito divulgada, e finalmente, para assumir conceitos que servirão de indicadores à delimitação do centro da cidade de Aveiro.

De seguida, estudar-se-á sob diversas variáveis demográficas dezoito concelhos, respetivas freguesias e por último, o centro da cidade de Aveiro. Esta fase é importante para se perceber se as dinâmicas demográficas entre as diferentes escalas são iguais ou se por outro lado, cada escala territorial tem a sua própria dinâmica demográfica.

A estrutura desta dissertação dividir-se-á em três capítulos.

O primeiro capítulo será dedicado à importância dos centros, enquanto parte integrante de qualquer cidade, aos diversos conceitos existentes sobre o assunto (de centro

da cidade e de centro histórico), à evolução do papel do centro da cidade ao longo do tempo, e finalmente à anunciada crise do centro tradicional.

Com segundo capítulo inicia-se a componente prática desta dissertação. Analisam-se duas escalas: os concelhos das dezoito capitais de distrito de Portugal Continental e as respetivas freguesias centrais.

O terceiro capítulo será dedicado ao estudo da cidade consolidada de Aveiro e ao centro da cidade de Aveiro.

O quarto e último capítulo será dedicado às conclusões desta dissertação.

## **CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

O centro da cidade é assim o centro da vida urbana, o espaço onde tudo acontece na cidade (Jacobs, 2000). Este capítulo é dedicado ao centro da cidade, ao que é, ao seu papel no contexto da cidade e à sua evolução.

Na primeira parte reflete-se sobre a importância do papel do centro para a vida das cidades, uma vez que é o espaço onde a vida urbana acontece. É nesta primeira parte que se exploram os conceitos de centro de cidade e de centro histórico, procurando-se distinguir as características que distinguem um do outro.

A segunda parte deste capítulo é dedicada à análise da evolução do centro no contexto da cidade, focando-se a atenção nas últimas décadas do século XX, pois ocorrem um conjunto de fatores que influenciaram até hoje, a rede de centralidades das cidades e o seu modo de funcionamento.

Para Salgueiro (2006) as últimas décadas do século passado, são marcadas pela globalização, banalização do uso do automóvel, desenvolvimento das novas tecnologias, periferação de bens, serviços e pessoas, entre outros. Tudo isto contribuiu para o surgimento de diversos centros na periferia das cidades. A cidade transforma-se assim num espaço dominado por uma rede de centralidades, onde o centro tradicional compete diariamente com os novos centros, e estes entre si inclusivamente.

Esta parte é importante para se perceber a ligação entre o surgimento destas novas centralidades e a crise do centro tradicional.

A terceira e última parte é dedicada ao centro histórico. Pretende-se estudar nesta parte as causas que levaram à sua “anunciada” morte deste centro e as consequências decorrentes dessas causas no território em estudo.

### **1.1 O centro da cidade**

O centro da cidade é o espaço que confere vida à cidade. É o espaço da cidade onde existe elevada concentração de atividades do sector terciário e que por isso atraem elevadas massas populacionais diariamente (Carvalho, 2013).

Davies e Champion (1983) consideram que o centro da cidade é um espaço que afeta a qualidade de vida de qualquer cidade, pelo facto de ser um espaço multifuncional, que satisfaz necessidades várias de negócios, cultura, lazer, saúde e até mesmo de socialização (Balsas, 1999). É um espaço que atrai enormes massas populacionais, devido a vários fatores como oferta de emprego, oferta de serviços e concentração de atividades terciárias, com utilização elevada do solo, entre outros (Salgueiro, 1992). Pela conjugação destes atributos gera-se uma atmosfera única, todos os dias, no centro de qualquer cidade (Balsas, 2007).

Jacobs (2000) considera mesmo que o centro da cidade é o coração da cidade e o seu estado, influência invariavelmente a vida de uma cidade. Ou seja, quando o coração da cidade entre num estado de decadência, as estruturas política, económica e social sofrem ruturas profundas, o que afeta diretamente os ambientes económicos, sociais e culturais desejáveis numa cidade, transformando-a, num espaço de meros interesses isolados. Assim, o centro da cidade revela-se um espaço de enorme notoriedade no contexto de qualquer cidade, havendo por isso, uma enorme disputa pela sua ocupação “A presença dos poderosos, o prestígio, a segurança, a comodidade da localização fazem do centro a zona mais disputada do povoamento” (Salgueiro, 2013, p. 14).

Até meados do século XX, a cidade detinha apenas um único centro de cidade, o local de maior acessibilidade, onde se concentravam todas as atividades económicas, políticas e sociais. Atualmente a cidade é um espaço policêntrico, um espaço composto por uma rede de centralidades, onde coexistem o centro histórico e os novos centros de cidade e importa por isso, distinguir os diferentes conceitos para que se perceber as particularidades do centro histórico e dos novos centros de cidade.

O centro histórico é considerado o centro tradicional da cidade para Carvalho (2013), e corresponde à área da cidade “...onde a malha urbanística e as edificações existentes remontem à fase inicial de ocupação do território e crescimento urbano” (Instituto Nacional de Estatística (2015)).

Numa tentativa de resumir a diversidade de definições existentes sobre centro histórico, agruparam-se alguns dos conceitos existentes de acordo com a sua natureza focada em cada um (tabela 1).

**Tabela 1. Conceitos de Centro Histórico**

Natureza	Conceito de centro histórico
Espacial	"por definição um lugar central relativamente à restante área construída" (Sebastião, 2010, p.20)
	"Zonas centrais mais antigas dos aglomerados urbanos, cuja malha urbanística e pelo menos parte significativa das edificações, remontam às fases iniciais do seu processo de crescimento urbano, o que lhes confere um consensual estatuto de historicidade e como tal de património da história mais remota e da identidade dos respetivos aglomerados urbanos em que se inserem" (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2014)
	"coincide por via de regra com o pólo de origem do aglomerado, de onde irradiaram outras áreas urbanas sedimentadas pelo tempo, conferindo assim a esta zona uma característica própria cuja delimitação deve implicar todo um conjunto de regras tendentes à sua conservação e valorização" (DGOTDU, 2000 citado por Cavém, 2007, p. 15)
Funcional	"...as funções se sobrepõem e sobretudo o lugar em que se desenrolam as atividades vistas como sendo particularmente importantes, aquelas que se situam ao nível hierárquico mais elevado" ao que acresce "o lugar simbólico por excelência, o da história e da memória coletiva" (Rémy e Voyé, 2004 citados por Sebastião, 2010, p. 20)
Cultural	"Os centros históricos são espaços que remetem para uma imagem romântica e pitoresca que se expressa numa arquitetura doméstica e humilde, expressiva e cheia de significados. Perante os sentimentos que passam, o ideal mais imediato, tanto por parte dos promotores como por parte da população, é o de expulsar toda a inovação espacial arquitetónica que neles se insira, mantendo a coerência formal e acima de tudo a nostalgia" (Aguiar, 1995 citado por Coutinho, 2009, p.1)

**Fonte:** Sebastião (2010), Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (2014), Cavém (2007), Sebastião (2010) & Coutinho (2009)

Considerando a natureza espacial destaca-se a localização do centro histórico enquanto espaço central do aglomerado, correspondendo ao espaço de ocupação inicial do território, de onde partiu o crescimento da cidade.

Segundo a perspetiva funcional, centra-se a atenção na diversidade de atividades e serviços de nível superior que se localizam no centro onde tudo acontece, correspondendo ao coração tradicional das cidades.

Finalmente atendendo à natureza patrimonial enfatiza-se o património arquitetónico presente nos vários edifícios, monumentos, praças que se localizam no centro histórico, e que foram resistindo ao longo do tempo até aos dias de hoje.

Na diversidade dos conceitos de centro histórico, resulta também uma diversidade de perspetivas. Há autores que focam a malha particular existente nos centros tradicionais, outros focam sobretudo as atividades económicas existentes nos mesmos, ou

particularmente o património presente nos diversos edifícios, monumentos ou praças. Contudo, apesar da diversidade, todas as definições de centro histórico estão associadas a um lugar central do território, carregado de um simbolismo que transporta a história da cidade onde se insere.

Assumir-se-á para o presente trabalho o conceito do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, (o segundo conceito de natureza espacial presente na tabela 1) uma vez que é o conceito mais abrangente, que refere não só a malha particular dos centros históricos como também as edificações antigas presentes nos mesmos.

Após entender-se o que é o centro histórico, surge a dúvida de onde despontam e se inserem os novos centros de cidade referidos.

Os novos centros da cidade surgem a partir da década de 60 do século XX. A partir desta década, ocorrem um conjunto de fenómenos que afetaram até hoje a estrutura e o modo de funcionamento das cidades. De uma forma sucinta, Salgueiro (2006) argumenta que nas últimas décadas do século XX há um aumento do interesse pela periferia, por parte de pessoas (que veem na periferia o local ideal para terem uma casa espaçosa e mais barata), por parte da indústria, comércio e serviços (a periferia revela-se um local atrativo pois o preço do solo é mais barato, há mais espaço e há menos complicações burocráticas). Surgem assim diversos centros na periferia da cidade que passam a satisfazer diversas necessidades, quer para habitantes, industriais ou prestadores de serviços. Todo este contexto será explorado detalhadamente na segunda parte deste capítulo.

Importa assim perceber o que são estes novos centros da cidade. São entendidos como um espaço de:

“concentração de comércio, serviços, escritórios, restauração, terciário em geral, com o correspondente afluxo de pessoas – empregados e utilizadores – e o conseqüente espaço físico e social, de passeio, encontro, lazer, que decorrem da própria concentração humana” (Carvalho, 2013, p.214).

O “novo” centro da cidade é o espaço que concentra e atrai massas populacionais, devido à forte acessibilidade e multifuncionalidade e é entendido como:

“a área central de qualquer povoação individualiza-se sempre das restantes pela concentração de atividades terciárias, pela grande intensidade de usos do solo e a redução do número de alojamentos, pela atração que exerce sobre visitantes ocasionais para fazer compras, tratar de negócios, de saúde, ou por simples lazer e, ainda, pelo importante volume de emprego que fornece. O centro é o local onde a cidade se mira e apresenta, por isso é caracterizado por um grande dinamismo, o

solo é muito disputado, os edifícios crescem em altura e as ruas mostram grande movimento, quer de peões quer de viaturas” (Salgueiro, 1992, p. 312).

As perspetivas de Fernandes (2010) e Cavém (2007) não são muito distintas das anteriores, pois consideram que o “novo” centro da cidade é o espaço com maior acessibilidade, diversidade, de elevado preço do solo, com um enorme poder de atração diário sobre turistas e habitantes.

O “novo” centro da cidade é assim o “foco polarizador da vida económica e social” (Cavém, 2007, p.17).

Ao contrário do que aconteceu com as definições de centro histórico, não se sentiu necessidade de agregar os conceitos do “novo” centro de cidade de acordo com a natureza da sua definição, pois os conceitos referidos sobre este centro focam praticamente as mesmas características. Ao contrário do que acontece com o centro tradicional, os novos centros da cidade não transportam a história da cidade ao longo do tempo, e por isso, não detêm valor patrimonial. O “novo” centro da cidade é entendido em todas as definições dos autores como o local de maior acessibilidade, de concentração de atividades terciárias, de oferta de emprego, local portanto de enorme atração de massas populacionais.

Para o presente trabalho assumir-se-á como conceito destes novos centros de cidade, a definição de Jorge Carvalho, uma vez que é a que especifica as atividades do setor terciário que compõem este tipo de centros de cidade, além de ser o mais abrangente e por isso, constituirá uma boa orientação para delimitar do centro da cidade de Aveiro, centro este que será analisado do ponto de vista demográfico, no último capítulo desta dissertação.

Percebe-se que não há uma perspetiva de análise empírica que diferencia o centro histórico, do centro da cidade, daí ter-se optado por definições mais abrangentes.

## **1.2 A evolução do centro no contexto da cidade**

Na primeira parte deste capítulo referiu-se de uma forma sucinta o contexto que levou ao surgimento aos novos centros da cidade. Aqui pretende-se explorar detalhadamente toda a conjuntura que levou ao surgimento dos novos centros da cidade.

Recuando um pouco no tempo, é pertinente centrar a atenção no período da revolução industrial, uma vez que teve um impacto fortíssimo no centro de qualquer cidade do mundo, onde se fez sentir os efeitos deste período histórico.

A revolução industrial constitui assim um marco na vida das cidades, na vida do centro de qualquer cidade, uma vez que:

“...altera profundamente o tecido urbano ao introduzir novas formas urbanas imbricadas no processo produtivo – a fábrica, o bairro operário, o bairro residencial capitalista e terratenente, os armazéns, a via-férrea e as novas vias de comunicação. A produção industrial, por sua vez, induz a concentração de equipamentos, atividades e serviços, que conduz, por sua vez, à intensificação das relações económicas e sociais e ao dinamismo da própria cidade”(Barreto, 2010, p.29).

Ocorrem assim profundas alterações na estrutura política, económica e social da sociedade, devido ao crescimento demográfico, à melhoria das condições de vida, às inovações técnicas, entre outros. Há um boom demográfico, uma melhoria das condições de vida, uma extensão das cidades (extensão das vias férreas à periferia das cidades e ao centro das mesmas, gerando assim novas centralidades, juntos das estações ferroviárias). É o início da Era Moderna, e as alterações para os centros das cidades são significativas:

“O capitalismo introduz mudanças significativas na cidade. O núcleo central, que até ao século XIX tinha um papel político, passa a ter um novo papel económico. O centro da cidade transforma-se sobretudo no espaço de gestão da vida económica e de nó essencial dos transportes que permitem percorrer maiores distâncias e uma mais fácil articulação entre cidades e um processo de suburbanização mais acentuado e descontínuo, pautado sobretudo pelas estações de comboio e estradas de passagem das “carreiras”. Paralelamente, as telecomunicações encurtam progressivamente as distâncias, facilitando a organização empresarial e a vida quotidiana dos cidadãos”(Barreto, 2010, p.31).

Vê-se assim que todas as transformações ocorridas no período da revolução industrial centralizaram no centro da cidade, tudo o que é atividade económica, serviço ou meio de transporte. É o único espaço da cidade onde se pode satisfazer todas as necessidades do quotidiano (Barreto, 2010). A centralização da vida urbana num único centro da cidade altera-se no século XX.

Nas últimas décadas do século XX, ocorrem uma série de transformações indissociáveis umas das outras, que alteram para sempre o modelo monocêntrico da cidade industrial, transformando a cidade numa rede de centralidades que competem e complementam-se diariamente.

Uma das alterações referidas de uma forma sucinta na primeira parte deste capítulo tem a ver com o aumento da importância da periferia, e com a procura desta por parte de diversos grupos da sociedade civil. Assim, entende-se que por periferia nos referimos ao:

“Território urbanizado que rodeia um centro populacional marcadamente urbano... Pode caracterizar-se o subúrbio ou zona suburbana pela sua densificação progressiva e pelo tipo dominante das suas construções, pela estratificação social dos seus habitantes, pelo modo de integração da zona no aglomerado (ao nível de transportes, da diversidade de equipamentos, acesso, comércio e empregos, ou segundo a sua maior ou menor distância ao centro) ” Instituto Nacional de Estatística (2015).

A população que vê os seus rendimentos aumentarem na última década do século XX, ambiciona consequentemente uma melhoria das condições de vida e por isso, a partir da década de 70, há “cada vez maior número de famílias aspirar à posse de casa própria, independente, com jardim e mais alguns atributos significantes de standing: garagem, barbecue, piscina” (Salgueiro, 2006, p.13). Os terrenos da periferia são mais espaçosos, baratos e os processos de construção e emparcelamento são mais simples (Salgueiro, 2006). Salgueiro (2001) considera que esta deslocação da população há uma tendência contraditória, em relação à deslocação da função residencial. Por um lado, há uma deslocação massiva das classes média e alta para a periferia, pois são as classes que têm capacidade económica para comprar a dita casa individual de residência permanente. Por outro lado, a periferia também se revela um local atrativo para residência secundária.

O fenómeno de deslocação para a periferia não é exclusivo da população. O fenómeno estende-se ao comércio, bens, serviços e indústria (Salgueiro, 2001). Marques, Guerra, Santos, & Silva, (2011) defendem que a periferia é um local atrativo para todos, pelos preços mais atrativos, maior espaço, menos complicações burocráticas: “...Negocia-se melhor, mais depressa, envolvendo menos capital e com menor risco” (Marques, Guerra, Santos, & Silva, 2011, p. 16). Daí que tivessem surgido diversos parques tecnológicos, centros de escritórios e centros comerciais na periferia das cidades.

Assim, as novas formas de comércio qualificado passam a localizar-se na periferia das cidades, locais de melhor acessibilidade (Sebastião, 2010). Esta perspetiva é partilhada pelo Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres (IMTT):

“As opções de ordenamento do território e o modelo de crescimento urbano conduziram à proliferação de polos de comércio e serviços na periferia dos centros urbanos, normalmente com localizações próximas de nós de grande acessibilidade rodoviária” (Seabra, Pinheiro, Marcelino, Santos, & Leitão, 2011, p.7).

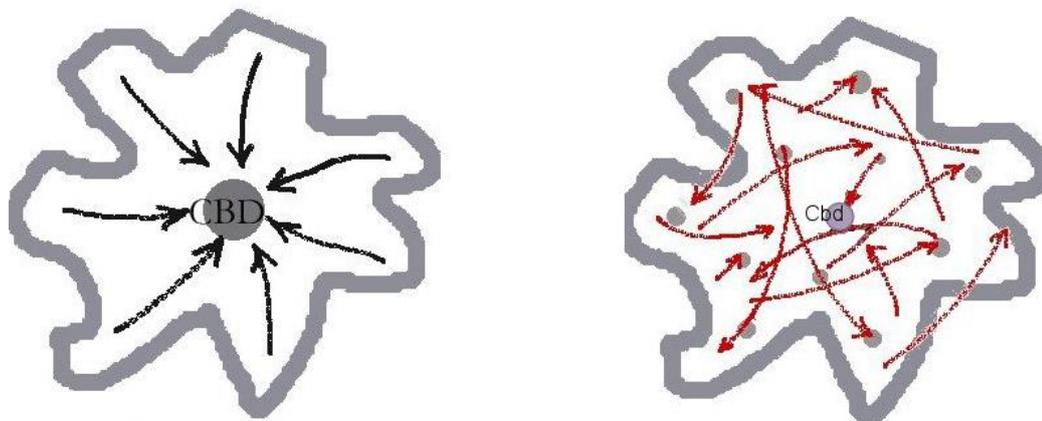
Existem ainda outros três fenómenos que são indissociáveis da deslocação para a periferia dos grupos da sociedade civil referidos.

O primeiro tem a ver com o desenvolvimento da mobilidade. Salgueiro (2006) considera que o desenvolvimento da mobilidade está relacionado com a banalização do uso do automóvel que acabou por diversificar dos movimentos das pessoas e influenciou a ocupação do território e as exigências sociais:

“De facto, com o aumento da taxa de motorização e o uso mais frequente do automóvel nas deslocações pendulares, a urbanização progride com o recurso a formulas menos densas, atinge sítios mais distantes, não servidos pelos transportes coletivos em massa. Tende a assistir-se à ligação dos antigos eixos suburbanos e ao avanço da ocupação dispersa na franja, situação que o aumento das residências secundárias ajuda a reforçar” (Seabra et al., 2011, p.60).

Marques (1999) considera ainda que o aumento da mobilidade associada ao uso do automóvel privado contribuiu para uma dispersão no território, pois os indivíduos passam a frequentar diferentes centros mediante as necessidades que pretendem satisfazer. Assim, surgem diversas centralidades: “Com estas novas mobilidades, novos centros emergem, novas funções urbanas surgem e novos consumidores aparecem” (Marques, 1999, p19). Neste contexto, Domingues (1999) considera ao contrário do que acontecia antes, em que os movimentos de pessoas e bens convergiam para um único centro, agora há um conjunto de movimentos para o centro tradicional, para as novas centralidades periféricas e ainda entre estas centralidades sem passarem pelo primeiro (ver figura 1). Bertaud (2004) além de corroborar a opinião do autor anterior, materializa a antiga e a nova diversidade de movimentos através dos esquemas abaixo. O primeiro esquema representa os movimentos de pessoas e bens quando a cidade detinha um único centro, o segundo representa a nova diversidade de movimentos de pessoas e bens descritos por Domingues (1999), onde o centro tradicional se encontra representado pela sigla “Cbd”.

**Figura 1. Distribuição dos movimentos nos diversos modelos da cidade**



**Fonte:** Bertaud (2004, p.14)

O segundo fenómeno indissociável da deslocação para a periferia dos grupos da sociedade civil referidos, e do desenvolvimento da mobilidade é o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na década de 90. Com a evolução das TIC, há um aumento dos rendimentos, um aumento da taxa de motorização das famílias e muitas atividades económicas perdem a necessidade de se localizarem nas zonas centrais das cidades (Salgueiro, 2006).

Castells e Cardoso (2005) argumentam que o desenvolvimento das TIC não substituíram as deslocações físicas, mas transformou as cidades “num conjunto de edifícios especializados ligados por redes de transportes e trocas, e em cidades inseridas em redes globais de transportes” (Castells & Cardoso, 2005, p.339).

O fenómeno das TIC permitiu “alterar os padrões espaciais das atividades dentro dessas redes” (Castells & Cardoso, 2005, p.339), ou seja, é possível que uma empresa não concentre no mesmo lugar a atividade de administração, produção e escoamento dos produtos. É possível separar e localizar as diferentes fases descritas, em diferentes lugares da cidade, ou até mesmo dos países, e estar sempre conectado possibilitando “que tudo se passe em qualquer lugar, em qualquer momento” (Castells & Cardoso, 2005, p.339). É o que se denomina de “externalização das diversas fases para outras empresas” (Salgueiro, 2001. P.58). Assiste-se por isso, ao declínio dos setores tradicionais da indústria e à segmentação do processo produtivo.

O desenvolvimento das TIC possibilitou assim às diferentes atividades e serviços, a opção de não se localizarem (pelo menos totalmente) nos centros das cidades, locais onde tudo acontece.

Há ainda um terceiro fenómeno indissociável dos anteriores, e que tem um impacto fortíssimo na organização e ocupação do território. É o fenómeno da globalização.

A globalização acarretou um “aumento dos movimentos de pessoas, bens, capitais e informações...” (Salgueiro, 2006, p.11). Estes movimentos passaram a ser muito diversificados (“Os movimentos de pessoas cresceram muito em número e em variedade de duração, objeto, distância percorrida, entre outros” (Salgueiro, 2006, p.11)), quer dentro da cidade, entre cidades, país ou até mesmo à escala internacional.

O fenómeno em questão acarreta igualmente alterações no pensamento económico e social dominante na maioria dos Estados Ocidentais. Portugal não é exceção, devido à democratização do regime político na década de 70, e passa a confrontar-se com o aumento das ideologias neoliberais, levando ao aumento da concorrência entre territórios e do número de atores a participar nas tomadas de decisão política:

“No domínio das políticas é de salientar a importância assumida pelos objetivos económicos de atrair investimentos e visitantes, enquanto na governança urbana se verifica uma alteração no papel do Estado, o papel crescente das organizações da sociedade civil e das parcerias público-privadas” (Salgueiro, 2006, p.12)).

Assim, o Estado vê-se “obrigado” a dividir a sua esfera de decisão com outros atores da sociedade civil, e os critérios de escolha para a localização de uma empresa, passam a ter em conta não só os fatores económicos, como também os sociais, políticos e ambientais relacionados com as novas formas de gestão assumidas pelo Estado “...a perda da importância dos fatores tradicionais de localização baseados em características locais (as vantagens comparativas) e, por outro lado, a internacionalização do mercado imobiliário” (Salgueiro, 2006, p.11). Há assim uma revalorização do fator território e das suas especificidades para os “níveis mais altos de decisão, planeamento, e investimento” (Salgueiro, 2001, p.60). A importância do fator distância diminuiu, mas aumentou a importância dos recursos endógenos, ou seja, dos recursos existentes particulares em cada um dos territórios, do ponto de vista agrícola, económico, social e cultural (Salgueiro, 2001). O fator localização no centro da cidade passa assim a ser desvalorizado, em detrimento de fatores económicos, políticos e sociais característicos de cada território.

Os fenómenos descritos até aqui contribuíram para a expansão das cidades para a periferia das mesmas, e para o surgimento de diversos centros de cidade dentro da mesma cidade.

Enquanto na época da revolução industrial a cidade detinha um único centro, que constituía o centro da vida urbana, o local onde fervilhava toda a vida económica, política e social, a cidade atual é composta por uma rede de centros que competem e complementam-se entre si. Marques (1999) defende que há uma perda da centralidade radial das cidades, pois surgem as tais centralidades na periferia das mesmas: “a cidade tradicional densa, de contornos nítidos e com um centro de gravidade permanece mas em articulação com novos espaços urbanizados, de maior ou menor extensão, polarizados ou não por outros pequenos centros” (Marques, 1999, p. 19).

Salgueiro (2006) corrobora a perspetiva do autor anterior e considera que a cidade se torna multicêntrica de uma forma progressiva, onde a periferia é polarizada por diversos centros: “construção de uma estrutura de centralidades responsável por metrópoles policêntricas” (Salgueiro, 2006, p.13). Agora na cidade multicêntrica há uma competição entre centros, devido à rápida satisfação de necessidades que uns centros parecem oferecer, em detrimento de outros:

“O centro tradicional passa a competir com outros centros emergentes, de menor dimensão, que atraem a população da sua área de influência, configurando um processo de fragmentação e de hierarquização de partes da cidade. Neste novo puzzle urbano, os centros secundários (e alternativos) afirmam-se como espaços objetivamente terceirizados e de acesso fácil, provendo a população de bens e serviços e reduzindo as deslocações ao centro principal” (Barreto, 2010, p.32).

Esta perspetiva é partilhada por Lobo (1999) que considera que a migração massiva de pessoas, bens e serviços para a periferia, transforma o modo de funcionamento da área metropolitana. Antes a vida urbana funcionava em torno do centro para a periferia, concentrando-se no centro as diversas atividades e serviços e na periferia situava-se a habitação da população, agora a área metropolitana funciona em rede, existindo um conjunto de centralidades especializadas que funcionam em rede, complementando-se mutuamente.

Surge então a questão: “O que aconteceu ao centro tradicional?”

Considera-se que o centro tradicional foi sendo assim preterido pelos novos centros, ao longo das últimas décadas. Foi sendo “abandonado” por diversos atores da

sociedade civil e devido a isto, há muito que se atribui uma morte ao centro tradicional, decorrente do surgimento dos novos centros da cidade, vistos como mais atrativos, quer pela acessibilidade, quer pelas atividades e serviços que fornecem (Salgueiro, 2006). Na próxima parte deste capítulo, a atenção será centrada no estado atribuído ao centro tradicional, na sua “morte” há muito anunciada.

### **1.3 A crise do centro tradicional**

Na terceira e última parte deste capítulo, pretende-se desmitificar a “morte” atribuída ao centro tradicional. Os fenómenos da deslocação de pessoas, indústria, comércio e serviços para a periferia das cidades, a par do desenvolvimento das TIC, do aumento da mobilidade e do surgimento da globalização, contribuíram para o surgimento de novos centros de cidade na mesma cidade, levando ao abandono do centro histórico, considerado o centro tradicional da cidade.

O abandono progressivo do centro histórico provocou uma crise no mesmo, que é considerada estrutural para Balsas (1999), devido às “grandes ondas de descentralização da habitação, comércio, serviços e animação” (Balsas, 1999, p.49), acima referidas. É importante referir que apesar da “morte” atribuída aos centros históricos das cidades, estes centros são considerados “um valor patrimonial de interesse público, pois quando a cidade tradicional se degrada e morre perde-se um bem cultural e uma força económica” (Marques, 1999, p. 20).

O objetivo desta última parte do capítulo é explorar não só as consequências económicas, políticas e sociais dos fenómenos referidos no centro tradicional, como também explorar outras causas que levaram à “morte” dos centros históricos.

Comece-se por explorar então as consequências para o centro histórico, decorrentes das “grandes ondas de descentralização” enumeradas por Balsas (1999) e Salgueiro (2006)

Fernandes (2010) considera que os centros históricos estão em crise porque a vida de qualquer centro de cidade é cíclica e os centros em causa não são exceção, uma vez que têm vindo a perder as suas condições de centralidade, dado que estão inseridos numa cidade cada vez mais policêntrica.

Balsas (1999) defende que uma das condições de centralidade de um espaço é a sua elevada acessibilidade, e Salgueiro (2006) argumenta que uma das causas que contribuiu

para a perda de acessibilidade dos centros históricos, foi a banalização do uso do automóvel privado a partir da década de 80. Ou seja, os centros das cidades não estão preparados do ponto de vista físico, para receber o volume de trânsito verificado nos últimos anos, e por isso há um congestionamento constante destes espaços. Considera-se mesmo que o automóvel é um intruso:

“veio também ocupar o espaço público e favorecer formas de deslocação mais agressivas... Espaço que deveria ser ocupado pela população e , com a finalidade de lazer, ou mesmo de meras deslocações pedonais, está essencialmente a ser “absorvido” pelos transportes motorizados” ( Ferreira, 2008, p. 4).

Emergiu assim um conflito de interesses entre os automobilistas, os peões e os ciclistas que utilizam o centro tradicional. Nos centros históricos as ruas são estreitas, e o volume excessivo de trânsito gera situações de perigo e coloca em causa a segurança dos peões e ciclistas que utilizam esses espaços. Sebastião (2010) partilha da mesma opinião, acrescentando como consequência ao aumento do transporte individual, o aumento da poluição nos centros tradicionais, o que leva assim a uma degradação de todo o espaço urbano:

“...muitas destas áreas centrais tradicionais debatem-se com problemas de congestionamento e circulação (nomeadamente em horas de ponta), o que constitui um fator de desgaste para quem realiza deslocações. O crescimento das deslocações motorizadas nos centros urbanos tem contribuído em muito para a degradação dos espaços urbanos com consequências na qualidade da circulação pedonal e no ambiente urbano, o que deverá ser uma preocupação para as empresas e polos localizados em áreas centrais” (Seabra et al., 2011, p.14).

Contudo, apesar dos problemas de congestionamento apontados, os centros das cidades são espaços abrangidos por uma boa rede de transportes públicos, quer a nível de cobertura territorial, quer a nível de horários, ao que acresce a presença de uma multiplicidade de funções que satisfazem diversas necessidades da população, evitando-se a realização de muitas viagens (Seabra et al., 2011).

A banalização do automóvel privado possibilitou ainda aos cidadãos, a opção de não residirem no centro tradicional, para satisfazer as suas diversas necessidades, uma vez que têm autonomia para residirem num local, trabalharem noutra e consumirem noutra ponto completamente distinto dos primeiros (Marques, Guerra, Santos, & Silva, 2011).

Por outro lado, a par da banalização do uso do automóvel, implementou-se um conjunto de medidas que visaram a melhoria do sistema de transportes, o que contribuiu

para a centrifugação de pessoas, bens e serviços para a periferia das cidades, levando ao abandono progressivo dos centros tradicionais (Ferreira, 2008). Edifícios e infraestruturas ficam assim abandonados e entregues à mercê do tempo, deteriorando-se ao longo do tempo (Balsas, 2007). Neste contexto é importante referir que os centros das cidades não ficaram completamente desertos na função habitacional. Neles restam as pessoas com elevados recursos económicos, que podem residir em edifícios notáveis localizados em locais de prestígio e os mais pobres, nos edifícios mais antigos e com rendas mais acessíveis aos seus rendimentos. Tudo isto contribui para a “emergência de padrões residenciais muito complexos” (Salgueiro, 2001, p. 59). Balsas (1999) e Xerez (2008) corroboram a perspectiva de Salgueiro (2001), afirmando que nos centros históricos restaram os habitantes com poucos recursos económicos, a viverem em casas muitas vezes sem condições (por serem muito antigas), e cujos rendimentos não permitem melhorar as habitações e os espaços em redor, causando consequentemente, uma perda da beleza dos centros das cidades que tanto da história das cidades transportam. Esta perspectiva é partilhada por outros autores:

“...a perda e envelhecimento da população da cidade centro, no contexto metropolitano, o declínio no número de postos de trabalho, o abandono e degradação de muitos edifícios e de extensas áreas, a perda da hegemonia em termos comerciais e de prestação de serviços do antigo centro...” (Salgueiro, 2006, p.13).

Há ainda um outro problema associado aos centros históricos, a inadaptação às novas realidades, ou melhor, o elevado custo na implementação de determinadas infraestruturas:

“a penetração de novas tecnologias, como a fibra ótica ou as redes de gás, vê-se limitada pelo inatingível custo de instalação, especialmente tendo em conta o carácter limitado da clientela que procuraria tais recursos, supondo uma desvantagem competitiva para aquelas empresas que, instaladas dentro dos centros históricos, pretendem subsistir” (Freire Chico, 2008 citado por Sebastião, 2010, p.25).

Existem outros fatores que são apontados como causas do abandono dos centros históricos. É o caso do horário dos serviços/ atividades praticados nos centros históricos das cidades, e que têm um impacto fortíssimo na vitalidade destes centros. Efetivamente, para Balsas (1999), o horário de abertura ao público somente em dias úteis, e cujo fecho ronda na sua maioria, o fim da tarde, afasta as pessoas dos espaços durante a noite e fins de

semana. Este horário “fixo”, a par com as deslocções massivas das atividades de lazer para a periferia das cidades, criaram um sentimento de insegurança noturna durante a noite nos centros tradicionais (Balsas, 2007). O fator segurança é muito importante para qualquer espaço que queira atrair residentes, comércio e serviços. Para Jacobs (2000) a segurança nos centros tradicionais das cidades, só pode ser gerada se houver no mesmo espaço, atividades que funcionem em horários diferentes. Os centros tradicionais devem ter comércio e serviços em funcionamento durante o dia, restaurantes, cafés, entre outros em funcionamento durante a noite, e ainda os residentes para que haja um constante movimento na rua. Assim a presença constante de pessoas nas ruas, gera a segurança passiva nos centros tradicionais, ou seja, as ruas estando sempre vigiadas por quem as utiliza, inibe a consumação de atos ilícitos.

Por outro lado, há ainda a questão dos elevados preços praticados nos espaços em estudo. É uma das causas apontadas à deslocção de pessoas, bens, serviços e industria para a periferia das cidades. Veja-se o caso da procura de habitação nas zonas periféricas das cidades. As pessoas veem na periferia das cidades, uma oportunidade para terem casas mais baratas, com mais espaço e eventualmente, jardins, piscina, entre outros (Balsas, 1999).

Sebastião (2010) considera que a degradação do espaço físico dos centros históricos, a inadaptação às novas infraestruturas, e às novas realidades (como a banalização do uso do automóvel) contribuiu para a perda de competitividade destes centros mas, Bertaud (2004) defende que o modelo monocêntrico das cidades não está totalmente morto, pois há funções que só os centros históricos podem providenciar, daí que os preços dos terrenos nestes locais tenham tendência para aumentar.

Contudo, existem outros autores que têm uma perspetiva diferente, mais positiva.

Salgueiro (2006) considera que há uma “nova” procura dos centros históricos das cidades, por parte de diversos atores da sociedade civil. Estes grupos sociais veem nos centros tradicionais das cidades espaços que satisfazem as suas necessidades. Os grupos em causa são imigrantes, estudantes e grupos de idosos. Os imigrantes procuram precisamente as áreas degradadas, uma vez que é onde há alojamentos mais baratos. Os estudantes são outro grupo que procuram os centros das cidades por deterem grande acessibilidade. Normalmente alugam quartos em casa de idosos, permitindo assim

umentar os rendimentos deste grupo social. Há ainda um grupo de reformados de elite que vê nos centros históricos locais de grande valor patrimonial e acessibilidade.

A tabela 2 sintetiza as procuras dos grupos sociais referidos anteriormente e o seu impacto nos diferentes setores da economia.

**Tabela 2. Influência das novas procuras no centro histórico**

	<b>Residência</b>	<b>Comércio e restauração</b>	<b>Serviços e infraestruturas</b>
Estudantes	Quartos no centro, Partilha de apartamentos alugados no centro ou na periferia	Comércio jovem, <i>franchisings</i> <i>Fast food</i> , bares, cafés, Livrarias e discos	Espetáculos, discotecas, desporto. <i>Internet</i> , transportes
Imigrantes	Quartos e casas partilhadas baratas, degradadas, no centro ou na periferia; alojamentos do padrão	Restaurantes e outro comércio étnico, feiras, <i>discount</i>	Espaço público, templos. Telecomunicações e transferências bancárias
Turistas	Hotéis, novas formas de alojamento turístico ( <i>bed &amp; breakfast</i> , hotéis de charme, turismo de habitação, etc.)	Comércio de artigos regionais, comércio de qualidade, restaurantes variados Ambientes, património	Espetáculos e serviços culturais, equipamento de desporto (da piscina ao golfe), visitas guiadas diferenciadas
Quadros de empresas	Alojamentos de topo de gama no centro ou na periferia em áreas privilegiadas	Comércios e restaurantes de qualidade, valor estético ou simbólico	Lazer e cultura com nível alto <i>Internet</i> , autoestradas dedicadas
Reformados	Casas novas ou reabilitadas no centro, residências para idosos	Restaurantes variados; áreas comerciais como fonte de passeio	Lazer, desporto e cultura de nível, serviços de saúde, jardins e passeio

**Fonte:** Salgueiro (2006, p.22)

Tal como é possível verificar na tabela 3, esta “nova” procura dos centros das cidades pelos grupos sociais referidos, faz com que os setores privado e público revejam nestes locais uma localização estratégica para os seus negócios, quer ao nível do mercado imobiliário, quer no setor terciário, entre outros. Veja-se por exemplo o caso dos estudantes. A presença deste grupo faz com diversos grupos económicos vejam uma boa

oportunidade do mercado. Aposta-se novamente em lojas de roupa e desporto, livrarias, gráficas, bares entre outros.

Por outro lado, os imigrantes atraem lojas de baixo custo, étnicas, que contribuem para o aumento do arrendamento de baixo custo. Os reformados, enquanto sendo grupo social sem atividade profissional e com bastante tempo livre, atraem o desenvolvimento de atividades de lazer e saúde (Salgueiro, 2006).

A questão do aumento do turismo é importante na medida em que o património presente nos centros tradicionais, normalmente desconsiderado pelos habitantes, vê assim revalorizar-se pelos turistas estrangeiros e contribui assim para a valorização da cultura nacional (Fernandes, 2013).

Xerez (2008) afirma que o centro tradicional tornou-se assim um local apelativo para os que estimam a vida urbana.

Assim o “ressurgimento” do interesse pelos centros tradicionais, por diversos grupos da sociedade civil, pode indiciar que os centros tradicionais não estão tão mortos como se julga. A própria procura gera dinâmicas de mercado, que pode levar à regeneração da vida e dos espaços dos centros históricos das nossas cidades:

“Assiste-se então a investimentos vultuosos na “recuperação” e “reabilitação” de bairros antigos com a conseqüente oferta de fogos novos ou modernizados de qualidade e preço elevado, acompanhados por restaurantes, atividades no domínio do design e da moda, comércio sofisticados e outros serviços em muitas áreas centrais” (Salgueiro, 2006, p.20).

A par desta nova procura, é importante referir que por se ter consciência da importância dos centros históricos por serem um “um lugar especial porque contém a matriz, a memória da cidade, a sobrecarga de valores simbólicos que faltam na crise identitária das periferias” (Domingues, 1999, p.86), nos últimos anos os atores públicos implementaram um conjunto de iniciativas, com o intuito de promover o retorno da população a estes espaços, que tanto da história da vida das cidades transportam (Balsas, 1999).

A intervenção nos centros históricos é assim o “antídoto” contra a extensão urbana verificada nos últimos anos.

Fernandes (2013) observa ainda que a partir da década de 80, a preocupação com preservação do que é histórico estende-se dos monumentos singulares a grandes espaços.

Contudo, devido a um contexto de pós crise económica e ao surgimento de novos princípios sociais e económicos na década de 70, o Estado vê-se sem capacidade financeira para materializar as preocupações com as zonas históricas e por isso, o sector privado passa a ser um dos parceiros na recuperação das mesmas. A partir daqui, os centros históricos são vistos como um problema de base territorial, devido à atitude negligente dos atores públicos, aquando a emergência de diversos problemas nestes espaços. Entretanto começam-se a valorizar estes centros tradicionais do ponto de vista cultural (Fernandes, 2011). A valorização que se deve ao aumento do turismo nas zonas históricas, ao aumento do poder de compra da população e ao aumento do tempo de lazer.

Para Fernandes (2013) e Balsas (1999) a adoção de um regime democrático e a adesão à Comunidade Económica Europeia em 86 fazem aumentar o interesse dos portugueses pelas zonas históricas, assim como dos estrangeiros, que passam a estar interessados não só em conhecer os famosos monumentos da capital, como também o património “escondido” das outras cidades portuguesas.

Nos últimos anos têm-se adotado inclusivamente, diversas estratégias para aumentar a atratividade turística de muitas cidades em Portugal, nomeadamente a classificação como Património da Humanidade pela UNESCO das cidades do Porto, Évora e Guimarães. Contudo, Marques (1999) argumenta que a estratégia ao nível nacional para manter a importância destes centros tradicionais não tem sido consensual:

“...há uma certa contradição nos discursos e nas práticas políticas pois se, por um lado, os centros antigos das cidades estão a perder centralidade e o património está a desvalorizar-se em termos económicos, sociais e físicos, tendo-se abandonado uma cultura de manutenção patrimonial, por outro lado, persistem e evidenciam-se estratégias urbanas públicas de valorização patrimonial (cidades da cultura, cidades património mundial,...)” (Marques, 1999, p.21).

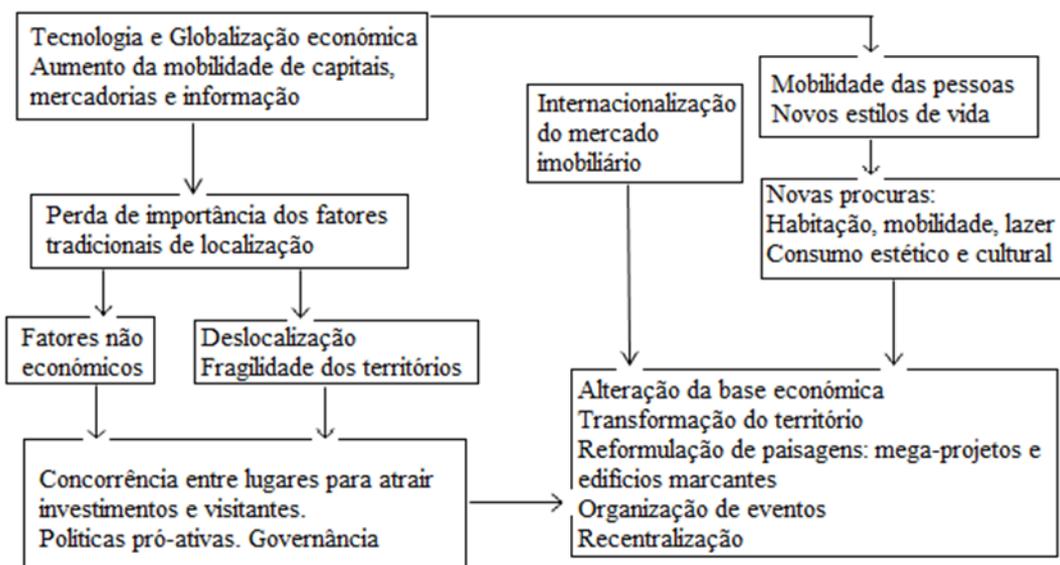
#### **1.4 Síntese e discussão**

A revolução industrial do século XVIII é marco mundial que teve um impacto fortíssimo na ocupação do território. Há uma "mecanização" na produção de bens, que por sua vez, faz com que bens e serviços se localizem no mesmo espaço, no centro da cidade, intensificando assim as relações económicas. É o início da era moderna, do capitalismo que acarreta profundas alterações na estrutura económica, social e cultural da sociedade (Barreto, 2010).

Em Portugal os efeitos das alterações referidas assim como do surgimento do capitalismo, fazem-se sentir principalmente depois da implantação do regime democrático na década de 70. O país abre-se ao mundo e os efeitos não se fizeram esperar. Em jeito de síntese, a globalização, o surgimento de princípios neoliberais, a banalização do uso do automóvel privado, o desenvolvimento do TIC são os fatores indissociáveis que acarretam transformações profundas nos centros tradicionais das cidades.

Marques (1999), Domingues (1999) e Ferreira (2008) consideram que as transformações referidas anteriormente, contribuíram para a “terciarização” da cidade e traduziram-se no surgimento de novas centralidades nas cidades. As periferias das cidades revelam-se locais mais espaçosos e baratos, com melhores infraestruturas. Há uma migração massiva de pessoas, bens e serviços, que veem no centro tradicional um espaço desajustado e congestionado pelo novo contexto. A cidade deixa assim de funcionar em torno de um centro tradicional, e passa a funcionar em torno de diversas centralidades, numa diversidade de movimentos sem precedentes. Salgueiro (2006) além de corroborar esta opinião, esquematiza todo o contexto descrito das últimas décadas do século XX, e qual o seu impacto no território (ver figura 2).

Figura 2. O contexto das últimas décadas do século XX e o seu impacto no território



Fonte: Salgueiro (2006, p.12)

Há assim um abandono progressivo dos centros tradicionais, que leva à deterioração física do espaço, apenas habitado pelas pessoas com poucos recursos económicos, que não puderem procurar melhores condições na periferia, nem melhorar o espaço onde residem. É a denominada "morte" dos centros tradicionais que há muito é anunciada por diversos autores.

Contudo, nem todos os autores têm uma visão negativa sobre o estado defunto dos centros históricos.

Veja-se o caso das questões da acessibilidade e da fuga do comércio e serviços para a periferia das cidades. Salgueiro (2006) defende que os centros tradicionais perderam a sua acessibilidade devido ao elevado volume de tráfego, e a sua “vida” devido à fuga das atividades comerciais e serviços para a periferia. Contudo, Marques, Guerra, Santos, & Silva, (2011) argumentam que efetivamente os centros tradicionais têm alguns problemas decorrentes da organização física do espaço mas:

“Há problemas ambientais e de segurança e, em geral, dificuldades de estacionamento e de circulação automóvel, no entanto, são os espaços melhor servidos pela rede pública de transportes e por uma importante oferta de comércio, serviços e equipamentos culturais. São sobretudo, espaços de grande densidade simbólica, o que potencia um conjunto de atividades económicas criativas” (Marques, Guerra, Santos, & Silva, 2011, p. 17).

Há também quem defenda que há uma nova procura dos centros históricos por vários grupos da sociedade civil, que veem nos centros tradicionais, um espaço único, bem localizado, onde podem satisfazer as suas necessidades a preços acessíveis. A isto acresce o aumento do interesse pelos centros do ponto de vista turístico.

Viu-se assim que a nova dinâmica de procura dos centros tradicionais, bem como as suas características únicas relacionadas com o património, serviços prestados e a elevada acessibilidade (proporcionada por uma rede de transportes), a par dos programas implementados nos últimos anos, indiciam que os centros históricos não estão “mortos” como se julga, e se tem vindo a apregoar nos últimos anos. As alterações são profundas é certo, mas o que rege as novas centralidades são fatores cíclicos e as características que fazem dos centros históricos locais de prestígio são imutáveis.

Segue assim o estudo demográfico de várias escalas de análise, com o intuito de perceber se há diferenças entre as mesmas.

## **CAPÍTULO II - ANÁLISE DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA DOS CONCELHOS E FREGUESIAS CENTRAIS**

Viu-se no capítulo anterior que ocorreram nas cidades inúmeras transformações, que fizeram surgir diversas centralidades até aos dias de hoje. O centro tradicional é assim preterido por estes novos centros, que oferecem melhor acessibilidade e uma enorme diversidade de atividades comerciais e serviços. Contudo, constatou-se que existem vários grupos da sociedade civil que veem nos centros tradicionais espaços de prestígio, ideais para as suas necessidades.

Por se ter consciência que existem vários grupos da sociedade civil que veem nos centros tradicionais espaços únicos, decidiu-se dedicar esta dissertação à vertente demográfica. Este capítulo constitui assim um passo intermédio na investigação desta dissertação, pois pretende-se comparar dinâmicas demográficas de 18 concelhos (capitais de distrito em Portugal Continental) e respetivas freguesias centrais, com o objetivo de perceber se a dinâmica demográfica dos concelhos é a mesma que a dinâmica demográfica das respetivas freguesias centrais.

O presente capítulo constitui a primeira parte prática desta dissertação e encontra-se dividido em duas partes. A primeira parte é totalmente dedicada à metodologia utilizada para analisar do ponto de vista demográfico, os concelhos e as respetivas freguesias centrais. Descrevem-se não só as variáveis que serão analisadas, como também os critérios utilizados para definir as freguesias centrais de cada um dos concelhos em análise. A segunda parte é totalmente dedicada à análise da dinâmica demográfica dos 18 concelhos capitais de distrito em Portugal Continental e respetivas freguesias centrais, nos anos de 2001 e 2011.

## 2.1 Metodologia

### 2.1.1 Objeto de estudo

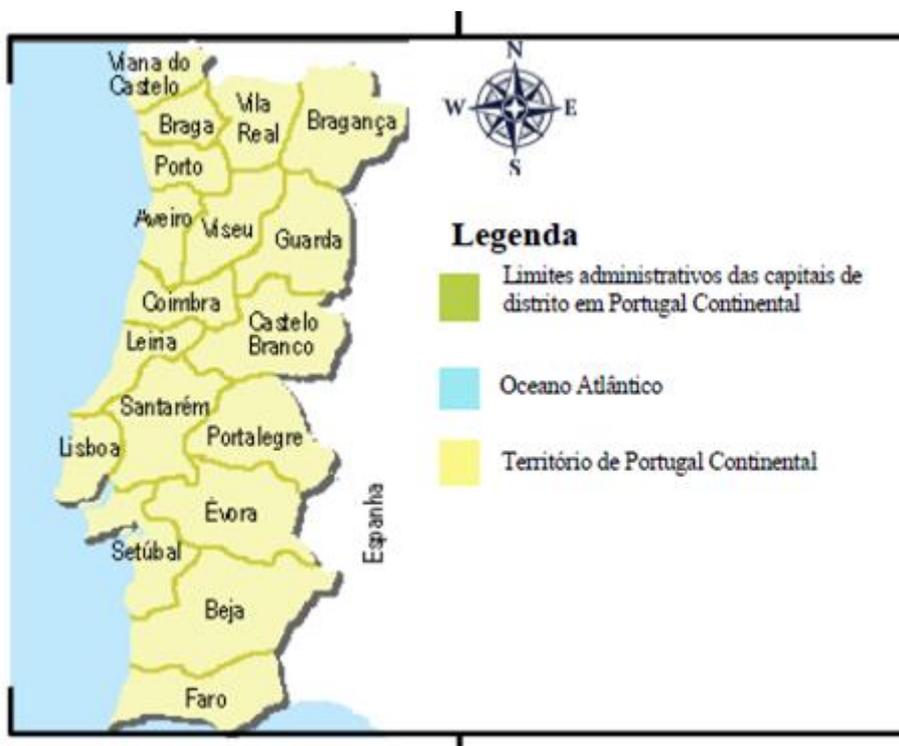
Optou-se por incidir em diversas escalas de análise e partir de uma escala maior para a menor, com o intuito de perceber se a dinâmica demográfica dos concelhos é a mesma que a dinâmica demográfica das respetivas freguesias centrais.

#### 2.1.1.1 Concelhos

Neste caso de estudo os objetos de estudo serão os 18 concelhos de Portugal Continental, nomeadamente Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Porto, Aveiro, Coimbra, Leiria, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Lisboa, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja, Santarém e Faro.

Optou-se por estudar os dezoito concelhos mencionados por serem as capitais de distrito de Portugal Continental (ver figura 3).

**Figura 3. Localização concelhos capitais de distrito em Portugal Continental**



**Fonte:** Elaborado a partir de Mapa de Portugal

### 2.1.1.2 Freguesias Centrais

Na definição das freguesias centrais de cada concelho, teve-se em conta a metodologia de Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013), que tendo por base as fotografias aéreas dos dezoito concelhos portugueses, utilizaram o critério morfológico, com o intuito de perceber quais eram as freguesias históricas de cada concelho. A primeira conclusão deste estudo é que efetivamente, os limites administrativos das freguesias não respeitam as características de ocupação do território, a sua morfologia, a sua história. Por isso, definiu-se como “freguesias centrais” dos concelhos de estudo, as que do ponto de vista morfológico detinham como características elevada densidade de edifícios e infraestruturas, particularidades das áreas mais antigas das cidades.

Seguiu-se então para um segundo exercício, com o intuito de compreender as características morfológicas das freguesias centrais e atribuir-se uma forma urbana. Para Carvalho (2013) no contexto da cidade podem existir várias formas urbanas. Estas subdividem-se em 5:

- Orgânica
- Clássica
- Jardim
- Modernista
- Urbano/Campestre

- Forma orgânica - associada aos espaços com uma malha de ruas irregular, marginadas por edifícios em banda privados. Nas ruas e praças o espaço é público e há uma mistura de funções. É a forma típica que caracteriza as cidades medievais. Existe elevada densidade de infraestruturas e edifícios.

- Forma Clássica - malha de ruas regular marginada igualmente por edifícios em banda. Estes edifícios formam quarteirões e detêm espaço livre no interior dos quarteirões que podem ser de uso privado ou semiprivado. Esta forma encontra-se muito nas cidades coloniais da América do Sul, África e em cidades do antigo império romano. À semelhança da forma urbana anterior, existe elevada densidade de infraestruturas e edifícios.

- Forma Jardim - habitações unifamiliares isoladas, rodeadas por grandes espaços verdes. Há uma segregação de funções e há uma clara diferenciação entre a cidade e o campo. Encontra-se esta forma frequentemente em cidades anglo-saxónicas.

- Forma Modernista - edifícios coletivos isolados, rodeados por espaço público. A cidade detém grandes eixos ferroviários, e o zonamento das funções habitação, trabalho e lazer foi a solução encontrada para solucionar os problemas de salubridade da cidade industrial.

- Forma Urbano/Campestre - há uma mistura do campo com a cidade. A principal característica é a existência de habitações unifamiliares dispersas e isoladas, rodeadas essencialmente por áreas agrícolas e florestais.

Para esta dissertação existem apenas duas formas urbanas importantes e que vão ao encontro da metodologia de Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013). São as formas urbanas orgânica e clássica, pois são as formas que apresentam as maiores densidades de edifícios e infraestruturas. São as formas que caracterizam as ocupações mais antigas das cidades e que por isso, constituem uma boa orientação na caracterização morfológica das freguesias centrais dos 18 concelhos de estudo.

Assim tendo-se por base fotografias aéreas dos dezoito concelhos atribuir-se-á a forma urbana a cada uma das freguesias centrais, e tentar-se-á justificar a forma atribuída. É um exercício complicado, que terá por base apenas o critério morfológico, tal como já foi referido, mas é importante na medida que servirá de guia a futuros interessados em delimitar o centro histórico dos 18 concelhos em estudo.

Os quadros que se seguem estão organizados de acordo com Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas (NUTS) II, e enumeram não só os dezoito concelhos, como as respetivas freguesias centrais, a sua classificação quanto à forma urbana e a justificação da forma urbana atribuída.

**Tabela 3. Características das freguesias centrais dos concelhos da Região Norte**

Concelho	Freguesia Central	Forma Urbana	Notas
Viana do Castelo	Monsserrate	Forma Clássica	Do ponto de vista morfológico, as duas freguesias detêm parte de ocupação moderna e parte de ocupação mais antiga. Na área de ocupação mais antiga destaca-se a forma clássica pela malha regular e a existência de pequenos quarteirões. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias de Viana do Castelo (Monsserrate), Viana do Castelo (Santa Maria Maior) e Meadela constituindo-se assim a União de freguesias de Viana do Castelo (Monsserrate, Santa Maria Maior e Meadela), cuja sede é em Santa Maria Maior. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	Santa Maria Maior		
Braga	Cividade	Forma Clássica	A maior parte da área da freguesia é claramente de ocupação recente. A área com morfologia mais antiga, denota vestígios da Forma clássica, com uma malha regular e pequenos quarteirões.
	Maximinos	Forma Orgânica	A maior parte da área da freguesia é claramente de ocupação recente. A atribuição da forma atribuída deve-se ao facto de os poucos vestígios de ocupação antiga que <u>persistem, se materializarem numa malha irregular.</u>
	Sé	Forma Clássica	Malha regular, rodeada por pequenos quarteirões. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias de Braga (Maximinos), Braga (Cividade) e Braga (Sé) constituindo-se assim a União de freguesias de Braga (Maximinos, Cividade e Sé), cuja sede é em Maximinos. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	São José de São Lázaro	Forma Clássica	A maior parte da área da freguesia apresenta características morfológicas de ocupação recente. As áreas junto às freguesias de Cividade e São Vítor são de forma clássica, pela <u>malha regular marginada por quarteirões de edifícios.</u>
	São João do Souto	Forma Clássica	Freguesia com malha regular, marginada por quarteirões. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias de Braga (São José de São Lázaro) e Braga (São João do Souto) constituindo-se assim a União de freguesias de Braga (São José de São Lázaro e São João do Souto), cuja sede é em São José de São Lázaro. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	São Vítor	Forma Clássica	Área da freguesia de difícil análise. Atribuiu-se a forma clássica devido à malha regular, marginada vários edifícios que no seu conjunto, formam quarteirões. Estas características são dominantes junto à freguesia de São João do Souto. Não existiram agregações com outras freguesias de acordo com a Lei nº 11-A/2013.
	São Vicente	Forma clássica	Área de difícil análise, pois parte da freguesia detém características morfológicas de ocupação moderna, uma pequena parte com malha irregular e finalmente, uma parte da freguesia com malha regular, marginada por vários edifícios que formam quarteirões. Não existiram agregações com outras freguesias de acordo com a Lei nº 11-A/2013.
Porto	Miragaia	Forma Clássica	Malha regular, marginada vários edifícios que no seu conjunto formam quarteirões.  Malha irregular marginada por edifícios. Densidade elevada de edifícios.  Malha regular, marginada por vários edifícios que no seu conjunto formam quarteirões. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as quatro freguesias centrais do concelho do Porto às freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, constituindo-se assim a União de freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, cuja sede é em Cedofeita. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	São Nicolau	Forma Orgânica	
	Sé		
	Vitória	Forma clássica	
Vila Real	São Pedro	Forma Orgânica	Malha irregular marginada por edifícios. Densidade elevada de edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregou-se a freguesia central do concelho de Vila Real às freguesias de Vila Real (Nossa Senhora da Conceição), Vila Real (São Dinis), constituindo-se assim a União de freguesias de Vila Real (Nossa Senhora da Conceição, São Pedro e São Dinis, cuja sede é em São Dinis. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
Bragança	Santa Maria	Forma Orgânica	Ambas as freguesias apresentam uma malha irregular marginada por edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Bragança à freguesia de Meixedo, constituindo-se assim a União de freguesias da Sé, Santa Maria e Meixedo, cuja sede é na Sé. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	Sé		

**Fonte:** Elaborado com base em Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013)

**Tabela 4. Características das freguesias centrais dos concelhos da Região Centro**

Concelho	Freguesia Central	Forma Urbana	Notas
Aveiro	Glória	Forma Clássica	Malha regular, marginada por vários edifícios que no seu conjunto formam quarteirões. Isto é mais evidente na freguesia de Vera Cruz. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Aveiro, constituindo-se assim a União de freguesias da Glória e Vera Cruz, cuja sede é na Vera Cruz. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	Vera Cruz		
Coimbra	Almedina	Forma Orgânica	Malha irregular marginada por edifícios.
	Santa Cruz		Malha irregular marginada por edifícios. Elevada densidade de edifícios.
	Sé Nova		Malha irregular marginada por edifícios.
	São Bartolomeu		Malha irregular marginada por edifícios. Elevada densidade de edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais de Coimbra (Almedina), Coimbra (Santa Cruz), Coimbra (Sé Nova) e Coimbra (São Bartolomeu) do concelho de Coimbra, constituindo-se assim a União de freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu), cuja sede é na Sé Nova. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
			Santo António dos Olivais
Leiria	Leiria	Forma Orgânica	Malha irregular, marginada por edifícios. Elevada densidade de edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregou-se a freguesia central do concelho de Leiria às freguesias de Pousos, Barreira e Cortes, constituindo-se assim a União de freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes, cuja sede é em Leiria. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
Viseu	Coração de Jesus	Forma Orgânica	Maior parte da freguesia apresenta características morfológicas típicas da ocupação das últimas décadas. Área mais antiga é caracterizada pela malha irregular, marginada por edifícios.
	Santa Maria de Viseu		Parte da freguesia detém características morfológicas de ocupação recente e junto à freguesia de Coração de Jesus, a área caracteriza-se pela malha irregular e elevada densidade de edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Viseu à freguesia de Viseu (São José), constituindo-se assim a União de freguesias de Viseu (Coração de Jesus, Santa Maria de Viseu e São José), cuja sede é em Coração de Jesus. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
Guarda	São Vicente	Forma Orgânica	Malha irregular marginada por edifícios. Baixa densidade de edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho da Guarda à freguesia de São Miguel da Guarda, constituindo-se assim a Guarda. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	Sé		
Castelo Branco	Castelo Branco	Forma Clássica	Área com malha regular, marginada por vários edifícios que formam quarteirões. Não existiram agregações com outras freguesias de acordo com a Lei nº 11-A/2013.

**Fonte:** Elaborado com base em Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013)

**Tabela 5. Características das freguesias centrais da região da Área Metropolitana de Lisboa**

Concelho	Freguesia Central	Forma Urbana	Notas
Lisboa	Madalena	Forma Clássica	Malha regular, marginada por vários edifícios que no seu conjunto formam quarteirões.
	Mártires		Malha regular, marginada por vários edifícios que no seu conjunto formam quarteirões.
	Sacramento		Malha regular, marginada por vários edifícios que no seu conjunto formam quarteirões.
	Santa Justa	Forma Orgânica	Malha irregular marginada por edifícios. Elevada densidade de edifícios.
	São Cristóvão e São Lourenço	Forma Orgânica	Malha irregular marginada por edifícios. Elevada densidade de edifícios.
	São Nicolau	Forma Clássica	Malha regular, marginada por vários edifícios que no seu conjunto formam quarteirões. De acordo com o Decreto do Presidente da República nº 160/2012 de 8 de Novembro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Lisboa às freguesias da Sé, Santiago, Castelo, Socorro, São Miguel e Santo Estevão, constituindo-se a freguesia de Santa Maria Maior. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
Setúbal	Santa Maria da Graça	Forma Orgânica	A maior parte das freguesias detém características morfológicas de ocupação das últimas décadas. Área mais antiga, junto ao oceano é caracterizada por uma malha irregular, marginada por edifícios. Elevada densidade de edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Setúbal à freguesia de Setúbal (Nossa Senhora da Anunciada), constituindo-se assim a União de freguesias de Setúbal (São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e Santa Maria da Graça, cuja sede é São Julião. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	São Julião		

**Fonte:** Elaborado com base em Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013)

**Tabela 6. Características das freguesias centrais dos concelhos da região do Alentejo**

Concelho	Freguesia Central	Forma Urbana	Notas
Portalegre	Sé	Forma Orgânica	Malha irregular, marginada por edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregou-se a freguesia central do concelho de Portalegre à freguesia de São Lourenço, constituindo-se assim a União de freguesias da Sé e de São Lourenço, cuja sede é na Sé. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
Évora	Santo Antão	Forma Orgânica	Área de fácil caracterização. As freguesias históricas encontram-se dentro das muralhas. Área dentro das muralhas detém malha irregular, marginada por edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Évora, constituindo-se assim a União de freguesias de Évora (São Mamede, Sé e São Pedro e Santo Antão), cuja sede é em São Mamede. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	São Mamede		
	Sé e São Pedro		
Beja	Salvador	Forma Orgânica	Malha irregular, marginada por edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Beja, constituindo-se assim a União de freguesias de Beja (Salvador e Santa Maria da Feira), cuja sede é em Salvador. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	Santa Maria da Feira		
	Santiago Maior		Malha irregular, marginada por edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Beja, constituindo-se assim a União de freguesias de Beja (Santiago Maior e São João Baptista), cuja sede é em Santiago Maior. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	São João Baptista		
Santarém	Marvila	Forma Orgânica	Maior parte das freguesias centrais apresentam características morfológicas típicas da ocupação das últimas décadas. Área mais antiga de cada freguesia é caracterizada pela malha irregular, marginada por edifícios. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Santarém à freguesia de Santa Iria da Ribeira de Santarém, constituindo-se assim a União de freguesias de Santarém (Santarém (Marvila), Santa Iria da Ribeira de Santarém, Santarém (São Salvador) e Santarém (São Nicolau)), cuja sede é Santarém (São Salvador). Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	São Nicolau		
	São Salvador		

**Fonte:** Elaborado com base em Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013)

**Tabela 7. Características das freguesias centrais da região do Algarve**

Concelho	Freguesia Central	Forma Urbana	Notas
Faro	São Pedro	Forma Clássica	Malha regular, marginada por vários edifícios que no seu conjunto formam quarteirões. De acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro agregaram-se as freguesias centrais do concelho de Faro, constituindo-se assim a União de freguesias de Faro (Sé e São Pedro), cuja sede é na Sé. Nenhuma das freguesias foi criada por alteração dos limites territoriais.
	Sé		

**Fonte:** Elaborado com base em Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013)

As formas atribuídas a cada uma das freguesias centrais têm apenas em conta, as características morfológicas das áreas mais históricas de cada freguesia, tal como já foi referido. Não é possível contudo, atribuir uma única forma a cada freguesia porque o território é uma miscelânea, no que respeita à sua ocupação e morfologia.

Dos 18 concelhos em estudo, 11 detêm freguesias centrais com forma orgânica. Na área mais histórica destas freguesias destaca-se a malha bastante irregular das infraestruturas, marginada quase sempre por edifícios. Apresentam igualmente uma densidade elevada de edifício.

Nos restantes concelhos de estudo, as áreas mais históricas das freguesias centrais revelam pela sua morfologia a forma clássica. O traçado regular das infraestruturas é a grande particularidade que estas freguesias apresentam.

É importante aludir que para esta dissertação assumir-se-á a organização administrativa anterior à Lei nº11-A/2013 e ao Decreto da República nº 160/2012 de 8 de Novembro. Tal como já se referiu, este exercício teve como objetivo perceber quais eram as freguesias “mais” históricas de cada concelho, ou seja, as que do ponto de vista morfológico, detinham como características a elevada densidade de edifícios e infraestruturas, particularidades das áreas mais antigas das cidades. A nova agregação de freguesias iria incluir assim freguesias que do ponto de vista morfológico, não detinham as características típicas das áreas mais antigas das cidades, o que não interessa para este estudo, uma vez que se pretende chegar ao centro histórico dos dezoito concelhos capitais de distrito em Portugal Continental. Além disto, esta opção é reforçada pelo facto do INE disponibilizar os dados estatísticos, tendo por base ainda a organização administrativa das freguesias anterior à Lei nº11-A/2013 e ao Decreto da República nº 160/2012 de 8 de Novembro.

### **2.1.2 Variáveis demográficas**

Para se atingir o objetivo de perceber se a dinâmica demográfica dos concelhos é a mesma que a dinâmica demográfica das freguesias centrais, analisar-se-ão os dezoito concelhos de estudo e as respetivas freguesias centrais sob as seguintes variáveis:

- População residente;
- População residente com idades compreendidas entre os 0 e 14 anos;
- População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos;
- População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos;
- População residente com 65 e mais anos;

Na análise demográfica referir-se-á apenas os casos mais relevantes, devido à extensão dos dados das áreas de estudo em causa. Contudo, todos os dados de todas as áreas de estudo encontram-se nos anexos desta dissertação.

Segue-se então para a análise demográfica dos 18 concelhos de estudo e respetivas freguesias centrais.

## **2.2 Análise demográfica**

### **2.2.1 População residente**

A variável “população residente” é importante para perceber a dinâmica demográfica geral das áreas de estudo. Nesta variável há dinâmicas contraditórias na maior parte dos concelhos e respetivas freguesias centrais.

Existem apenas 4 concelhos onde as freguesias centrais seguiram a mesma tendência demográfica de crescimento populacional. São eles os concelhos de Bragança, Leiria, Castelo Branco e Faro. À escala do concelho, o crescimento populacional apesar de não ser significativo, as freguesias centrais dos quatro concelhos são bastante significativos (ver tabela 8).

**Tabela 8. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente dos concelhos e das freguesias centrais com a mesma dinâmica demográfica**

Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	nº		nº		
<b>Bragança</b>	33888		33972		<b>0,25</b>
Santa Maria	3324		3778		<b>13,66</b>
Sé	16153		17416		<b>7,82</b>
<b>Leiria</b>	118142		124944		<b>5,76</b>
Leiria	13276		14210		<b>7,04</b>
<b>Castelo Branco</b>	54473		54868		<b>0,73</b>
Castelo Branco	30351		34484		<b>13,62</b>
<b>Faro</b>	56286		62973		<b>11,88</b>
São Pedro	12303		13964		<b>13,50</b>
Sé	27790		29115		<b>4,77</b>

**Fonte:** Elaborado a partir de dados do INE

Por outro lado, existem apenas dois concelhos, que registaram uma diminuição da população, e as suas freguesias centrais seguiram a mesma tendência. São o caso do Porto e Coimbra. Tal como é possível verificar na tabela 9, o caso do Porto é o mais se destaca, uma vez que todas as freguesias centrais perderam mais de 25% da sua população residente. No caso de Coimbra as perdas populacionais são mais discrepantes. Enquanto as freguesias de Almedina e São Bartolomeu perderam mais de 30% da população, o caso de Santo António dos Olivais a perda foi de apenas 1%.

Os concelhos da Guarda, Lisboa e Santarém também viram diminuir a percentagem da população residente. Contudo, nestes concelhos há dinâmicas demográficas contraditórias nas suas freguesias centrais. Veja-se o caso de Lisboa onde 3 das suas 6 freguesias centrais viram diminuir a percentagem da população residente em mais de 15 %, enquanto as restantes viram aumentar a população residente em mais de 4 pontos percentuais. No caso da Guarda, a freguesia de São Vicente viu aumentar a população em mais de 1%, e a freguesia da Sé registou uma perda populacional superior a 8%. No caso das três freguesias centrais de Santarém, apenas Marvila viu diminuir a sua população residente em mais de 6% e as restantes registaram aumentos superiores a 7%.

**Tabela 9. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente dos concelhos e freguesias centrais que perderam população**

Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	n°		n°		
<b>Porto</b>	256868		232723		<b>-9,40</b>
Miragaia		2698		2023	<b>-25,02</b>
São Nicolau		2853		1832	<b>-35,79</b>
Sé		4414		3169	<b>-28,21</b>
Vitória		2568		1746	<b>-32,01</b>
<b>Coimbra</b>	145750		141206		<b>-3,12</b>
Almedina		1134		760	<b>-32,98</b>
Santa Cruz		6669		5554	<b>-16,72</b>
Santo António dos Olivais		39165		38526	<b>-1,63</b>
São Bartolomeu		781		554	<b>-29,07</b>
Sé Nova		7730		6161	<b>-20,30</b>
<b>Guarda</b>	42532		41228		<b>-3,07</b>
São Vicente		11277		11408	<b>1,16</b>
Sé		7214		6621	<b>-8,22</b>
<b>Lisboa</b>	542964		536859		<b>-1,12</b>
Madalena		376		391	<b>3,99</b>
Mártires		321		337	<b>4,98</b>
Sacramento		858		730	<b>-14,92</b>
Santa Justa		660		782	<b>18,48</b>
São Cristóvão e São Lourenço		1610		1274	<b>-20,87</b>
São Nicolau		1058		908	<b>-14,18</b>
<b>Santarém</b>	62690		61129		<b>-2,49</b>
Marvila		9306		8685	<b>-6,67</b>
São Nicolau		8884		9503	<b>6,97</b>
São Salvador		9105		10457	<b>14,85</b>

**Fonte:** Elaborado a partir de dados do INE

Por último, os concelhos de Viana do Castelo, Braga, Aveiro, Viseu, Setúbal e Beja viram aumentar a percentagem da população residente. O aumento referido é pouco significativo, quando comparado com o aumento verificado nalgumas das freguesias centrais dos concelhos referidos. No caso de Viana do Castelo, o aumento populacional da população residente não chega a 1%, mas a freguesia central de Santa Maria Maior regista um aumento populacional acima dos 6%. O concelho de Braga viu aumentar a população residente em quase 11% e as suas freguesias centrais de São Vicente e São Vítor, são as únicas que seguem a mesma tendência de crescimento do concelho. As restantes freguesias centrais registam diminuições significativas da população, com destaque para São João do Souto com uma perda populacional superior a 30%.

O concelho de Aveiro viu aumentar a percentagem da população residente em quase 7% e a freguesia da Glória é a única que segue a tendência de crescimento demográfico do concelho, com um aumento da população residente de quase 12%.

O caso de Viseu é muito interessante pois enquanto a escala concelhia vê aumentar a percentagem de população residente em cerca de 6%, a freguesia central Coração de Jesus vê aumentar a mesma população em quase 30%. A disparidade demográfica entre o concelho e respetivas freguesias centrais é semelhante em Setúbal, uma vez que o concelho registou um aumento percentual da população residente em quase 7% e a freguesia central de Santa Maria da Graça viu a mesma população aumentar em quase 50%.

O concelho de Beja registou um aumento percentual da população residente pouco significativo (0,43%), e das quatro freguesias centrais, três veem aumentar significativamente a população residente e Santiago Maior é a única freguesia central que regista uma diminuição da população residente em quase 5%.

O caso mais interessante é o do concelho de Évora, que apesar de ter visto aumentar a população, todas as freguesias centrais registaram diminuições significativas da população residente (ver dados em anexo).

## 2.2.2 População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos

No grupo etário mais jovem, o dos indivíduos com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos, existem apenas 4 concelhos onde as freguesias centrais registaram a mesma dinâmica demográfica. São eles Porto, Coimbra, Leiria e Guarda. Nestes concelhos houve uma diminuição da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos e o mesmo aconteceu nas suas freguesias centrais. Destacam-se as freguesias centrais do Porto, que perderam mais de 40% da população mais jovem (ver tabela 10).

**Tabela 10. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente nos concelhos e freguesias centrais com a mesma dinâmica demográfica**

População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	nº		nº		
<b>Porto</b>	34584		28379		<b>-17,94</b>
Miragaia		314		175	<b>-44,27</b>
São Nicolau		421		221	<b>-47,51</b>
Sé		662		382	<b>-42,30</b>
Vitória		301		172	<b>-42,86</b>
<b>Coimbra</b>	20521		17837		<b>-13,08</b>
Coimbra (Almedina)		205		83	<b>-59,51</b>
Coimbra (Santa Cruz)		787		587	<b>-25,41</b>
Santo António dos Olivais		5136		4491	<b>-12,56</b>
Coimbra (São Bartolomeu)		69		45	<b>-34,78</b>
Coimbra (Sé Nova)		853		608	<b>-28,72</b>
<b>Leiria</b>	20558		19317		<b>-6,04</b>
Leiria		2153		1996	<b>-7,29</b>
<b>Guarda</b>	6809		5833		<b>-14,33</b>
Guarda (São Vicente)		1958		1833	<b>-6,38</b>
Guarda (Sé)		1294		943	<b>-27,13</b>

**Fonte:** Elaborado a partir de dados do INE

Por outro lado, existem concelhos que apesar de terem visto diminuir a população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos, as suas freguesias centrais viram aumentar a população residente em estudo. Há assim uma dinâmica demográfica contraditória entre os concelhos de Vila Real, Castelo Branco e Portalegre e as suas respetivas freguesias centrais. Destaca-se a freguesia de São Pedro de Vila Real que

registou um aumento da população mais jovem em quase 30%, apesar do concelho ter visto diminuir a população mais jovem em quase 5% (ver tabela 11).

**Tabela 11. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos com diminuição da população residente e das freguesias com aumento da população residente**

População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	nº		nº		
<b>Vila Real</b>	8075		7714		<b>-4,47</b>
Vila Real (São Pedro)		502		649	<b>29,28</b>
<b>Castelo Branco</b>	7369		7107		<b>-3,56</b>
Castelo Branco		5058		5232	<b>3,44</b>
<b>Portalegre</b>	3496		3250		<b>-7,04</b>
Sé		1443		1537	<b>6,51</b>

**Fonte:** Elaborado a partir de dados do INE

Por último, é importante referir que há concelhos que registaram um aumento percentual da população residente. Contudo, nesses concelhos, o comportamento demográfico das freguesias centrais é interessante, no sentido em que há freguesias centrais que seguem a mesma tendência demográfica do concelho, e outras que registam uma diminuição da população residente mais jovem. É a realidade demográfica dos concelhos de Lisboa, Setúbal, Beja e Faro.

No caso de Lisboa enquanto o concelho regista aumento percentual da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos de quase 8%, a freguesia central de São Cristóvão e São Lourenço regista uma perda significativa da mesma população de 23%. As restantes freguesias centrais do concelho veem aumentar a população residente em estudo, sendo de destacar o caso das freguesias centrais da Madalena e Santa Justa, uma vez que registam aumentos populacionais superiores a 60%.

O concelho de Setúbal também é um caso interessante, no sentido em que a escala concelho vê aumentar a população do grupo etário em estudo em quase 11% e uma das suas freguesias centrais Santa Maria da Graça, vê aumentar a mesma população em 50%, enquanto São Julião regista perdas populacionais de quase 5%.

Em Beja a situação demográfica é semelhante à dos concelhos anteriores. O concelho vê aumentar a população em mais de 4%, a freguesia central de Santiago Maior é a única das quatro freguesias centrais que regista uma diminuição da população residente em 7%, e as restantes freguesias seguem a tendência demográfica do concelho com um crescimento bastante significativo. Destaca-se a freguesia central de Santa Maria da Feira com um aumento percentual de quase 50%.

Por último o concelho de Faro registou um aumento de cerca de 13% da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos e a freguesia central de São Pedro viu aumentar a mesma população em cerca de 30%, aumento este muito mais significativo que o do concelho (ver tabela 12).

Nos restantes concelhos as diminuições percentuais também só ocorrem numa das freguesias centrais (ver tabela 1 em anexos).

**Tabela 12. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos com aumento da população residente e das freguesias com diminuição da população residente**

População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	nº		nº		
<b>Lisboa</b>	65548		70494		7,55
Madalena		27		51	88,89
Mártires		33		36	9,09
Sacramento		81		85	4,94
Santa Justa		51		83	62,75
São Cristóvão e São Lourenço		136		105	-22,79
São Nicolau		80		86	7,50
<b>Setúbal</b>	17686		19557		10,58
Setúbal (Santa Maria da Graça)		622		933	50,00
Setúbal (São Julião)		2312		2199	-4,89
<b>Beja</b>	5161		5374		4,13
Beja (Salvador)		881		1045	18,62
Beja (Santa Maria da Feira)		624		922	47,76
Beja (Santiago Maior)		1216		1132	-6,91
Beja (São João Baptista)		900		909	1,00
<b>Faro</b>	8295		9400		13,32
Faro (São Pedro)		1748		2266	29,63
Faro (Sé)		4175		4037	-3,31

**Fonte:** Elaborado a partir de dados do INE

### **2.2.3 População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos**

No grupo etários da população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, 15 dos 18 concelhos em estudo veem diminuir a população residente, e as respetivas freguesias centrais registaram a mesma diminuição percentual da população residente. Importa assim destacar as exceções.

Os concelhos de Lisboa, Setúbal e Beja registaram diminuições percentuais da população residente em mais de 25% e todos detêm apenas uma freguesia central onde que aumentou a população do grupo etário em estudo. Tal como é possível verificar na tabela 13, nas restantes freguesias centrais dos concelhos referidos, há uma diminuição significativa da população do grupo etário em estudo. É importante destacar o caso de Lisboa, onde a escala concelho registou uma diminuição da população residente em cerca de 25%, e quatro das suas seis freguesias centrais registaram uma diminuição da população residente superior a 30% (ver tabela 13). Nos concelhos de Setúbal e Beja, as freguesias que seguiram a mesma tendência demográfica de perda populacional, detêm perdas percentuais semelhantes com as dos respetivos concelhos.

**Tabela 13. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos com diminuição da população residente e das freguesias com aumento e diminuição da população residente**

População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	nº		nº		
<b>Lisboa</b>	71634		53507		<b>-25,31</b>
Madalena		54		38	<b>-29,63</b>
Mártires		48		30	<b>-37,50</b>
Sacramento		110		72	<b>-34,55</b>
Santa Justa		84		98	<b>16,67</b>
São Cristóvão e São Lourenço		199		106	<b>-46,73</b>
São Nicolau		123		106	<b>-13,82</b>
<b>Setúbal</b>	16267		12507		<b>-23,11</b>
Setúbal (Santa Maria da Graça)		735		772	<b>5,03</b>
Setúbal (São Julião)		2358		1733	<b>-26,51</b>
<b>Beja</b>	4931		3571		<b>-27,58</b>
Beja (Salvador)		803		689	<b>-14,20</b>
Beja (Santa Maria da Feira)		502		508	<b>1,20</b>
Beja (Santiago Maior)		1157		768	<b>-33,62</b>
Beja (São João Baptista)		909		657	<b>-27,72</b>

**Fonte:** Elaborado a partir de dados do INE

## 2.2.4 População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos

Em relação ao grupo etário da população com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos 7 dos 18 concelhos veem aumentar a sua população residente, o que acontece igualmente com as respetivas freguesias centrais. São o caso dos concelhos de Vila Real, Bragança, Leiria, Castelo Branco, Portalegre, Beja e Faro. O aumento percentual da população residente nestes concelhos e nas suas freguesias centrais é bastante significativo. Apenas nas freguesias centrais do concelho de Faro há um aumento da população residente em estudo, que não atinge um ponto percentual (ver tabela 14).

**Tabela 14. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos e freguesias centrais com aumento da população residente**

População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	nº		nº		
<b>Vila Real</b>	26631		29156		<b>9,48</b>
Vila Real (São Pedro)	2372		2752		<b>16,02</b>
<b>Bragança</b>	18089		19182		<b>6,04</b>
Bragança (Santa Maria)	1760		2272		<b>29,09</b>
Bragança (Sé)	9294		10494		<b>12,91</b>
<b>Leiria</b>	65195		70986		<b>8,88</b>
Leiria	7715		8415		<b>9,07</b>
<b>Castelo Branco</b>	28893		30222		<b>4,60</b>
Castelo Branco	17526		20328		<b>15,99</b>
<b>Portalegre</b>	13427		13501		<b>0,55</b>
Sé	5425		6169		<b>13,71</b>
<b>Beja</b>	18395		19347		<b>5,18</b>
Beja (Salvador)	3093		3698		<b>19,56</b>
Beja (Santa Maria da Feira)	1766		2382		<b>34,88</b>
Beja (Santiago Maior)	4263		4310		<b>1,10</b>
Beja (São João Baptista)	3321		3492		<b>5,15</b>
<b>Faro</b>	32020		37106		<b>15,88</b>
Faro (São Pedro)	7246		8441		<b>0,02</b>
Faro (Sé)	15736		17092		<b>0,01</b>

**Fonte:** Elaborado a partir de dados do INE

Nos restantes concelhos do País a dinâmica demográfica deste grupo etário não é consensual entre os concelhos e as freguesias centrais.

Há concelhos que apesar de terem registado um aumento da população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos, as suas freguesias centrais têm tendências demográficas contraditórias, uma vez que no mesmo concelho há freguesias que registam um aumento populacional, e outras que registam uma diminuição populacional. Esta situação verifica-se nos concelhos de Viana do Castelo, Braga, Aveiro, Coimbra, Viseu, Guarda, Setúbal e Évora (ver tabela 15). Nestes concelhos destacam-se o caso de Viseu, que à escala concelhia registou um aumento da população residente em estudo de quase 12%, e a freguesia central de Coração de Jesus vê aumentar a mesma população em mais de 30%. O mesmo acontece com o concelho de Setúbal, concelho este que vê aumentar a população residente de mais de 6%, e a freguesia central de Santa Maria da Graça destaca-se por apresentar um aumento percentual de mais de 45% da população em estudo.

O caso da dinâmica demográfica do concelho de Coimbra também é interessante, no sentido em que o concelho regista um ligeiro aumento populacional do grupo etário em estudo, e quatro das suas cinco freguesias centrais registam perdas percentuais da população residente superiores 13%.

Por outro lado, há concelhos que apesar de terem visto diminuir a população residente do grupo etário em estudo, as suas freguesias centrais apresentam mais uma vez, comportamentos demográficos contraditórios. No mesmo concelho há freguesias que seguem a tendência de diminuição da população, e outras freguesias que veem aumentar a população com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos. Esta realidade acontece nos concelhos de Lisboa e Santarém. No concelho de Lisboa, quatro das seis freguesias centrais registaram um aumento da população residente superior a 20%. Em Santarém duas das três freguesias centrais registaram um aumento da população superior a 10%. O Porto é o único concelho que vê diminuir a população com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos e onde todas as freguesias centrais registaram a mesma tendência de diminuição. Aliás esta diminuição da população nas freguesias centrais do concelho do Porto é superior a 20% em todas (ver tabela 4 em anexos).

**Tabela 15. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos e freguesias centrais com dinâmicas demográficas contraditórias quanto à população residente**

População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	nº		nº		
<b>Viana do Castelo</b>	46921		49321		<b>5,11</b>
Monserrate	2987		2708		<b>-9,34</b>
Santa Maria Maior	5375		6007		<b>11,76</b>
<b>Braga</b>	89053		105835		<b>18,84</b>
Cividade	1006		767		<b>-23,76</b>
Maximinos	5497		5587		<b>1,64</b>
São João do Souto	316		231		<b>-26,90</b>
São José de São Lázaro	8076		7641		<b>-5,39</b>
São Vicente	6691		7765		<b>16,05</b>
São Vítor	14314		17601		<b>22,96</b>
Sé	1910		1944		<b>1,78</b>
<b>Aveiro</b>	40267		45202		<b>12,26</b>
Glória	5431		5166		<b>-4,88</b>
Vera Cruz	4878		5664		<b>16,11</b>
<b>Coimbra</b>	81656		81786		<b>0,16</b>
Coimbra (Almedina)	649		438		<b>-32,51</b>
Coimbra (Santa Cruz)	3537		2969		<b>-16,06</b>
Santo António dos Olivais	22070		22324		<b>1,15</b>
Coimbra (São Bartolomeu)	380		304		<b>-20,00</b>
Coimbra (Sé Nova)	4416		3862		<b>-12,55</b>
<b>Viseu</b>	48993		54730		<b>11,71</b>
Viseu (Coração de Jesus)	4795		6602		<b>37,69</b>
Viseu (Santa Maria de Viseu)	3694		3618		<b>-2,06</b>
<b>Guarda</b>	22721		23426		<b>3,10</b>
Guarda (São Vicente)	6569		6928		<b>5,47</b>
Guarda (Sé)	4166		4055		<b>-2,66</b>
<b>Setúbal</b>	63156		67215		<b>6,43</b>
Setúbal (Santa Maria da Graça)	2844		4147		<b>45,82</b>
Setúbal (São Julião)	9680		9160		<b>-5,37</b>
<b>Évora</b>	29726		31386		<b>5,58</b>
Évora (Santo Antão)	654		673		<b>2,91</b>
Évora (São Mamede)	990		853		<b>-13,84</b>
Sé e São Pedro	922		847		<b>-8,13</b>

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE

### **2.2.5 População residente com idade igual ou superior a 65 anos**

O grupo etário dos idosos é o grupo etário onde há maior uniformidade entre os concelhos e as freguesias centrais, uma vez que todas as áreas de estudo registam um aumento percentual da população residente com idade igual ou superior a 65 anos.

Os concelhos do Porto, Coimbra, Lisboa e Évora são os únicos onde as freguesias centrais na sua maior parte, não atingem um aumento populacional de 100%.

Os restantes 14 concelhos e respetivas freguesias centrais viram aumentar a população do grupo etário em análise em mais de 100%. Existem mesmo freguesias centrais (Sé de Bragança e Santa Maria da Graça de Setúbal) que registaram um aumento de 200% da população residente com idade igual ou superior a 65 anos (ver tabela 16).

**Tabela 16. Volume, distribuição e taxa de variação dos concelhos e freguesias centrais com os menores aumentos da população residente**

População residente com 65 e mais anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	nº		nº		
<b>Porto</b>	51003		110166		<b>116,00</b>
Miragaia	638		1072		<b>68,03</b>
São Nicolau	617		960		<b>55,59</b>
Sé	1140		1816		<b>59,30</b>
Vitória	770		1134		<b>47,27</b>
<b>Coimbra</b>	24539		57572		<b>134,61</b>
Coimbra (Almedina)	391		578		<b>47,83</b>
Coimbra (Santa Cruz)	1637		3096		<b>89,13</b>
Santo António dos Olivais	6234		15800		<b>153,45</b>
Coimbra (São Bartolomeu)	314		460		<b>46,50</b>
Coimbra (Sé Nova)	1637		3198		<b>95,36</b>
<b>Lisboa</b>	133304		261920		<b>96,48</b>
Madalena	103		132		<b>28,16</b>
Mártires	80		144		<b>80,00</b>
Sacramento	215		294		<b>36,74</b>
Santa Justa	227		318		<b>40,09</b>
São Cristóvão e São Lourenço	445		702		<b>57,75</b>
São Nicolau	382		474		<b>24,08</b>
<b>Évora</b>	10413		22334		<b>114,48</b>
Évora (Santo Antão)	528		838		<b>58,71</b>
Évora (São Mamede)	734		1136		<b>54,77</b>
Sé e São Pedro	729		1084		<b>48,70</b>

**Fonte:** Elaborado a partir de dados do INE

### 2.3 Síntese e discussão

Este capítulo foi totalmente dedicado à análise demográfica de duas escalas territoriais (18 concelhos e respetivas freguesias centrais). Contudo, antes de se analisar as diversas áreas de estudo, realizou-se um exercício com o intuito de perceber as características morfológicas das freguesias centrais definidas por Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013). Definiu-se como freguesias centrais dos 18 concelhos de estudo, as freguesias que do ponto de vista morfológico detinham como características elevada densidade de edifícios e infraestruturas, particularidades das áreas mais antigas das cidades. A conclusão de Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013) com este trabalho é que efetivamente os limites administrativos das freguesias não respeitam a história da sua ocupação, da sua morfologia.

De seguida, realizou-se um segundo exercício e atribuiu-se uma forma urbana a cada freguesia central e justificou-se essa atribuição. Este exercício possibilitou concluir que as áreas mais antigas dos 18 concelhos em estudo (as áreas com as maiores densidades de edifícios e infraestruturas), raramente encontram-se localizadas numa só freguesia, o que sustenta o argumento de Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013) que referem que os limites administrativos das freguesias não respeitem a sua história. Devido a isto, não se pode considerar que a forma atribuída seja a única forma urbana existente em cada uma das freguesias centrais. A forma atribuída corresponde à forma existente nas áreas mais antigas dos concelhos de estudo.

O exercício referido constitui um passo intermédio na delimitação dos centros das cidades dos dezoito concelhos de estudo, pois a definição das freguesias centrais e a caracterização das mesmas do ponto de vista morfológico constitui não só uma orientação para se chegar ao centro da cidade nos 18 concelhos em estudo, como também permitiu compreender a dificuldade que está subjacente à identificação das áreas mais antigas das cidades e à delimitação do seu centro.

Prosseguiu-se de seguida para a análise demográfica dos 18 concelhos de estudo e das respetivas freguesias centrais, com o objetivo de perceber se a dinâmica demográfica dos concelhos era a mesma que as respetivas freguesias centrais. Concluiu-se assim que a dinâmica demográfica dos concelhos nada tem a ver com a dinâmica demográfica das respetivas freguesias centrais. Após analisar-se as variáveis “População residente”,

“População com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos”, “População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos” e “População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos”, viu-se que há concelhos que apesar de terem visto aumentar a população residente nos diferentes grupos etários, detêm freguesias que viram diminuir a população residente nos mesmos grupos etários e vice-versa.

O envelhecimento da população é uma das realidades das áreas que foram objeto de estudo. Este envelhecimento pode derivar do aumento do número de pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, e/ou da diminuição do número de jovens (população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos).

É possível afirmar que há um envelhecimento da população por um lado, no sentido em que a variável “população residente com idade igual ou superior a 65 anos” apresentou uma dinâmica de crescimento da população residente em todas as áreas de estudo. Este aumento populacional dos indivíduos idosos, inclusive nas freguesias centrais, pode indicar que os centros históricos dos 18 concelhos de estudo encontram-se envelhecidos, perspectiva defendida por Salgueiro (2006). Não se pode é afirmar que a dinâmica de envelhecimento dos 18 concelhos de estudo esteja relacionada com a dinâmica de envelhecimento das freguesias centrais, uma vez que tal como se referiu, pode existir muitas disparidades entre a dinâmica da escala concelho e a dinâmica demográfica das respetivas freguesias centrais.

Contudo, não se pode afirmar que há um envelhecimento das áreas de estudo derivado da diminuição do número de residentes mais jovens (população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos).

A análise da variável “População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos” demonstrou que existem concelhos que apesar de terem visto diminuir a população residente, detêm freguesias centrais com crescimentos populacionais bastante significativos. O caso mais interessante foi o da freguesia central de São Pedro do concelho de Vila Real, onde se registou um aumento da população mais jovem de cerca de 30%, apesar do concelho ter visto diminuir a população em mais 4%. Outras situações semelhantes ocorreram nos concelhos de Castelo Branco e Portalegre. No caso de Castelo Branco a perda ao nível do concelho da população mais jovem foi superior a 3%, e a respetiva freguesia central de Castelo Branco registou um aumento da população residente

em quase 4%. Por último, o concelho de Portalegre registou uma diminuição da população residente do grupo etário em estudo em mais de 7%, e a sua única freguesia central da Sé registou uma dinâmica oposta, no sentido em que viu aumentar a população residente mais jovem em quase 7% também.

Ainda no grupo etário da “População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos” constatou-se outra realidade demográfica bastante interessante. Existem quatro concelhos que viram aumentar a população residente, mas no mesmo concelho, existem freguesias centrais com aumento populacionais muito superiores ao do concelho e freguesias centrais com decréscimos populacionais bastante significativos. São eles Lisboa, Setúbal, Beja e Faro. O caso de Lisboa é o que mais se destaca, uma vez que o concelho registou um aumento da população mais jovem em quase 8 %, a freguesia central de São Cristóvão e São Lourenço registou uma perda da população mais jovem em mais de 20 % e as restantes freguesias centrais seguem a tendência demográfica de crescimento da população jovem, com destaque para as freguesias centrais de Madalena e Santa Justa com aumento da população em mais 60%.

Nos concelhos de Setúbal, Beja e Faro a realidade demográfica da “População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos” é semelhante à do concelho de Lisboa. O primeiro viu aumentar a população mais jovem em quase 11%, e a freguesia central de Santa Maria da Graça registou um aumento superior a 50%. No concelho de Beja há um aumento superior a 4% da população mais jovem, e nas freguesias centrais de Salvador e Santa Maria da Feira o aumento é bastante significativo, superior a 19 %. Por último, no caso de Faro, à escala concelhia há um aumento superior a 13% da população do grupo etário em estudo, e a freguesia central de São Pedro registou um crescimento populacional de quase 30%. À semelhança do que aconteceu com Lisboa, os concelhos referidos detêm todos, uma freguesia central onde há um decréscimo populacional superior a 3%.

Em síntese, no grupo etário da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos 14 concelhos registaram uma diminuição da população e 4 concelhos registaram um aumento da população. Apenas nos concelhos do Porto, Coimbra, Leiria e Guarda verificou-se uma diminuição da população em estudo, em todos as freguesias centrais, tal como a dinâmica do respetivo concelho. Por outro lado, os

concelhos de Vila Real, Castelo Branco e Portalegre registaram uma diminuição significativa da população residente, mas todas as freguesias centrais destes concelhos viram aumentar significativamente a população residente do mesmo grupo etário.

Outro grupo etário que pode ser considerado jovem é o que corresponde à variável “População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos”. Neste grupo etário os 18 concelhos de estudo, assim como 47 das 50 freguesias centrais viram diminuir a população residente. Contudo, existem 3 concelhos onde uma das freguesias centrais registou um aumento significativo da população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. O concelho de Lisboa apesar de ter registado uma diminuição da população do grupo etário em estudo em mais de 25%, a freguesia central de Santa Justa viu aumentar a população do mesmo grupo etário em mais de 16%. Por outro lado, o concelho de Setúbal apesar de ter registado uma diminuição da população residente em mais de 23%, a freguesia central de Santa Maria da Graça registou uma tendência demográfica oposta, no sentido em que houve um aumento da população residente superior a 5%. Por último, o concelho de Beja registou uma perda populacional do grupo etário em estudo superior a 25%, mas a freguesia central de Santa Maria da Feira viu aumentar a população do mesmo grupo etário em mais de 1%.

Por último, a variável “População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos”, que corresponde ao grupo etário em idade ativa, 15 dos 18 concelhos de estudo viram aumentar a população residente deste grupo etário e 3 viram diminuir a mesma população. Por outro lado, 29 das 50 freguesias centrais registaram um aumento da população residente do grupo etário em estudo, e 21 registaram uma diminuição da população residente do mesmo grupo etário. Neste grupo etário encontrou-se diversos padrões demográficos. Aqui importa apenas salientar os casos onde se registaram aumentos populacionais significativos.

À semelhança do que aconteceu com as variáveis analisadas anteriormente, a variável “População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos” permitiu perceber que existem concelhos que registaram um aumento da população residente do grupo etário em estudo, mas as suas freguesias centrais registaram aumentos populacionais muito superiores. São o caso de Vila Real, Bragança, Castelo Branco, Portalegre e Beja. Em todos estes concelhos o crescimento da população com idades

compreendidas entre os 25 e os 64 anos não chega aos 10%. Contudo, a freguesia central de São Pedro do concelho de Vila Real registou um aumento populacional superior a 15%, a freguesia central de Santa Maria do concelho de Bragança registou um aumento populacional de quase 30%, a freguesia central de Castelo Branco do concelho de Castelo Branco registou um aumento populacional de 16%, a freguesia central da Sé do concelho de Portalegre registou um aumento populacional de quase 14% e finalmente as freguesias centrais de Salvador e Santa Maria da Feira do concelho de Beja registaram aumentos populacionais superiores a 20%.

Após a análise demográfica realizada importa voltar à pergunta de investigação desta dissertação: “Estarão os centros tradicionais mesmo mortos?”

A análise demográfica permitiu perceber que apesar de se ter verificado em todas as áreas de estudo um aumento da população residente com idade igual ou superior a 65 anos, comprovou-se que existem áreas de estudo onde há um aumento percentual da população residente dos grupos etários mais jovens e em idade ativa. É precisamente por existirem concelhos e principalmente freguesias centrais com aumentos populacionais da população residente, nos grupos etários com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos, entre os 15 e os 24 anos e entre os 25 e os 64 anos, que poderá indiciar que os centros dos 18 concelhos de estudo não estão mortos como se julga. O crescimento populacional destes grupos etários poderá compensar o aumento populacional da população residente com idade igual ou superior a 65 anos.

Segue-se então para o estudo da dinâmica demográfica do centro da cidade de Aveiro. O ideal seria estudar os 18 centros de cidade dos 18 concelhos analisados até aqui. Contudo, por uma questão de tempo, o centro da cidade de Aveiro será a última escala a ser analisada, o caso exploratório desta dissertação que possibilitará confrontar a realidade demográfica do concelho de Aveiro, com as respetivas freguesias centrais da Glória e Vera Cruz e por último com o seu centro da cidade.

## **CAPÍTULO III – O CENTRO DA CIDADE DE AVEIRO**

Viu-se no capítulo anterior que a dinâmica demográfica dos concelhos nada tem a ver com a dinâmica demográfica das respetivas freguesias centrais. O mesmo pode acontecer com a dinâmica demográfica do centro das cidades. Assim este capítulo constitui a segunda parte prática desta dissertação e será dividido em duas partes. A primeira será dedicada à descrição da metodologia e a segunda será dedicada ao estudo da dinâmica demográfica do centro da cidade de Aveiro e da cidade consolidada de Aveiro.

### **3.1 Metodologia**

#### **3.1.1 Objeto de estudo**

Estudar a dinâmica demográfica dos distritos, concelhos e freguesias revela-se um exercício simplista, no sentido em que são áreas de estudo com limites administrativos definidos e cujos dados de qualquer variável estão disponibilizados por diversas instituições.

O problema surge quando se pretende estudar a dinâmica demográfica do centro de uma cidade, uma vez que, tal como já foi referido, não existem indicadores consensuais para definir centro. Ou seja, enquanto para Carvalho (2013), o centro da cidade corresponde à área com maior espaço dedicado às atividades terciárias, para o IHRU (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana), o centro da cidade corresponde à área mais antiga da cidade, à área de onde se inicia a expansão da cidade.

Depois de surgir a problemática da delimitação do centro da cidade, surge a questão do que é de facto a cidade à qual esse centro pertence, uma vez que a morfologia da cidade não corresponde muitas vezes aos limites administrativos dos seus concelhos. Muitas vezes o espaço físico da cidade vai para além dos limites administrativos do concelho ou vice-versa e neste sentido, é pertinente estudar igualmente a dinâmica demográfica da “cidade” de Aveiro.

### 3.1.1.1 O centro da cidade de Aveiro

A delimitação do centro da cidade de Aveiro iniciou-se com a exploração da diversidade de conceitos, no ponto 1.1 desta dissertação. Assumiu-se aqui como conceito de centro histórico o conceito do IHRU, uma vez que é o conceito que enfatiza não só a malha particular dos centros históricos como também as edificações antigas presentes nos mesmos. Depois como centro de cidade assume-se o conceito de Carvalho (2013), que atribui aos centros das cidades a presença de inúmeras atividades ligadas ao setor terciário.

Entretanto tendo em conta as características dos conceitos assumidos acima referidos, pensou-se numa forma de os materializar, ou seja, numa forma que permitisse identificar o centro da cidade de Aveiro tendo por base as características apontadas pelos autores referidos anteriormente. Partiu-se assim da lista das variáveis do INE à escala da subsecção e viu-se que a variável “Edifícios construídos antes de 1919” era a que nos iria demonstrar qual a zona da cidade de Aveiro mais antiga, e a variável “Edifícios principalmente não residenciais” era a que nos iria demonstrar a zona menos habitacional ou seja, mais “terciária”.

Tendo-se definido as variáveis “capazes” de materializar os conceitos assumidos, recolheu-se informação sobre o que poderia constituir o centro da cidade de Aveiro.

No âmbito do projeto para a Avenida Lourenço Peixinho, considera-se o centro da cidade o espaço com maior número de espaços/pontos de atração de massas populacionais na cidade de Aveiro (Carvalho, Sá & Soares, 2013) tal como é possível ver na figura 4.

**Figura 4. Delimitação centro da cidade de Aveiro**

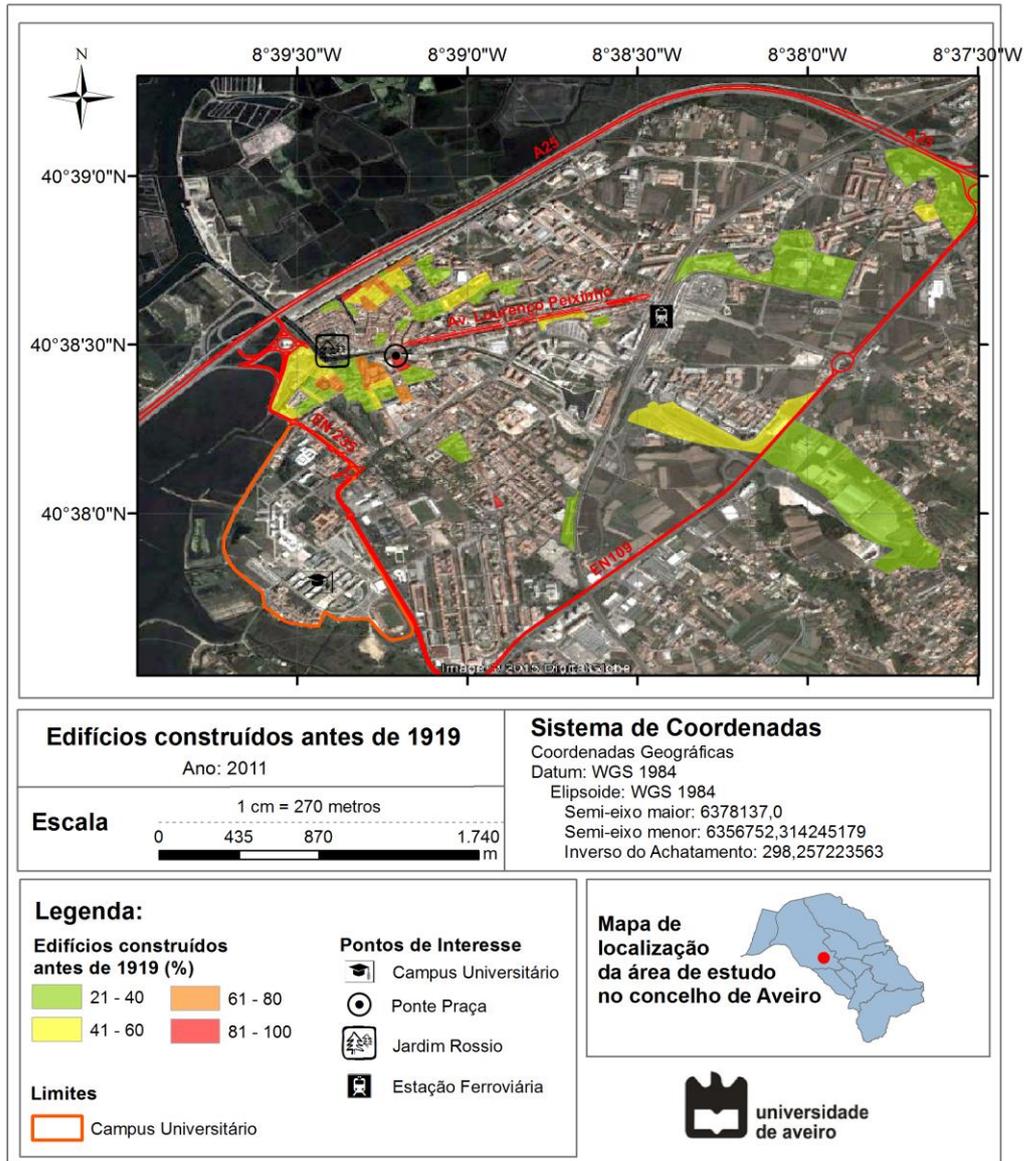


**Fonte:** Carvalho, Sá & Soares, 2013, p.7

No projeto referido, considera-se que o centro da cidade definido na figura 1, é considerado centro da cidade de Aveiro desde de 1999.

Assim tendo em conta o centro definido no âmbito projeto da Avenida Lourenço Peixinho, cartografou-se na área compreendida pelas freguesias centrais definidas por Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013), a “percentagem de edifícios construídos antes de 1919” e a “percentagem de edifícios principalmente não residenciais” nos anos de 2001 e 2011, com o intuito de delimitar o centro da cidade de Aveiro. Propõe-se como centro da cidade de Aveiro a área que nas freguesias centrais integre não só o centro da figura 4, como também a área do território que detenha as maiores percentagens das variáveis “Edifícios construídos antes de 1919” (ver mapa 1) e “Edifícios principalmente não residenciais” (em 2001 (ver mapa 2) e em 2011 (ver mapa 3)). A análise destes mapas permite perceber que, os maiores pesos percentuais das variáveis cartografadas localizam-se à volta da ponte praça, o que significa que é esta a área “menos” residencial e mais antiga. O centro da cidade de Aveiro encontra-se assim delineado no mapa 4.

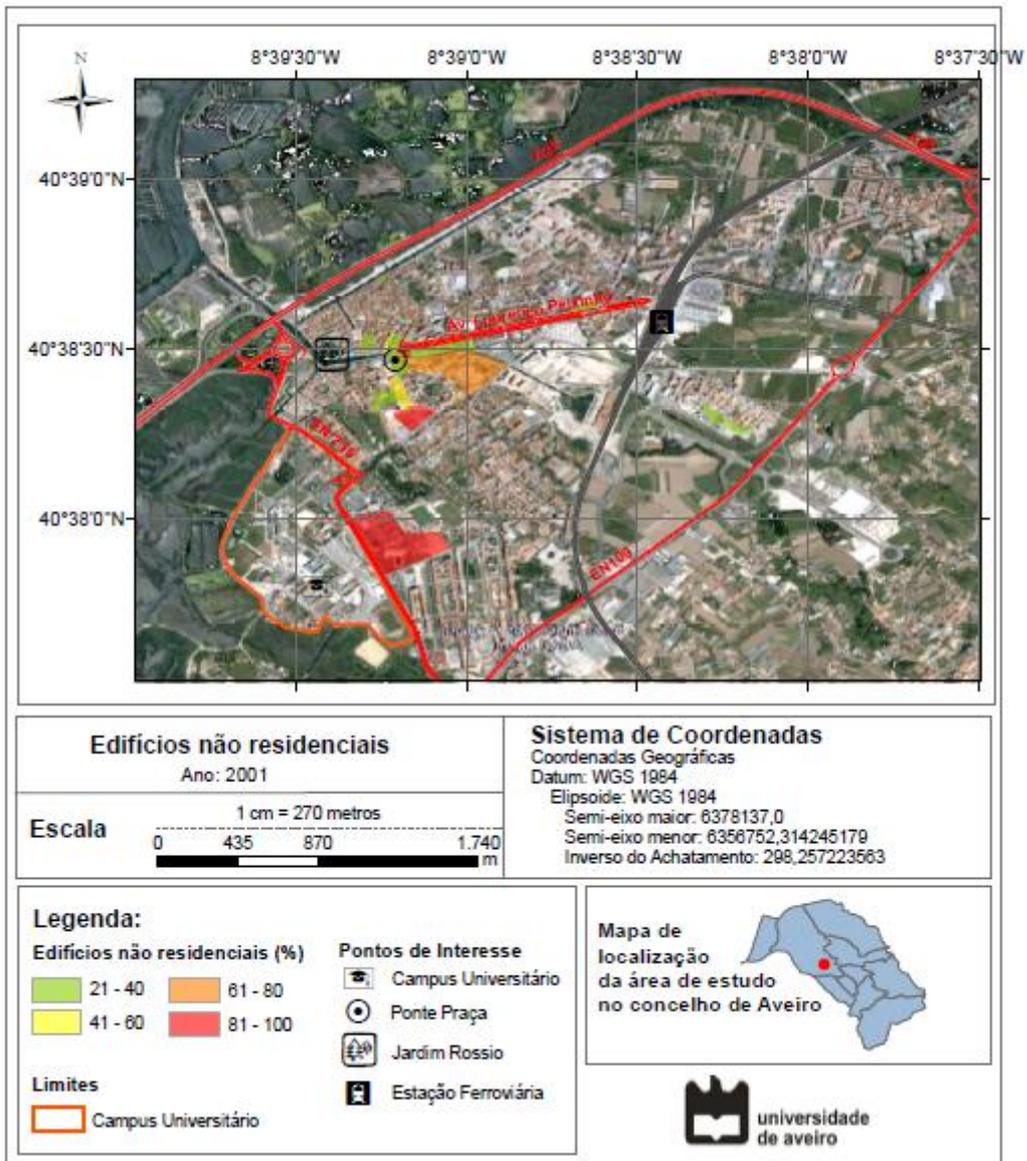
**Mapa 1. Percentagem dos edifícios construídos antes de 1919**



**Fonte:** Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluíram-se as subsecções estatísticas onde 0 a 20% dos edifícios foram construídos antes de 1919.

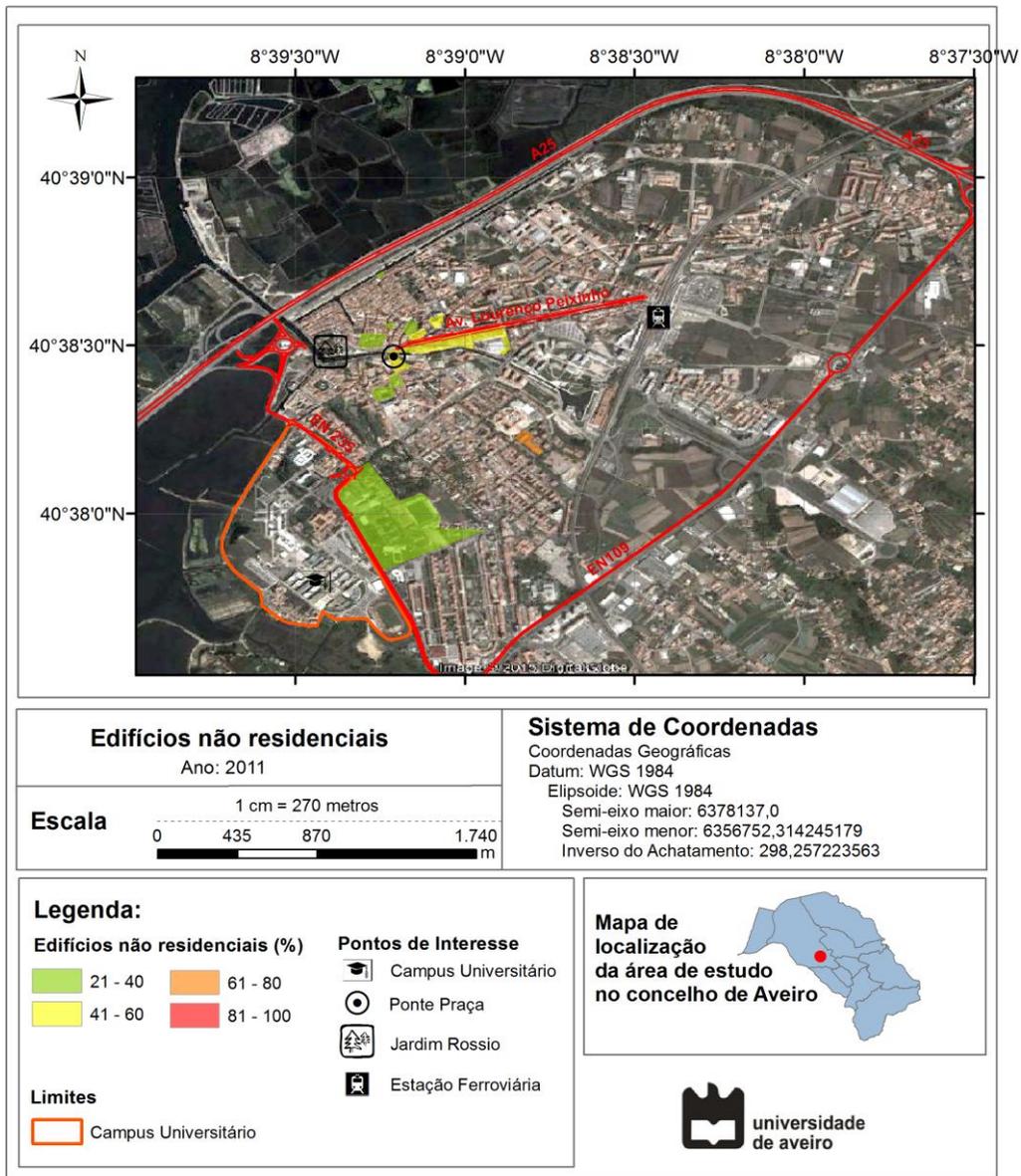
**Mapa 2. Percentagem de edifícios construídos antes de 1919 em 2011**



**Fonte:** Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluíram-se as subsecções estatísticas onde 0 a 20% dos edifícios são principalmente não residenciais.

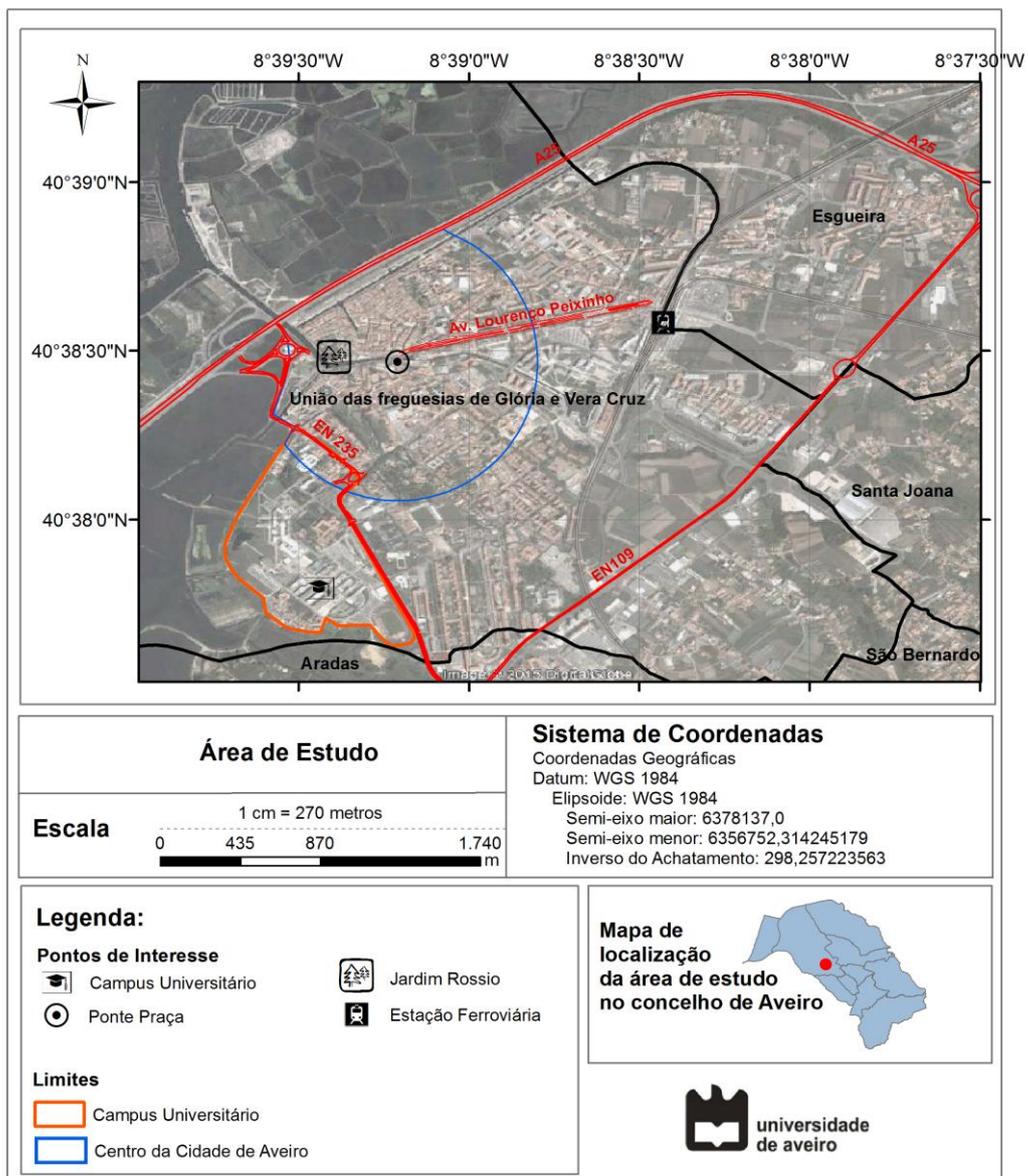
**Mapa 3. Percentagem dos edifícios principalmente não residenciais**



**Fonte:** Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluíram-se as subsecções estatísticas onde 0 a 20% dos edifícios são principalmente não residenciais.

**Mapa 4. Delimitação do centro da cidade de Aveiro**



**Fonte:** Autora da dissertação

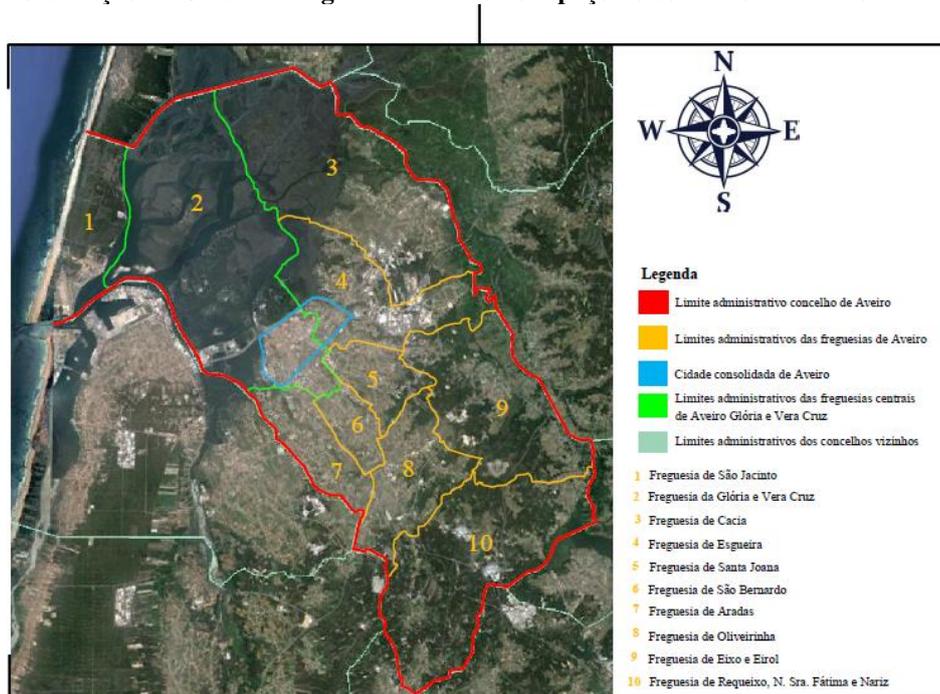
### 3.1.1.2 A cidade consolidada de Aveiro

A propósito da importância da dinâmica demográfica da cidade e dado que muitas vezes o espaço físico da cidade não corresponde aos seus limites administrativos, o objeto de estudo da “cidade” de Aveiro corresponde à denominada “Cidade Consolidada de Aveiro” (Quintão, Moreto & Soares (2012)). A figura 5 permite perceber onde se localiza a “Cidade Consolidada de Aveiro” dentro do espaço administrativo concelho de Aveiro.

A cidade consolidada de Aveiro é delimitada pela A25, Estrada nacional 109 e limite exterior da Estrada Universidade de Aveiro. Este espaço integra parte das freguesias urbanas do concelho de Aveiro, que são também as freguesias centrais definidas no capítulo anterior, ou seja, Glória e Vera Cruz (ver figura 6).

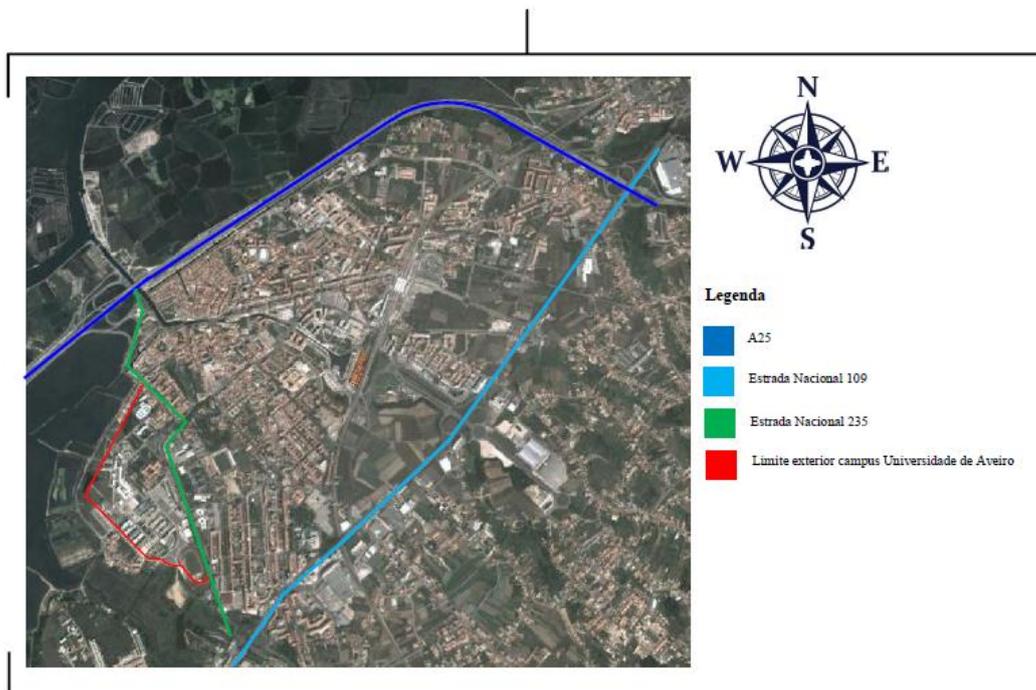
Assim de forma a perceber a contextualização do centro da cidade de Aveiro e da cidade consolidada de Aveiro, os mapas nº 5 e 6 permitem perceber melhor a localização do centro e da cidade de Aveiro no concelho de Aveiro.

**Figura 5. Localização da Cidade Alargada de Aveiro no espaço do concelho de Aveiro**



**Fonte:** Elaborado a partir de imagem do Google Earth

**Figura 6. A Cidade Consolidada de Aveiro**



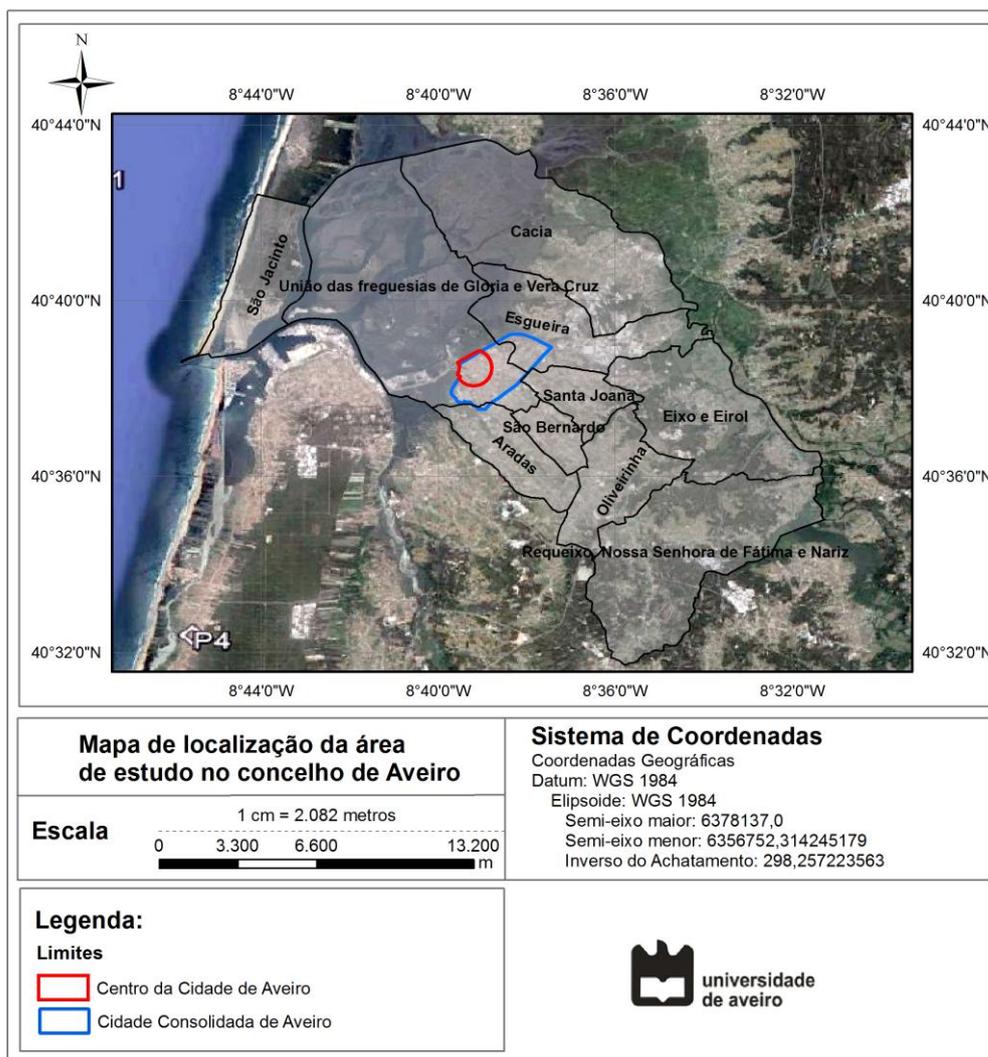
**Fonte:** Elaborado a partir do Google Earth

Mapa 5. Localização da Cidade Consolidada de Aveiro e do centro da cidade de Aveiro no contexto do concelho de Aveiro



Fonte: Autora da dissertação

**Mapa 6. Vista aérea da localização da Cidade Consolidada de Aveiro e do centro da cidade de Aveiro no contexto do concelho de Aveiro**



**Fonte:** Autora da dissertação

### 3.1.2 Variáveis demográficas

Para se estudar a dinâmica demográfica do centro da cidade de Aveiro e da cidade consolidada de Aveiro recorrer-se-á às mesmas variáveis utilizadas para estudar os dezoito concelhos e as respetivas freguesias centrais:

- População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos
- População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos
- População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos
- População residente com idade igual ou superior a 65 anos

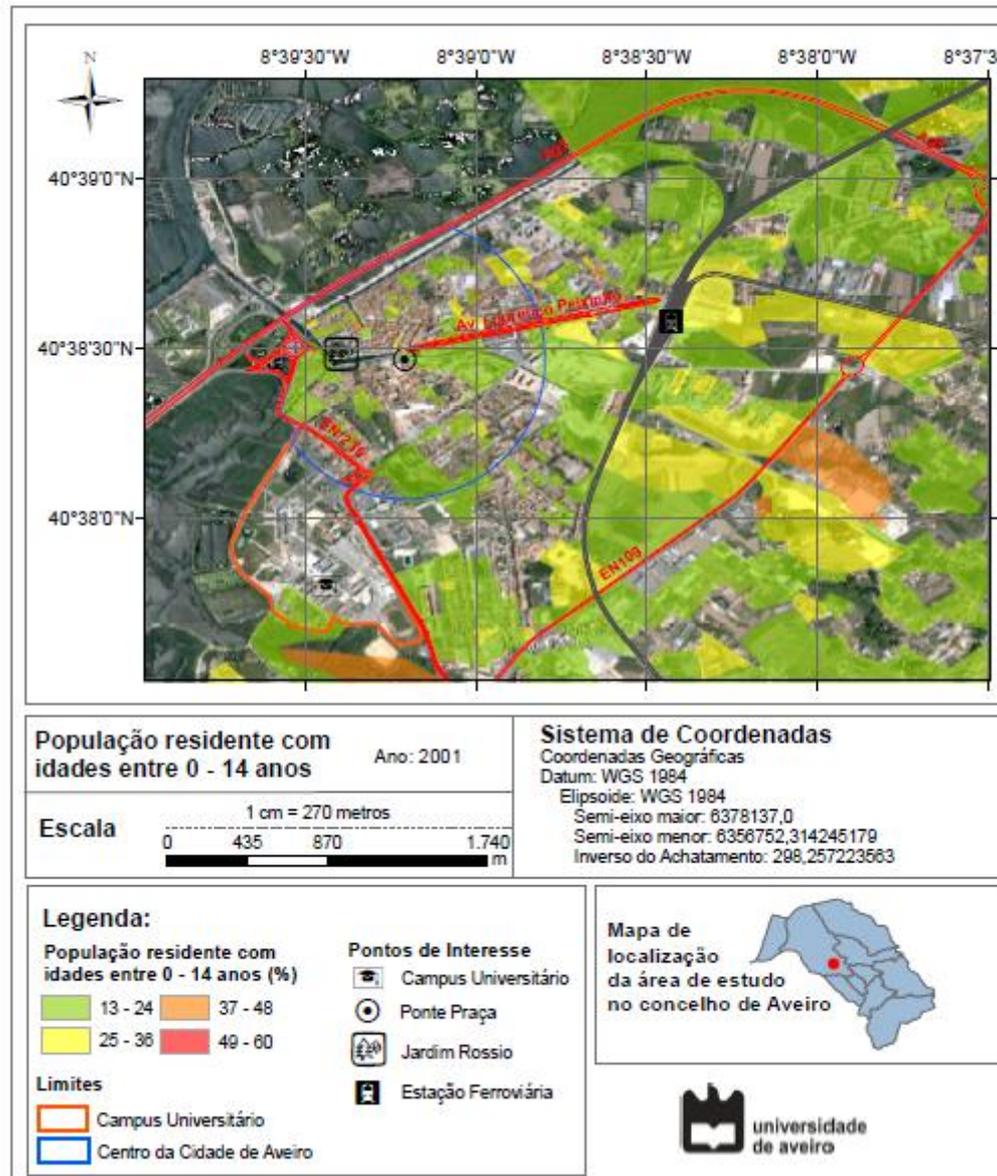
Existem questões que importam esclarecer quanto à escolha das variáveis. Em primeiro lugar a escolha das variáveis teve como base as variáveis existentes ao nível da subsecção estatística (uma vez que serão as que possibilitarão a criação dos mapas que permitirão a análise demográfica do centro da cidade de Aveiro e da cidade consolidada de Aveiro). Em segundo lugar, optou-se por estudar os 4 grupos etários mencionados porque são os grupos-padrão utilizados nos diversos estudos do INE.

É importante estudar o centro da cidade de Aveiro e a cidade consolidada de Aveiro sob as mesmas variáveis para se estabelecer comparações. Segue-se assim para a análise demográfica do centro de Aveiro e da cidade consolidada de Aveiro.

## 3.2 Análise demográfica

### 3.2.1 População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos

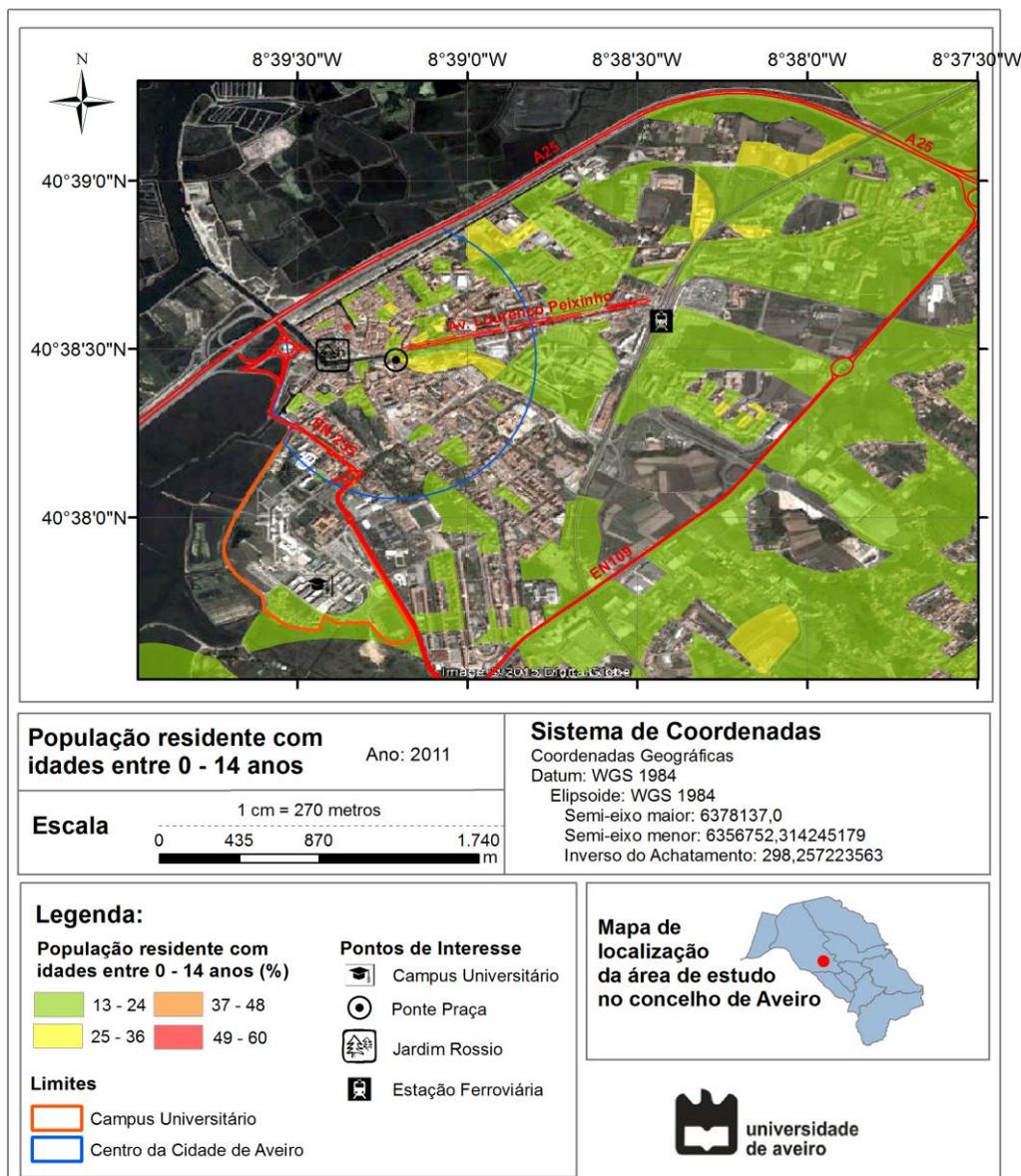
Mapa 7. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos em 2001



Fonte: Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluiu-se as subsecções estatísticas onde 0 a 12% da população residente tem idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos.

**Mapa 8. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos em 2011**



**Fonte:** Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluiu-se as subsecções estatísticas onde 0 a 12% da população residente tem idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos.

No grupo etário da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos é importante lembrar que a freguesia central de Vera Cruz foi a única que viu aumentar substancialmente, a população residente do grupo etário em estudo, ao contrário do que aconteceu com a freguesia da Glória, que registou uma diminuição da população residente deste grupo etário em quase 25%.

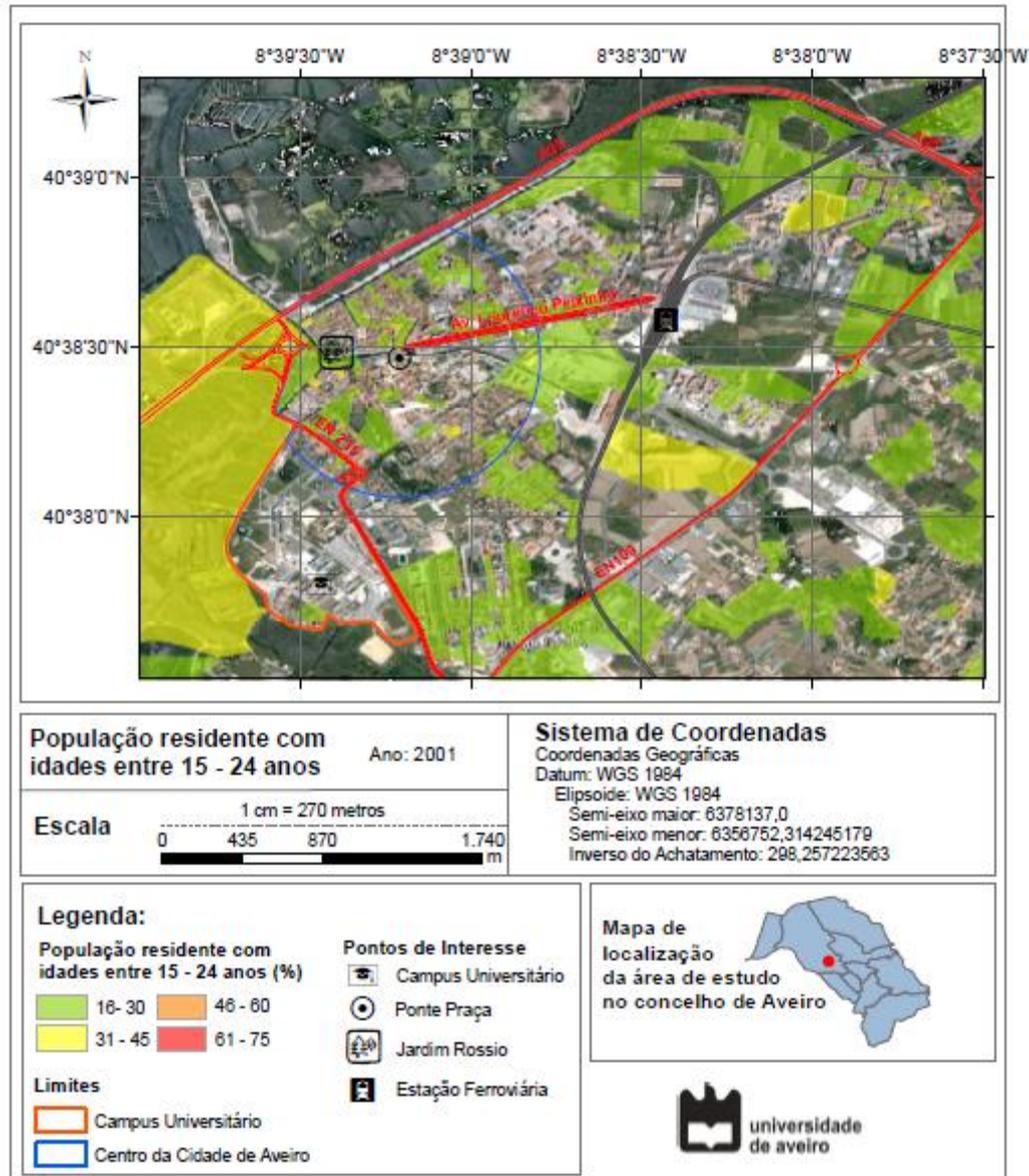
Em relação ao centro da cidade, é de notar em 2001 a mancha dominante das subsecções estatísticas a Sul do Jardim do Rossio e da Avenida Lourenço Peixinho, onde 13 a 24% da população tem idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos. O mesmo centro no ano de 2011 apresenta um ligeiro aumento da população residente do grupo etário em estudo, a Noroeste da Ponte Praça, onde 25 a 36% da população residente tem idades entre os 0 e os 14 anos.

É importante ainda destacar a pequena mancha no centro da cidade, onde em 2001 37 a 48% tem idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos e em 2011, na mesma área 49 a 60% da tem idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos. Há assim um ligeiro aumento do grupo etário em estudo de 2001 para 2011.

Na cidade consolidada de Aveiro, destaca-se a dinâmica demográfica entre a linha ferroviária e a Estrada Nacional 109. Repare-se que em 2001 destaca-se a mancha dominante das subsecções estatísticas, onde 25 a 36% da população residente tem idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos. A mesma área em 2011 é dominada pelas subsecções estatísticas onde 13 a 24% da população residente tem idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos. Há assim uma ligeira diminuição do grupo etário em estudo de 2001 para 2011 (ver mapas 7 e 8).

### 3.2.2 População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos

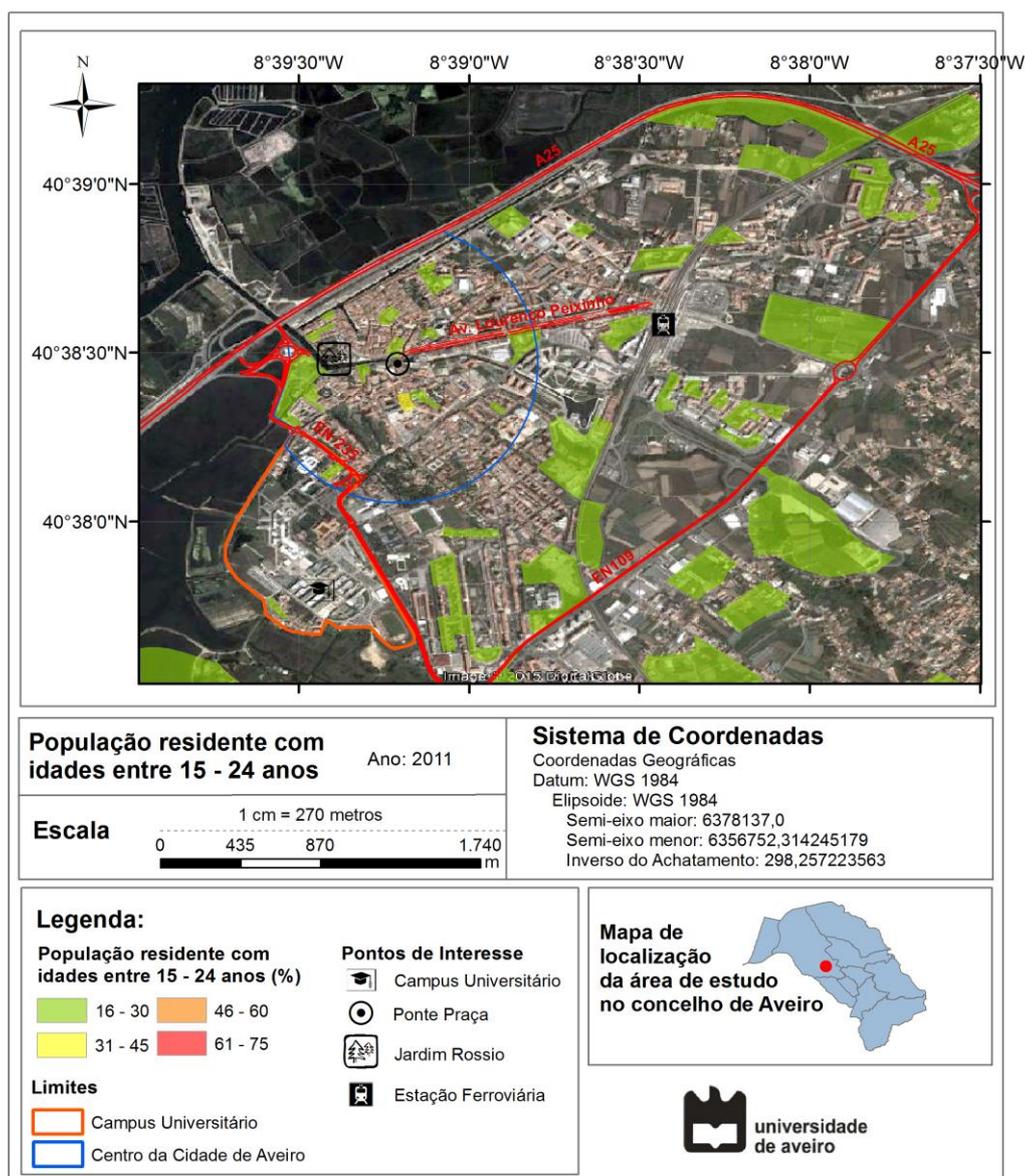
Mapa 9. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos em 2001



Fonte: Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluiu-se as subsecções estatísticas onde 0 a 15% da população residente tem idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos.

**Mapa 10. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos em 2011**



**Fonte:** Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluiu-se as subsecções estatísticas onde 0 a 15% da população residente tem idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos.

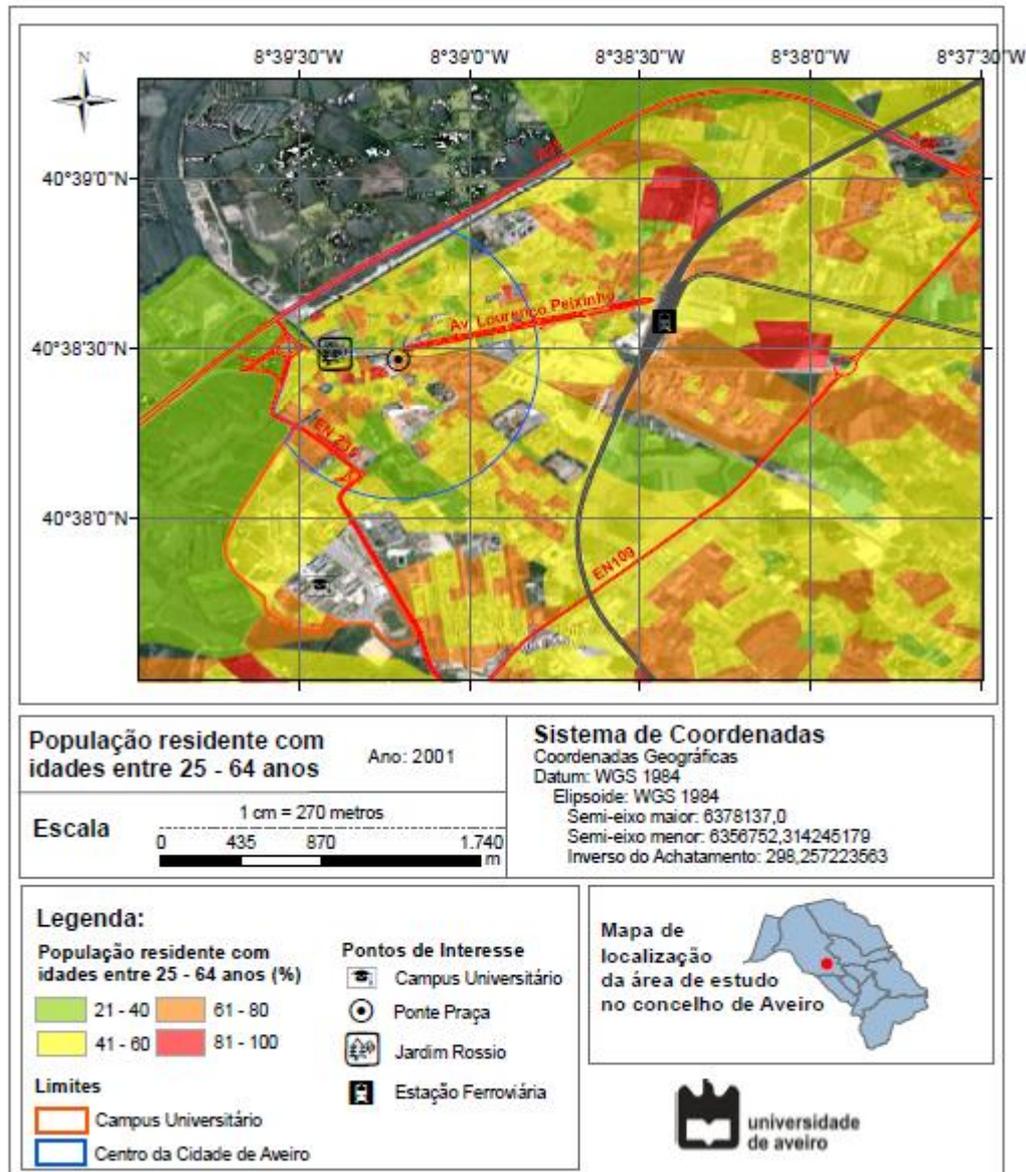
Em relação ao grupo etário com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, é importante lembrar que as duas freguesias centrais do concelho de Aveiro registaram uma diminuição da população residente.

No que respeita ao centro da cidade em 2001, verifica-se que há um predomínio das manchas compostas por subsecções estatísticas, onde 16 a 30% da população residente tem idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. Por outro lado, na cidade consolidada de Aveiro, também dominam as manchas compostas pelas subsecções estatísticas onde 16 a 30% da população residente tem idades entre os 15 e os 24 anos. De destacar a área a Este da linha ferroviária, onde 31 a 45% da população residente tem entre 15 e os 24 anos (ver mapa 9).

No ano de 2011, verifica-se pela análise do mapa, que no centro da cidade há uma clara diminuição da população do grupo etário em estudo, uma vez que em relação a 2001 regista-se uma diminuição das manchas compostas pelas subsecções estatísticas, onde 16 a 30% da população residente tem idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. Destaca-se apenas uma pequena área onde 31 a 45% da população residente tem entre os 15 e os 24 anos de idade. Em relação à cidade consolidada de Aveiro, há uma clara diminuição das subsecções estatísticas com representação da população do grupo etário em estudo. As que veem representado o grupo etário com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, detêm apenas 16 a 30% de população residente com estas idades (ver mapa 10).

### 3.2.3 População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos

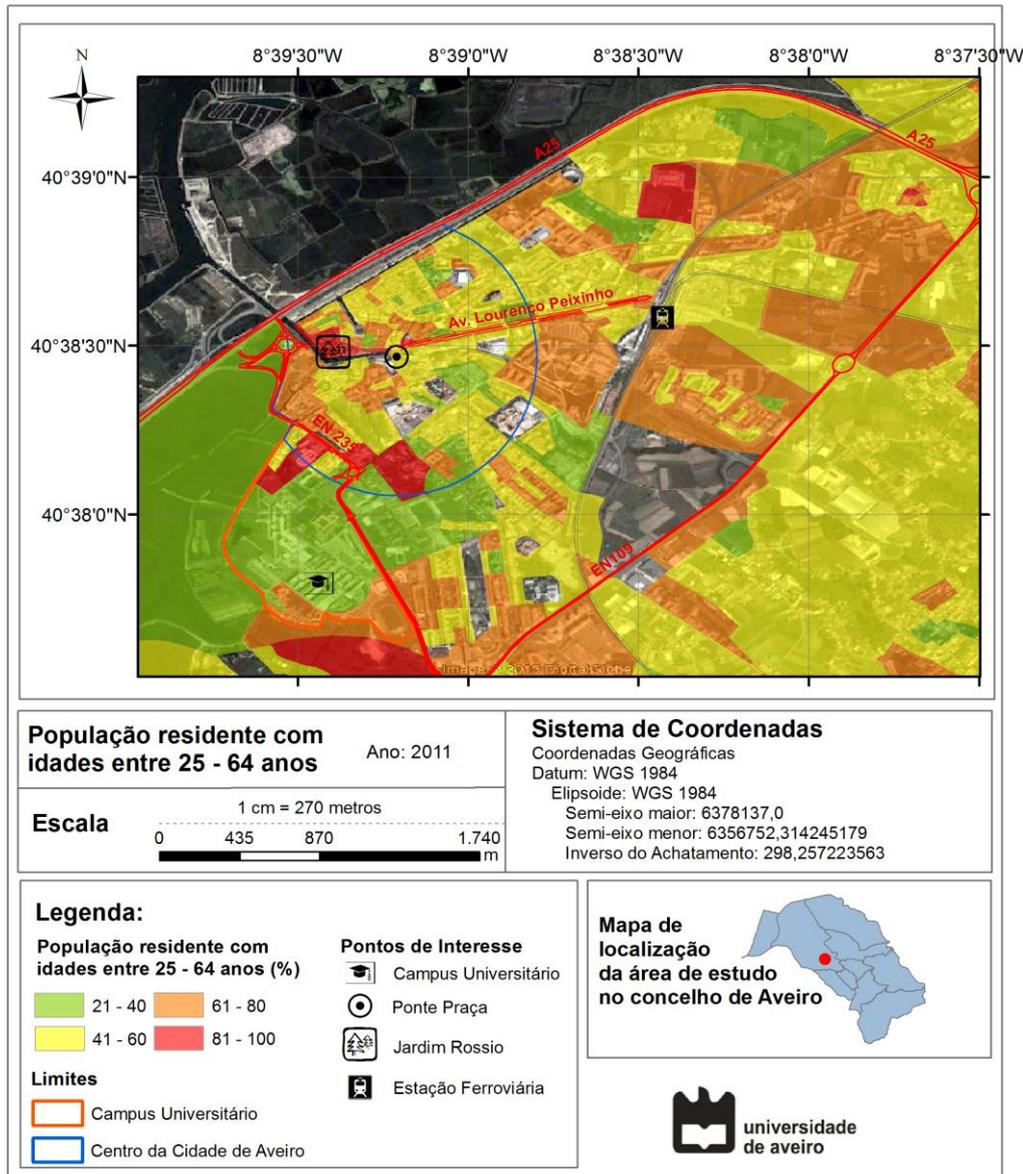
Mapa 11. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos em 2001



Fonte: Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluiu-se as subsecções estatísticas onde 0 a 20% da população residente tem idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos.

**Mapa 12. Distribuição da população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos em 2011**



**Fonte:** Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluiu-se as subsecções estatísticas onde 0 a 20% da população residente tem idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos.

Em relação ao grupo etário com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos, o grupo etário em idade ativa, é importante referir que no contexto das freguesias centrais de Aveiro houve uma dinâmica demográfica contraditória. A freguesia da Glória registou uma diminuição percentual da população residente em quase 5%, e a freguesia de Vera Cruz registou um aumento da população residente superior a 16 %.

O grupo etário em análise é um dos grupos com representação até 100% ao nível da subsecção estatística, ao contrário do que aconteceu com os grupos analisados anteriormente.

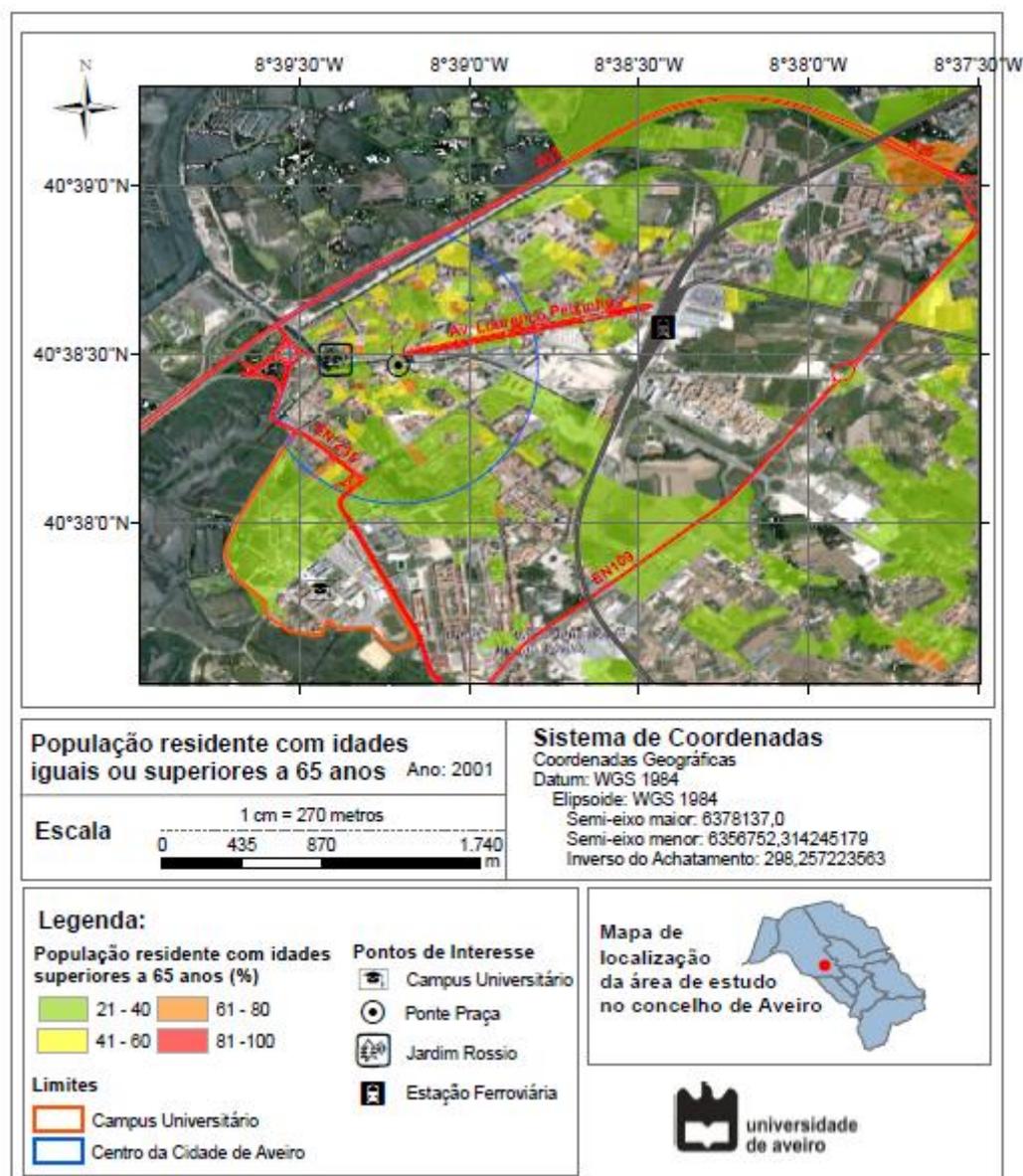
Em 2001 verifica-se pela análise do mapa que o centro da cidade é dominante a mancha amarela onde 41 a 60% da população residente tem idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos. Destacam-se igualmente as subsecções estatísticas, junto à ponte praça, onde 61 a 80% da população residente tem idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos. No espaço da cidade consolidada de Aveiro, vê-se que a maior parte das subsecções estatísticas detêm entre 41 a 60% da população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos. Destaca-se igualmente a zona da Forca, pela elevada representação da variável em análise. Ou seja, nesta zona da cidade consolidada de Aveiro, 61 a 100% da população residente detêm entre os 25 e os 64 anos de idade (ver mapa 11).

Em 2011 a dinâmica demográfica do centro da cidade revelou-se um pouco diferente. Mantém-se o predomínio das subsecções estatísticas onde 41 a 60% da população detêm entre os 25 e os 64 anos de idade. Contudo, destacam-se as subsecções junto ao limite do centro da cidade a sul, onde 61 a 100% da população residente tem idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos de idade.

Quanto ao espaço da cidade consolidada de Aveiro, pode-se afirmar que há um aumento da população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos de idade. Centre-se a atenção nos espaços entre a linha ferroviária e a Estrada Nacional 109 e junto ao campus universitário. A maior parte das subsecções estatísticas que em 2001 detinham apenas 41 a 60% da população residente com idades entre os 25 e os 64 anos, veem em 2011 aumentar a sua representação para 61 a 80% da população residente (ver mapa 12).

### 3.2.4 População residente com idade igual ou superior a 65 anos

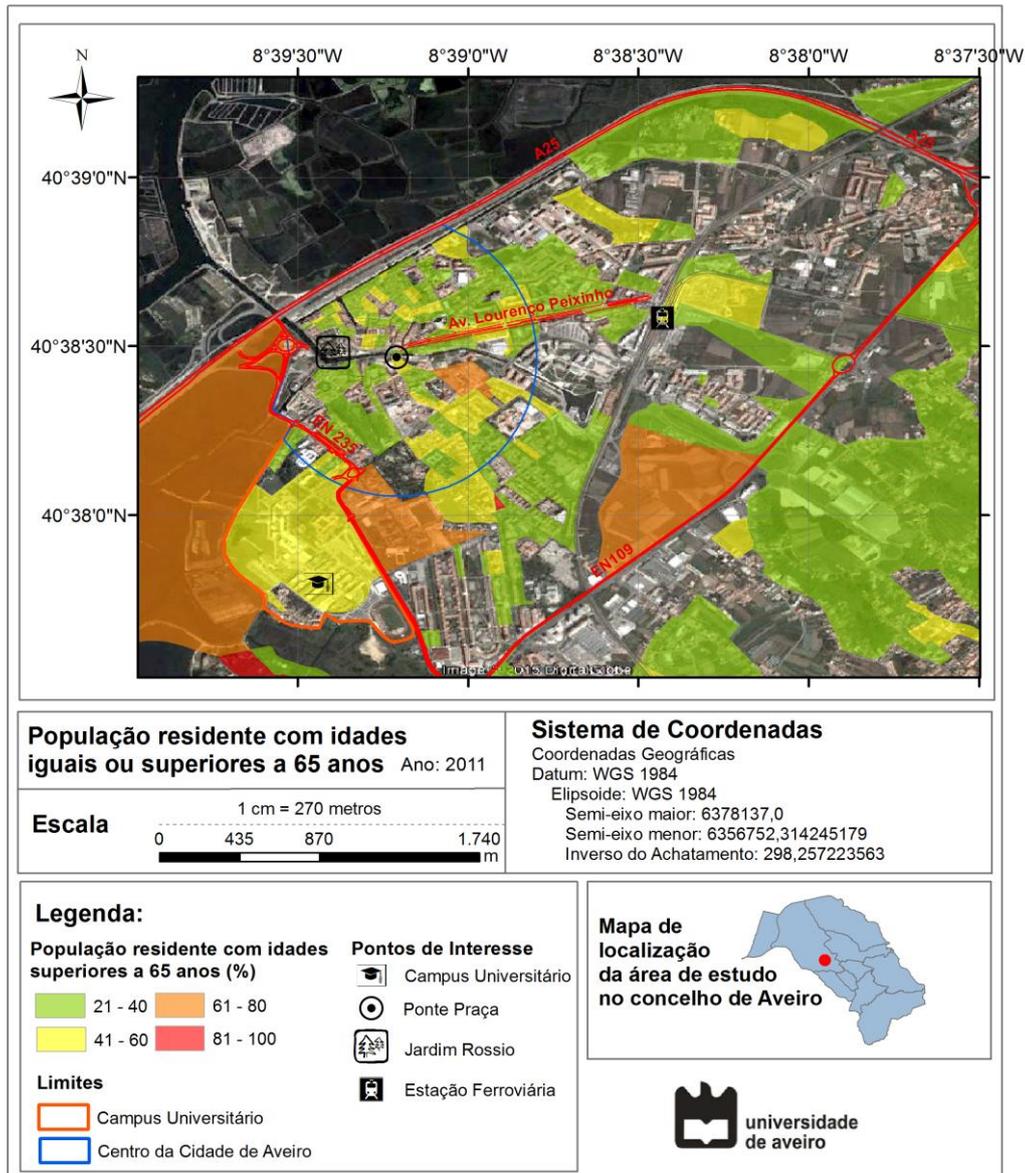
Mapa 13. Distribuição da população residente tem idades iguais ou superiores a 65 anos em 2001



Fonte: Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluiu-se as subsecções estatísticas onde 0 a 20% da população residente tem idades iguais ou superiores a 65 anos.

**Mapa 14. Distribuição da população residente tem idades iguais ou superiores a 65 anos em 2011**



**Fonte:** Autora da dissertação

**Nota:** De forma a facilitar a leitura do mapa, excluiu-se as subsecções estatísticas onde 0 a 20% da população residente tem idades iguais ou superiores a 65 anos.

Finalmente o grupo etário referente à população idosa, os indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos, é importante lembrar que à escala das freguesias centrais, ambas registaram aumento da população residente. Contudo o cenário ao nível do centro da cidade e da cidade consolidada de Aveiro é mais positivo, apesar de ser o segundo grupo etário com representação até 100% ao nível da subsecção estatística.

Em 2001 verifica-se que o centro da cidade é dominado pelas manchas onde 21 a 40% da população residente tem idades iguais ou superiores a 65 anos. São poucas as subsecções estatísticas existentes onde 41 a 60% da população tem idades iguais ou superiores a 65 anos. O cenário demográfico ao nível da cidade consolidada de Aveiro não é muito diferente, pois as subsecções estatísticas com representação do grupo etário em análise detêm apenas 41 a 60% da população residente com idades iguais ou superiores a 65 anos. Destaca-se apenas algumas das subsecções a Norte da Avenida Lourenço Peixinho, onde 41 a 80% da população residente tem idades iguais ou superiores a 65 anos (ver mapa 13).

Em relação à dinâmica demográfica em 2011, no centro da cidade verifica-se que à semelhança do que aconteceu com as freguesias centrais, há um aumento da população idosa no centro da cidade, no sentido e que tal como se pode verificar no mapa, as subsecções estatísticas a Sul da Avenida Lourenço Peixinho, tem na sua maior parte 41 a 60% de população residente idosa, quando em 2001 as mesmas subsecções detinham apenas entre 21 a 40% de população idosa. No centro da cidade em 2011 destaca-se igualmente uma mancha onde as subsecções estatísticas detêm entre 61 a 80% de população idosa.

Quanto à cidade consolidada de Aveiro, também se pode afirmar que há um aumento ligeiro da população idosa. Centre-se a atenção no espaço entre a linha ferroviária e a Estrada Nacional 109. Enquanto em 2001 as subsecções estatísticas com representação deste grupo etário detinham na sua maior parte entre 21 a 40% da população idosa, em 2011, destaca-se o espaço abaixo da zona da Forca onde 61 a 80% da população residente é idosa. É importante referir ainda o espaço junto à estação ferroviária onde em 2001, a representação estatística era praticamente inexistente e em 2011, 21 a 60% da população é idosa (ver mapa 14).

### 3.3 Síntese e discussão

À semelhança do que aconteceu com a dinâmica demográfica dos concelhos e respetivas freguesias centrais, a análise do centro da cidade e da cidade consolidada de Aveiro veio confirmar que a dinâmica desta área de estudo, nada tem a ver com a dinâmica demográfica das freguesias centrais e do seu concelho, Aveiro.

A pergunta que se impõe é “Estará o centro da cidade de Aveiro realmente envelhecido?” Após cartografar-se os quatro grupos etários sob dois anos de análise, percebe-se que o centro da cidade de Aveiro e a cidade consolidada de Aveiro não estão envelhecidos. É certo que registou-se um aumento da percentagem da população idosa em apenas algumas das subsecções estatísticas, mas são muito poucas as subsecções onde 81 a 100% da população residente tem idades iguais ou superiores a 65 anos. A análise dos mapas 13 e 14 permitiram perceber que quase são impercebíveis estas subsecções.

Por outro lado, e tal como já foi referido no capítulo anterior, o envelhecimento da população decorre não só do aumento da população idosa, como também da diminuição da população mais jovem. É facto que os grupos etários mais jovens, os referentes à “População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos” e à “População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos” foram os únicos que não tiveram representação estatística até 100% à escala da subsecção estatística. Contudo, os mapas permitiram concluir que os grupos mais jovens (população com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos e população com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos) têm representação na maior parte das subsecções estatísticas, no centro da cidade e na cidade consolidada entre 13 e os 30% sensivelmente, nos dois anos de análise.

Apesar dos grupos mais jovens parecerem ter pouca representação percentual, ao nível da representação à escala da subsecção estatística, o grupo etário da população em idade ativa a “População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos”, consegue ter uma representação percentual superior ao grupo etário da “População residente com idades iguais ou superiores a 65 anos”, quer no centro da cidade, como também na cidade consolidada de Aveiro nos dois anos de análise. Assim a junção do peso percentual dos grupos etários mais jovens com o grupo etário em idade ativa supera claramente o peso percentual da população idosa quer no centro da cidade, como na cidade consolidada de Aveiro.

## CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO

Viu-se ao longo da presente dissertação que o centro da cidade é o espaço da cidade onde tudo acontece, o centro da vida urbana. Considera-se mesmo que o centro é o coração de qualquer cidade (Jacobs, 2000). Por ser um espaço de enorme importância, centrou-se a atenção na evolução do centro no contexto da cidade ao longo do tempo, para se perceber as características do objeto de estudo em causa. As últimas décadas do século XX foram particularmente importantes, no sentido em que ocorreram um conjunto de transformações sociais, políticas e económicas que alteraram profundamente o centro tradicional das cidades e a estrutura urbana das cidades.

A partir da década de 70 assistiu-se a uma periferação de pessoas, bens e serviços. Esta periferação foi impulsionada pela banalização do uso do automóvel, pelo desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação e pela globalização. A periferia revelou-se o espaço da cidade mais barato, mais espaçoso e menos exigente do ponto de vista burocrático para construção e licenciamento. Surgem assim na periferia das cidades novos centros da cidade, que vieram colmatar necessidades, anteriormente providas pelo centro tradicional. O surgimento de novos centros na periferia das cidades alterou para sempre a estrutura urbana das cidades, no sentido em que a cidade outrora dominada por um centro transforma-se num espaço policêntrico, onde os diversos centros competem entre si diariamente. Surge então a questão: O que aconteceu ao velho centro tradicional?

Carvalho (2013) argumenta que os centros tradicionais são considerados os centros históricos (Carvalho, 2013) e Peixoto (2014), Sebastião (2010) e Cavém (2007) atribuem aos centros históricos um estado defunto, uma crise há muito anunciada que pode levar ao desaparecimento destes centros, bem como do património neles existentes. Porém, a esta crise amplamente divulgada, contrapõe-se o aumento da preocupação com os centros históricos e o turismo nos mesmos (Peixoto, 2003). À anunciada inadaptação dos centros ao automóvel contrapõe-se o aumento da taxa de motorização nos últimos anos para aceder a estes espaços, pois constituem locais de elevada empregabilidade (Seabra, Pinheiro, Marcelino, Santos, & Leitão, 2011). À declaração de abandono massivo dos centros tradicionais, contrapõe-se o argumento que estes espaços são únicos e deveras procurados por diversos grupos da sociedade civil, que veem nos locais mais antigos e tradicionais das cidades, espaços ideais para colmatar as suas necessidades (Salgueiro, 2006). Viu-se assim

que há enormes contrariedades atribuídas ao centro histórico das cidades do ponto de vista económico, social, físico e demográfico, por isso, a atenção desta dissertação centrou-se somente no estudo demográfico destes centros, os centros tradicionais das cidades portuguesas.

A metodologia desta tese centrou-se numa primeira fase por estudar a dinâmica demográfica dos dezoito concelhos, capitais de distrito em Portugal Continental e as respetivas cinquenta freguesias centrais. Optou-se por explorar a dinâmica demográfica destes concelhos e freguesias com o objetivo de se perceber se a dinâmica demográfica dos concelhos é a mesma que a dinâmica demográfica das freguesias centrais.

A definição das freguesias centrais de cada concelho teve por base a metodologia de Gomes, Mota, Sá & Pinto (2013), que definiu como freguesias centrais as áreas dos concelhos com maior densidade de edifícios e infraestruturas, características particulares das zonas mais históricas de cada concelho. De seguida atribuiu-se a cada uma das freguesias centrais uma forma urbana, com o intuito de se perceber as características de ocupação do território. Este exercício revelou-se difícil pois constatou-se que os limites administrativos das freguesias dos concelhos não respeitam a história da sua ocupação, daí também ser difícil delimitar o centro da cidade.

Sugere-se assim que se ajuste os limites administrativos das freguesias dos concelhos à sua história de ocupação. O simples ajustamento dos limites administrativos facilitaria não só a delimitação do centro histórico das cidades, como também a sua caracterização e adoção de políticas adequadas a cada uma das realidades. Propõe-se este ajustamento porque neste momento para se conseguir caracterizar um centro de cidade, ou qualquer área que não tenha limites administrativos definidos, é necessário recorrer aos dados do INE à escala subsecção estatística. Estes dados estão organizados sob um conjunto de variáveis muito limitado, quando comparado com as variáveis disponíveis às escalas do País, concelhos e freguesias, o que condiciona o estudo de objetos de estudo como os que foram explorados nesta dissertação.

Após atribuir-se as diferentes formas urbanas às diferentes freguesias centrais, prosseguiu-se para o estudo das 68 áreas de estudo acima mencionadas, sob as seguintes variáveis:

- População Residente
- População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos
- População residente com idades compreendidas entre 15 e os 24 anos
- População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos
- População residente com idade igual ou superior a 65 anos

Em relação à variável “população residente” 12 dos 18 concelhos de estudo viram aumentar a população e os restantes viram diminuir. A dinâmica das freguesias centrais dos 18 concelhos nem sempre foi a mesma que a dos respetivos concelhos. 25 das 50 freguesias centrais viram diminuir a população residente, 25 das 50 freguesias centrais viram aumentar a população residente e apenas 4 das 50 freguesias centrais seguiram a tendência de crescimento da população residente tal como os respetivos concelhos de estudo.

Quanto ao grupo etário mais jovem, o da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos, 14 dos 18 concelhos de estudo viram diminuir a população residente e apenas 4 concelhos registaram um aumento da população. A dinâmica demográfica das freguesias centrais neste grupo etário, também não foi consensual com dos respetivos concelhos na maior parte das áreas de estudo. 29 das 50 freguesias centrais viram diminuir a população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos, 21 das freguesias centrais viram aumentar a população residente e 12 das 50 freguesias centrais seguiram a mesma tendência demográfica do concelho ao registar uma diminuição da população residente do grupo etário em estudo.

No segundo grupo etário mais jovem, o correspondente à população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, há uma dinâmica consensual na maior parte dos concelhos em estudo e respetivas freguesias centrais. Todos os concelhos viram diminuir a população residente e 47 das 50 freguesias centrais seguiram a mesma tendência.

No que respeita ao grupo da população em idade ativa, população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos, a dinâmica demográfica dos concelhos não

se revelou, mais uma vez, consensual com as respetivas freguesias centrais. Neste grupo 15 dos 18 concelhos de estudos viram aumentar a população residente, 3 dos 18 concelhos viram diminuir a população residente, 29 das 50 freguesias centrais viram aumentar a população residente, 21 das 50 freguesias centrais registaram uma diminuição da população residente e 12 das 50 freguesias centrais seguem a mesma tendência de crescimento da população residente como os respetivos concelhos.

Finalmente o grupo etário correspondente à população idosa, ou seja, população residente com idade igual ou superior a 65 anos, viu aumentar a população residente em todas as 68 áreas de estudo.

A análise demográfica dos dezoito concelhos e respetivas freguesias centrais permitiu concluir que a dinâmica dos primeiros nada tem a ver com a realidade das segundas. Constatou-se que efetivamente todas as áreas de estudo encontram-se envelhecidas mas existem concelhos e freguesias centrais que registaram um aumento da população residente mais jovem, apesar dos seus concelhos terem visto diminuir a população do mesmo grupo etário, o que poderá indiciar que os centros destas cidades poderão não estar envelhecidos como se julga. São exemplo as freguesias centrais de São Pedro do concelho de Vila Real, de Castelo Branco do concelho de Castelo Branco, da Sé do concelho de Portalegre que registaram um aumento significativo da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos. A situação é semelhante nas freguesias de Santa Justa do concelho de Lisboa, de Santa Maria da Graça do concelho de Setúbal e de Santa Maria da Feira do concelho de Beja, que também registaram um aumento da população com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. Seria interessante no futuro tentar se perceber quais são os fatores que estão por detrás deste aumento da população residente nestas freguesias. Nos casos concelhos supracitados, o crescimento da população só ocorreu numa das freguesias centrais, e seria interessante estudar as particularidades destas freguesias que atraem população, quais são os polos atratores.

De seguida, prosseguiu-se para a delimitação e caracterização do centro da cidade de Aveiro, o caso de estudo desta dissertação. O ideal teria sido estudar os 18 centros históricos dos 18 concelhos estudados, mas por uma questão de tempo estudou-se apenas um centro, no caso, o da cidade de Aveiro.

O processo de delimitação do centro da cidade de Aveiro também foi difícil, uma vez que tal como já se referiu, não existem indicadores consensuais que permitam delimitar o espaço correspondente ao centro da cidade. Assim partiu-se do centro da cidade definido por Carvalho, Sá & Soares (2013), e cartografou-se dentro das freguesias centrais, as variáveis “Percentagem de edifícios construídos antes de 1919” e “Percentagem de edifícios principalmente não residenciais”. O centro da cidade de Aveiro corresponde assim à área que integra o centro definido por Carvalho, Sá & Soares (2013), e a área com as percentagens mais elevadas das variáveis cartografadas.

De seguida analisou-se o centro da cidade de Aveiro e a cidade consolidada de Aveiro sob as seguintes variáveis:

- Percentagem da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos;
- Percentagem da população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos;
- Percentagem da população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos;
- Percentagem da população residente com idade igual ou superior a 65 anos;

Voltando à questão inicial do “centro da cidade: “as notícias da minha morte são manifestamente exageradas”?”, a análise do centro da cidade de Aveiro e da cidade consolidada de Aveiro permitiu constatar que há um envelhecimento dominante, decorrente do aumento da percentagem da população residente com idade igual ou superior a 65 anos, em apenas algumas das subsecções estatísticas que compõem as áreas de estudo. Contudo, em 2011 foram muito poucas as subsecções estatísticas onde 81 a 100% da população residente, tinha idades iguais ou superiores a 65 anos. No espaço do centro de Aveiro e na cidade consolidada de Aveiro o peso da população residente dos grupos etários “0 aos 14 anos”, “15 aos 24 anos” e “25 e aos 64 anos” também é bastante significativo. Tal como foi possível constatar nos diversos mapas realizados, há um envelhecimento da população no topo da pirâmide etária, mas compensado por uma base jovem, composta por um peso significativo da população residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos e os 15 e os 24 anos, a par do importante peso da população em idade ativa (população residente com idades compreendidas entre os 24 e os 64 anos), o grupo com

maior peso percentual, representado nos dois anos de estudo. O peso significativo destes grupos etários permite concluir, que o centro da cidade de Aveiro e a cidade consolidada de Aveiro não estão “mortos” do ponto de vista demográfico.

Propõe-se assim que em todos os concelhos capitais de distrito se cartografe nas respetivas freguesias centrais a “Percentagem de edificios construídos antes 1919” e a “Percentagem de edificios principalmente não residenciais”, nas freguesias centrais enumeradas no II capítulo desta dissertação, com o intuito de delinear o centro para cada uma das cidades, e estudá-lo sob diferentes variáveis.

O mais importante é definir indicadores consensuais que permitam identificar claramente as áreas centrais das cidades, para se estudar a realidade de forma concisa e poder adotar-se políticas públicas adequadas. Não se pode aplicar políticas para um centro de cidade, tendo por base apenas a realidade da freguesia em que está inserido, pois nesta dissertação provou-se que a realidade de um concelho nada tem a ver com a realidade da respetiva freguesia central, e no caso, com o centro da cidade. As políticas têm que ser concertadas e integradas mas não podem estar dissociadas da realidade.

## BIBLIOGRAFIA

- Balsas, C. J. L. (1999). *Urbanismo Comercial em Portugal e a Revitalização do Centro das Cidades*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Prospeção Económica.
- Balsas, C. J. L. (2007). City Centre Revitalization in Portugal: A Study of Lisbon and Porto. *Journal of Urban Design*, 12(2), 231–259. Retrieved from:10.1080/13574800701306328
- Barreto, R. (2010). O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação. *CEGOT*, 23–41. Retrieved from: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8280.pdf>
- Bertaud, A. (2004). The spatial organization of cities: Deliberate outcome or unforeseen consequence?. Retrieved from: [http://alainbertaud.com/wp-content/uploads/2013/06/AB\\_The\\_spatial\\_organization\\_of\\_cities\\_Version\\_31.pdf](http://alainbertaud.com/wp-content/uploads/2013/06/AB_The_spatial_organization_of_cities_Version_31.pdf)
- Cavém, M. (2007). *Centros Históricos Contemporâneos: Mudanças de perspectiva na gestão*. Tese de Mestrado em Geografia Humana, Universidade de Lisboa.
- Carvalho, J. (2013). *Ordenar a cidade*. (E. Quarteto, Ed.). Coimbra.
- Carvalho, J., Sá, F. M., & Soares, B. (2011). PROJECTO DE INTERVENÇÃO PARA A AVENIDA LOURENÇO PEIXINHO. In *Seminário Internacional Espaço Público - Acessibilidade e Cidadania*, Câmara Municipal de Aveiro e Universidade de Aveiro, Aveiro, 4 de Outubro, 2011
- Castells, M. & Cardoso, G. (2006). *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- Costa, P. (n.d.). *Cidades e Urbanização em Portugal: Uma Sociologia, Geografia ou Economia Urbana?* (No. 4), 1–25. Retrieved from: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp934.pdf>
- Decreto do Presidente da República nº 160/2012 de 2012 de 8 de novembro. Diário da República nº 216 - 1ª Série. Lisboa. Retrieved from: [http://www.cne.pt/sites/default/files/dl/lei\\_56\\_2012\\_freguesias\\_lisboa.pdf](http://www.cne.pt/sites/default/files/dl/lei_56_2012_freguesias_lisboa.pdf)
- Domingues, Á. (1999). A Especificidade das Áreas Metropolitanas. Potencialidades e Problemas. Em: *Ciclo de encontros Portugal 2000-2006. Debates e documentação Política de cidades e Reabilitação Urbana*. Centro Cultural e de Congressos, Aveiro. 1ª edição. pp. 82-93
- Fernandes, J. A. R. (2010). “ Centro histórico e urbanismo: questões , reflexões e inquietações , a propósito do Porto .” In *Actas de Conferência Nacional* (Vol. 12, pp. 12–25). Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Retrieved from: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9140.pdf>
- Fernandes, J.A. R. (2011) Fórum: Repensar o Futuro, Revista APEMIP – Associação dos Profissionais e Empresas de Mediação Imobiliária de Portugal, Edição Verão.

- Fernandes, J. A. R., & Sposito, M. E. B. (2013). *A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.
- Ferrão, J. (2003). Intervir na cidade: Complexidade, Visão, Rumo. In *Políticas Urbanas - tendências, estratégias e oportunidades*. Fundação Calouste Gulbenkian. Retrieved from: [http://home.fa.ulisboa.pt/~miarq4p5/PlanUrbano2011-12/JFerr%C3%A3o-Intervir na cidade\\_Pol%C3%ADticasUrbanas.pdf](http://home.fa.ulisboa.pt/~miarq4p5/PlanUrbano2011-12/JFerr%C3%A3o-Intervir%20na%20cidade_Pol%C3%ADticasUrbanas.pdf)
- Ferreira, A. M. (2008) Mobilidade em Espaço Urbano. A Emergência de Cidades Inteligentes. XI Colóquio Ibérico de Geografia, em Alcalà de Henares (Madrid), realizado entre 1 a 4 de Outubro.
- Gomes, C., Mota, J., Sá, F.M., & Pinto, M. L. (2013). Centro da cidade: As notícias da minha morte são manifestamente exageradas?. In *Proceedings of the International Conference Europa 2020: retórica, discursos, política e prática*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 5 de Julho, 2013
- Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (2015). *Portal da Habitação(IHRU)* web site. Acedido a Março 16, 2015, em [http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/glossario/detalheVocabulo.jsp?seq\\_codvocabulo=5646](http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/glossario/detalheVocabulo.jsp?seq_codvocabulo=5646)
- Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (2014). Glossário. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IRHU). Retrieved from: <http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/glossario/consultaGlossarioForm.jsp>
- Jacobs, J. (2000). *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes
- Lamas, J. M. R. G. (2000). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lei nº 11-A/2013 de 28 de janeiro. Diário da República nº 19 - I Série. Ministério das Finanças. Lisboa. Retrieved from: [http://www.cne.pt/sites/default/files/dl/lei\\_11\\_a\\_2013\\_reorganizacao-administrativa-freguesias.pdf](http://www.cne.pt/sites/default/files/dl/lei_11_a_2013_reorganizacao-administrativa-freguesias.pdf)
- Lobo, M. (1999). A Requalificação e a Humanização dos Espaços Urbanos. Em: *Ciclo de encontros Portugal 2000-2006. Debates e documentação Política de cidades e Reabilitação Urbana*. Centro Cultural e de Congressos, Aveiro. 1ª edição. pp. 113-118
- Lüscher, P., & Weibel, R. (2013). Exploiting empirical knowledge for automatic delineation of city centres from large-scale topographic databases. *Computers, Environment and Urban Systems*, 37, 18–34. doi:10.1016/j.compenvurbsys.2012.07.001
- Marques, T. S., Guerra, P., Santos, H., & Silva, F. (2011). Da rua à metrópole - morfologias, policentrismo e vivências urbanas. In CEGOT (Ed.), . Lisboa: Faculdade de Linguas da Universidade do Porto. Retrieved from: <file:///C:/Users/Utilizador/Documents/UA/2 ano mestrado/Tese/bibliografia teorica/policentrismo.pdf>

- Marques, T. (1999). O sistema urbano como motor do desenvolvimento. Em: *Ciclo de encontros Portugal 2000-2006. Debates e documentação Política de cidades e Reabilitação Urbana*. Centro Cultural e de Congressos, Aveiro. 1ª edição. pp. 18-35
- Nunes, M. G. V. (2010). *Policentrismo em Portugal: Uma avaliação*. Faculdade de Economia. Retrieved from <http://ideas.repec.org/p/por/fepwps/412.html>
- Portas, N., Domingues, A. & Cabral, J. (2007). *Políticas Urbanas Tendências, estratégias e oportunidades*. (4th ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Portas, N., Domingues, A. & Cabral, J. (2011). *Políticas Urbanas II Transformações, Regulação e Projetos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Peixoto, P. (2003). Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades (pp. 211–226). Retrieved from <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8511.pdf>
- Peixoto, P. (2014). "Centros históricos e riscos urbanos". In *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia* (pp. 136-144). Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia. Retrieved from: [http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR46118320a6050\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR46118320a6050_1.pdf)
- Quintão, J., Moreto, M. J., & Soares, A. (2012). Aveiro - Uma visão integrada da mobilidade urbana, pp 50. Retrieved from: [http://www.cm-santarem.pt/ordenamento/projectos/Documents/4.%C2%BA Congresso Internacional da Rede CIUMED/MUNIC%C3%8DPIO DE AVEIRO - Aveiro %E2%80%93 Uma vis%C3%A3o integrada da mobilidade urbana.pdf](http://www.cm-santarem.pt/ordenamento/projectos/Documents/4.%C2%BA%20Congresso%20Internacional%20da%20Rede%20CIUMED/MUNIC%C3%8DPIO%20DE%20AVEIRO%20-%20Aveiro%20-%20Uma%20vis%C3%A3o%20integrada%20da%20mobilidade%20urbana.pdf)
- Salgueiro, T. B. (1992). *A cidade em Portugal: Uma geografia urbana*. (434ª Edição). Porto: Afrontamento.
- Salgueiro, T. B. (1994). Repensar as Cidades Face a Novos Desafios. *Philosophica* 4, 69-80. Retrieved from: <http://www.centrodefilosofia.com/uploads/pdfs/69-80.pdf>
- Salgueiro, T. B. (2001). *Lisboa, Periferia e Centralidades*. Oeiras: CELTA
- Salgueiro, T. B. (2006). OPORTUNIDADES E TRANSFORMAÇÃO NA CIDADE CENTRO. *Finisterra*, XLI, 9–32. Retrieved from: [http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81\\_01.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81_01.pdf)
- Salgueiro, T. B. (2013). Do centro às centralidades múltiplas. In Fernandes, J., & Sposito, M<sup>a</sup>. E. (org), *A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras*. Porto: FLUP/CEGOT, 13-29
- Seabra, M. I. C., Pinheiro, A. S. M., Marcelino, C. T., Santos, D. A., & Leitão, J. M. (2011). *GUIA PARA A ELABORAÇÃO DE PLANOS DE MOBILIDADE DE EMPRESAS E PÓLOS ( Geradores e Atractores de Deslocações )* (pp. 1–196). Retrieved from: [http://www.conferenciamobilidade.imtt.pt/pacmob/guia\\_pmob/Guia\\_PM\\_Empresas\\_e\\_Polos\\_Marco\\_2011.pdf](http://www.conferenciamobilidade.imtt.pt/pacmob/guia_pmob/Guia_PM_Empresas_e_Polos_Marco_2011.pdf)
- Sebastião, A. S. C. (2010). *Planeamento estratégico para o Centro Histórico de Torres Vedras*. Tese de Mestrado em Gestão do Território e Urbanismo, Universidade de

Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Retrieved from: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3862>

Sistema Integrado de Metainformação (2015). Conceitos. Instituto Nacional de Estatística (INE). Retrieved from: <http://smi.ine.pt/Pesquisa>

Sustainable Urban Development in the European Union: A Framework for action. (n.d.). Retrieved from: [http://ec.europa.eu/environment/urban/pdf/framework\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/environment/urban/pdf/framework_en.pdf)

Xerez, R. (2008). "Dinâmicas do Território: Centralidades e Gentrificação na Área Metropolitana de Lisboa". In *VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA Mundos Sociais: Saberes e Práticas* (pp. 2-14). Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Retrieved from: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/84.pdf>

## ANEXOS

Tabela 1. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente

População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	n°		n°		
<b>Vianna do Castelo</b>	14062		12496		-11,14
Monsserrate		756		542	-28,31
Santa Maria Maior		1377		1416	2,83
<b>Braga</b>	30733		29667		-3,47
Cividade		212		150	-29,25
Maximinos		2033		1649	-18,89
São João do Souto		49		32	-34,69
São José de São Lázaro		2510		1769	-29,52
São Vicente		2406		2278	-5,32
São Vitor		4530		4941	9,07
Sé		662		451	-31,87
<b>Porto</b>	34584		28379		-17,94
Miragaia		314		175	-44,27
São Nicolau		421		221	-47,51
Sé		662		382	-42,30
Vitória		301		172	-42,86
<b>Vila Real</b>	8075		7714		-4,47
Vila Real (São Pedro)		502		649	29,28
<b>Bragança</b>	4840		4377		-9,57
Bragança (Santa Maria)		527		597	13,28
Bragança (Sé)		2734		2592	-5,19
<b>Aveiro</b>	11899		11431		-3,93
Glória		1335		1012	-24,19
Vera Cruz		1291		1325	2,63
<b>Coimbra</b>	20521		17837		-13,08
Coimbra (Almedina)		205		83	-59,51
Coimbra (Santa Cruz)		787		587	-25,41
Santo António dos Olivais		5136		4491	-12,56
Coimbra (São Bartolomeu)		69		45	-34,78
Coimbra (Sé Nova)		853		608	-28,72
<b>Leiria</b>	20558		19317		-6,04
Leiria		2153		1996	-7,29
<b>Viseu</b>	15788		15159		-3,98
Viseu (Coração de Jesus)		1347		1715	27,32
Viseu (Santa Maria de Viseu)		1013		931	-8,09
<b>Guarda</b>	6809		5833		-14,33
Guarda (São Vicente)		1958		1833	-6,38
Guarda (Sé)		1294		943	-27,13
<b>Castelo Branco</b>	7369		7107		-3,56
Castelo Branco		5058		5232	3,44
<b>Lisboa</b>	65548		70494		7,55
Madalena		27		51	88,89
Mártires		33		36	9,09
Sacramento		81		85	4,94
Santa Justa		51		83	62,75
São Cristóvão e São Lourenço		136		105	-22,79
São Nicolau		80		86	7,50
<b>Setúbal</b>	17686		19557		10,58
Setúbal (Santa Maria da Graça)		622		933	50,00
Setúbal (São Julião)		2312		2199	-4,89
<b>Portalegre</b>	3496		3250		-7,04
Sé		1443		1537	6,51
<b>Évora</b>	8422		8148		-3,25
Évora (Santo Antão)		118		124	5,08
Évora (São Mamede)		205		138	-32,68
Sé e São Pedro		164		142	-13,41
<b>Beja</b>	5161		5374		4,13
Beja (Salvador)		881		1045	18,62
Beja (Santa Maria da Feira)		624		922	47,76
Beja (Santiago Maior)		1216		1132	-6,91
Beja (São João Baptista)		900		909	1,00
<b>Santarém</b>	8938		8891		-0,53
Santarém (Marvila)		1289		1113	-13,65
Santarém (São Nicolau)		1507		1620	7,50
Santarém (São Salvador)		1532		1816	18,54
<b>Faro</b>	8295		9400		13,32
Faro (São Pedro)		1748		2266	29,63
Faro (Sé)		4175		4037	-3,31

Tabela 2. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente com idades compreendidas entre 0 e os 14 anos

População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	Freguesia central	Concelho	Freguesia central	
	n°		n°		
<b>Viana do Castelo</b>	14062		12496		<b>-11,14</b>
Monserrate		756		542	-28,31
Santa Maria Maior		1377		1416	2,83
<b>Braga</b>	30733		29667		<b>-3,47</b>
Cidade		212		150	-29,25
Maximinos		2033		1649	-18,89
São João do Souto		49		32	-34,69
São José de São Lázaro		2510		1769	-29,52
São Vicente		2406		2278	-5,32
São Vitor		4530		4941	9,07
Sé		662		451	-31,87
<b>Porto</b>	34584		28379		<b>-17,94</b>
Miragaia		314		175	-44,27
São Nicolau		421		221	-47,51
Sé		662		382	-42,30
Vitória		301		172	-42,86
<b>Vila Real</b>	8075		7714		<b>-4,47</b>
Vila Real (São Pedro)		502		649	29,28
<b>Bragança</b>	4840		4377		<b>-9,57</b>
Bragança (Santa Maria)		527		597	13,28
Bragança (Sé)		2734		2592	-5,19
<b>Aveiro</b>	11899		11431		<b>-3,93</b>
Gloria		1335		1012	-24,19
Vera Cruz		1291		1325	2,63
<b>Coimbra</b>	20521		17837		<b>-13,08</b>
Coimbra (Almedina)		205		83	-59,51
Coimbra (Santa Cruz)		787		587	-25,41
Santo António dos Olivais		5136		4491	-12,56
Coimbra (São Bartolomeu)		69		45	-34,78
Coimbra (Sé Nova)		853		608	-28,72
<b>Leiria</b>	20558		19317		<b>-6,04</b>
Leiria		2153		1996	-7,29
<b>Viseu</b>	15788		15159		<b>-3,98</b>
Viseu (Coração de Jesus)		1347		1715	27,32
Viseu (Santa Maria de Viseu)		1013		931	-8,09
<b>Guarda</b>	6809		5833		<b>-14,33</b>
Guarda (São Vicente)		1958		1833	-6,38
Guarda (Sé)		1294		943	-27,13
<b>Castelo Branco</b>	7369		7107		<b>-3,56</b>
Castelo Branco		5058		5232	3,44
<b>Lisboa</b>	65548		70494		<b>7,55</b>
Madalena		27		51	88,89
Mártires		33		36	9,09
Sacramento		81		85	4,94
Santa Justa		51		83	62,75
São Cristóvão e São Lourenço		136		105	-22,79
São Nicolau		80		86	7,50
<b>Setúbal</b>	17686		19557		<b>10,58</b>
Setúbal (Santa Maria da Graça)		622		933	50,00
Setúbal (São Julião)		2312		2199	-4,89
<b>Portalegre</b>	3496		3250		<b>-7,04</b>
Sé		1443		1537	6,51
<b>Évora</b>	8422		8148		<b>-3,25</b>
Évora (Santo Antão)		118		124	5,08
Évora (São Mamede)		205		138	-32,68
Sé e São Pedro		164		142	-13,41
<b>Beja</b>	5161		5374		<b>4,13</b>
Beja (Salvador)		881		1045	18,62
Beja (Santa Maria da Feira)		624		922	47,76
Beja (Santiago Maior)		1216		1132	-6,91
Beja (São João Baptista)		900		909	1,00
<b>Santarém</b>	8938		8891		<b>-0,53</b>
Santarém (Marvila)		1289		1113	-13,65
Santarém (São Nicolau)		1507		1620	7,50
Santarém (São Salvador)		1532		1816	18,54
<b>Faro</b>	8295		9400		<b>13,32</b>
Faro (São Pedro)		1748		2266	29,63
Faro (Sé)		4175		4037	-3,31

Tabela 3. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos

População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	freguesia centr	Concelho	freguesia centr	
	nº		nº		
<b>Viana do Castelo</b>	13350		9573		-28,29
Monserrate		834		532	-36,21
Santa Maria Maior		1466		1126	-23,19
<b>Braga</b>	26642		22098		-17,06
Cividade		339		143	-57,82
Maximinos		1508		1291	-14,39
São João do Souto		61		43	-29,51
São José de São Lázaro		2404		1717	-28,58
São Vicente		1742		1546	-11,25
São Vitor		4128		3467	-16,01
Sé		562		422	-24,91
<b>Porto</b>	36850		25017		-32,11
Miragaia		397		200	-49,62
São Nicolau		445		200	-55,06
Sé		633		341	-46,13
Vitória		343		186	-45,77
<b>Vila Real</b>	7516		5639		-24,97
Vila Real (São Pedro)		730		439	-39,86
<b>Bragança</b>	5036		3577		-28,97
Bragança (Santa Maria)		554		395	-28,70
Bragança (Sé)		2774		2094	-24,51
<b>Aveiro</b>	10588		8551		-19,24
Glória		1584		996	-37,12
Vera Cruz		1041		931	-10,57
<b>Coimbra</b>	21727		14987		-31,02
Coimbra (Almedina)		276		94	-65,94
Coimbra (Santa Cruz)		905		595	-34,25
Santo António dos Olivais		6076		4221	-30,53
Coimbra (São Bartolomeu)		93		48	-48,39
Coimbra (Sé Nova)		1389		672	-51,62
<b>Leiria</b>	17480		14558		-16,72
Leiria		2003		1780	-11,13
<b>Viseu</b>	14589		10897		-25,31
Viseu (Coração de Jesus)		1372		1215	-11,44
Viseu (Santa Maria de Viseu)		1017		654	-35,69
<b>Guarda</b>	6126		4409		-28,03
Guarda (São Vicente)		1764		1213	-31,24
Guarda (Sé)		1085		841	-22,49
<b>Castelo Branco</b>	7066		5424		-23,24
Castelo Branco		4365		3886	-10,97
<b>Lisboa</b>	71634		53507		-25,31
Madalena		54		38	-29,63
Mártires		48		30	-37,50
Sacramento		110		72	-34,55
Santa Justa		84		98	16,67
São Cristóvão e São Lourenço		199		106	-46,73
São Nicolau		123		106	-13,82
<b>Setúbal</b>	16267		12507		-23,11
Setúbal (Santa Maria da Graça)		735		772	5,03
Setúbal (São Julião)		2358		1733	-26,51
<b>Portalegre</b>	3515		2366		-32,69
Sé		1619		1086	-32,92
<b>Évora</b>	7958		5895		-25,92
Évora (Santo Antão)		173		107	-38,15
Évora (São Mamede)		241		165	-31,54
Sé e São Pedro		210		160	-23,81
<b>Beja</b>	4931		3571		-27,58
Beja (Salvador)		803		689	-14,20
Beja (Santa Maria da Feira)		502		508	1,20
Beja (Santiago Maior)		1157		768	-33,62
Beja (São João Baptista)		909		657	-27,72
<b>Santarém</b>	8447		6046		-28,42
Santarém (Marvila)		1354		970	-28,36
Santarém (São Nicolau)		1228		1033	-15,88
Santarém (São Salvador)		1226		1118	-8,81
<b>Faro</b>	8501		6400		-24,71
Faro (São Pedro)		1646		1363	-17,19
Faro (Sé)		4528		3084	-31,89

Tabela 4. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos

População residente com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos					
Área de estudo	2001		2011		Taxa de variação (%)
	Concelho	reguesia centr	Concelho	reguesia centr	
	nº		nº		
<b>Viana do Castelo</b>	46921		49321		5,11
Monserrate		2987		2708	-9,34
Santa Maria Maior		5375		6007	11,76
<b>Braga</b>	89053		105835		18,84
Cidade		1006		767	-23,76
Maximinos		5497		5587	1,64
São João do Souto		316		231	-26,90
São José de São Lázaro		8076		7641	-5,39
São Vicente		6691		7765	16,05
São Vitor		14314		17601	22,96
Sé		1910		1944	1,78
<b>Porto</b>	140694		129112		-8,23
Miragaia		1461		1156	-20,88
São Nicolau		1454		1005	-30,88
Sé		2316		1829	-21,03
Vitória		1306		976	-25,27
<b>Vila Real</b>	26631		29156		9,48
Vila Real (São Pedro)		2372		2752	16,02
<b>Bragança</b>	18089		19182		6,04
Bragança (Santa Maria)		1760		2272	29,09
Bragança (Sé)		9294		10494	12,91
<b>Aveiro</b>	40267		45202		12,26
Glória		5431		5166	-4,88
Vera Cruz		4878		5664	16,11
<b>Coimbra</b>	81656		81786		0,16
Coimbra (Almedina)		649		438	-32,51
Coimbra (Santa Cruz)		3537		2969	-16,06
Santo António dos Olivais		22070		22324	1,15
Coimbra (São Bartolomeu)		380		304	-20,00
Coimbra (Sé Nova)		4416		3862	-12,55
<b>Leiria</b>	65195		70986		8,88
Leiria		7715		8415	9,07
<b>Viseu</b>	48993		54730		11,71
Viseu (Coração de Jesus)		4795		6602	37,69
Viseu (Santa Maria de Viseu)		3694		3618	-2,06
<b>Guarda</b>	22721		23426		3,10
Guarda (São Vicente)		6569		6928	5,47
Guarda (Sé)		4166		4055	-2,66
<b>Castelo Branco</b>	28893		30222		4,60
Castelo Branco		17526		20328	15,99
<b>Lisboa</b>	294171		292772		-0,48
Madalena		196		238	21,43
Mártires		180		234	30,00
Sacramento		474		438	-7,59
Santa Justa		338		551	63,02
São Cristóvão e São Lourenço		832		779	-6,37
São Nicolau		590		802	35,93
<b>Setúbal</b>	63156		67215		6,43
Setúbal (Santa Maria da Graça)		2844		4147	45,82
Setúbal (São Julião)		9680		9160	-5,37
<b>Portalegre</b>	13427		13501		0,55
Sé		5425		6169	13,71
<b>Évora</b>	29726		31386		5,58
Évora (Santo Antão)		654		673	2,91
Évora (São Mamede)		990		853	-13,84
Sé e São Pedro		922		847	-8,13
<b>Beja</b>	18395		19347		5,18
Beja (Salvador)		3093		3698	19,56
Beja (Santa Maria da Feira)		1766		2382	34,88
Beja (Santiago Maior)		4263		4310	1,10
Beja (São João Baptista)		3321		3492	5,15
<b>Santarém</b>	33129		33101		-0,08
Santarém (Marvila)		5084		4609	-9,34
Santarém (São Nicolau)		4915		5431	10,50
Santarém (São Salvador)		5134		6040	17,65
<b>Faro</b>	32020		37106		15,88
Faro (São Pedro)		7246		8441	0,02
Faro (Sé)		15736		17092	0,01

Tabela 5. Volume, distribuição e taxa de variação da população residente com idade igual ou superior a 65 anos

Área de estudo	População residente com 65 e mais anos				Taxa de variação (%)
	2001		2011		
	Concelho	freguesia centr.	Concelho	freguesia centr.	
	n°		n°		
<b>Viana do Castelo</b>	14298		34670		142,48
Monserrate		1060		2332	120,00
Santa Maria Maior		1722		4192	143,44
<b>Braga</b>	17764		47788		169,02
Cividade		327		724	121,41
Maximinos		992		2530	155,04
São João do Souto		506		838	65,61
São José de São Lázaro		1840		4898	166,20
São Vicente		1323		3294	148,98
São Vitor		2435		7266	198,40
Sé		453		1082	138,85
<b>Porto</b>	51003		110166		116,00
Miragaia		638		1072	68,03
São Nicolau		617		960	55,59
Sé		1140		1816	59,30
Vitória		770		1134	47,27
<b>Vila Real</b>	7735		18682		141,53
Vila Real (São Pedro)		818		1852	126,41
<b>Bragança</b>	6785		16410		141,86
Bragança (Santa Maria)		563		1352	140,14
Bragança (Sé)		1791		5466	205,19
<b>Aveiro</b>	10581		26532		150,75
Glória		1567		3850	145,69
Vera Cruz		1442		3474	140,92
<b>Coimbra</b>	24539		57572		134,61
Coimbra (Almedina)		391		578	47,83
Coimbra (Santa Cruz)		1637		3096	89,13
Santo António dos Olivais		6234		15800	153,45
Coimbra (São Bartolomeu)		314		460	46,50
Coimbra (Sé Nova)		1637		3198	95,36
<b>Leiria</b>	16614		44072		165,27
Leiria		2075		5436	161,98
<b>Viseu</b>	14131		36976		161,67
Viseu (Coração de Jesus)		1202		3426	185,02
Viseu (Santa Maria de Viseu)		1406		3174	125,75
<b>Guarda</b>	8166		17746		117,32
Guarda (São Vicente)		1223		3410	178,82
Guarda (Sé)		1014		2238	120,71
<b>Castelo Branco</b>	12380		26712		115,77
Castelo Branco		4291		11592	170,15
<b>Lisboa</b>	133304		261920		96,48
Madalena		103		132	28,16
Mártires		80		144	80,00
Sacramento		215		294	36,74
Santa Justa		227		318	40,09
São Cristóvão e São Lourenço		445		702	57,75
São Nicolau		382		474	24,08
<b>Setúbal</b>	16825		43812		160,40
Setúbal (Santa Maria da Graça)		1139		3536	210,45
Setúbal (São Julião)		2720		7296	168,24
<b>Portalegre</b>	5542		11626		109,78
Sé		1500		3726	148,40
<b>Évora</b>	10413		22334		114,48
Évora (Santo Antão)		528		838	58,71
Évora (São Mamede)		734		1136	54,77
Sé e São Pedro		729		1084	48,70
<b>Beja</b>	7275		15124		107,89
Beja (Salvador)		997		2316	132,30
Beja (Santa Maria da Feira)		685		1462	113,43
Beja (Santiago Maior)		1220		2820	131,15
Beja (São João Baptista)		1138		2674	134,97
<b>Santarém</b>	13049		28324		117,06
Santarém (Marvila)		1857		4704	153,31
Santarém (São Nicolau)		1386		3086	122,66
Santarém (São Salvador)		1319		3078	133,36
<b>Faro</b>	9235		23308		152,39
Faro (São Pedro)		2121		5014	136,40
Faro (Sé)		4107		10658	159,51